Echos de partout

Nous avons raconté hier les événements qui se sont produits lundi matin à Rio-de-Janeiro et qui ont amené la chute du président da Fonseca.

G'est le 15 novembre 1889 qu'a éclaté au



Brésil la révolution qui a amené la chute de l'empereur Dom Pédro et l'établissement d'un régime nouveau qui n'a pas tardé à être transformé en une véritable dictature au profit du maréchal Deodoro da Fonseca.

Le marechal da Fonseca Cette dictature avait soulevé d'énergiques protestations, et la lutte avait été vive entre le maréchal da Fonseca et le pouvoir législatif représenté par le Congrès. Le maréchal avait même récemment dissous ce Congrès, proclamé l'état de siège et établi un régime de violence qui a amené une coalition de tous les mécontents et provoqué une réaction irrésistible.











GOLPE E QUEDA DE DEODORO NA IMPRENSA FRANCÓFONA

(NOVEMBRO DE 1891)

RETO MONICO

GOLPE E QUEDA DE DEODORO NA IMPRENSA FRANCÓFONA (NOVEMBRO DE 1891)





DIRECTORA: MARÍLIA PULQUÉRIO FUTRE PINHEIRO



DIRETORIA

PRESIDENTE - FRANCISCO DAS NEVES ALVES
VICE-PRESIDENTE - PEDRO ALBERTO TÁVORA BRASIL
DIRETOR DE ACERVO - MAURO PÓVOAS
1° SECRETÁRIO - LUIZ HENRIQUE TORRES
2° SECRETÁRIO - RONALDO OLIVEIRA GERUNDO
TESOUREIRO - VALDIR BARROCO

Reto Monico

GOLPE E QUEDA DE DEODORO NA IMPRENSA FRANCÓFONA (NOVEMBRO DE 1891)



- 27 -



UIDB/00077/2020







Lisboa / Rio Grande 2020

Ficha Técnica

Título: Golpe e Queda de Deodoro na imprensa francófona (Novembro de 1891)

Autor: Reto Monico Coleção Documentos. 27

Composição & Paginação: José Gomes

Capa: Le Petit Journal, 25 de novembro 1891

Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias, Faculdade de Letras da

Universidade de Lisboa Biblioteca Rio-Grandense Lisboa / Rio Grande, Setembro de 2020

ISBN - 978-65-87216-12-6

O autor:

Reto Monico nasceu em 1953 na Suíça italiana. Em 1977, licenciou-se em História na Faculdade de Letras da Universidade de Genebra. Doutorou-se em 2003 com a tese Suisse-Portugal: regards croisés (1890-1930), publicada em 2005. Nos seus trabalhos, analisa sobretudo a imagem dada pela imprensa internacional e pela diplomacia suíça sobre aspectos e acontecimentos da História contemporânea de Portugal e do Brasil.



Conselho Editorial

Alvaro Santos Simões Junior (Universidade Estadual Paulista - Assis)

António Ventura (Universidade de Lisboa)

Beatriz Weigert (Universidade de Évora)

Carlos Alexandre Baumgarten (PUCRS)

Eloisa Helena Capovilla da Luz Ramos (UNISINOS)

Ernesto Rodrigues (CLEPUL – Universidade de Lisboa)

Francisco Topa (Universidade do Porto)

Gilda Santos (Real Gabinete Português de Leitura)

Isabel Lousada (Universidade Nova de Lisboa)

Isabel Lustosa (Fundação Casa de Rui Barbosa)

João Relvão Caetano (Cátedra Infante Dom Henrique - CIDH)

José Eduardo Franco (CIDH e CLEPUL – Universidade de Lisboa)

Maria Aparecida Ribeiro (Universidade de Coimbra)

Maria Cristina Firmino Santos (Universidade de Évora)

Maria Eunice Moreira (PUCRS)

Tania Regina de Luca (UNESP)

Vania Pinheiro Chaves (CIDH e CLEPUL – Universidade de Lisboa)

Virgínia Camilotti (UNIMEP)

Apresentação

Depois da queda de D. Pedro II¹, a imprensa europeia não deixa de estar atenta aos acontecimentos que ocorrem no maior país da América do Sul. Em novembro de 1891, o golpe de Deodoro e, vinte dias mais tarde, a sua queda suscitam um grande interesse em vários jornais do Velho Continente.

Neste livro, encontram-se muitos comentários e análises publicados na imprensa francófona europeia — na França, na Suíça e na Bélgica — sobre esta tentativa autoritária falhada por parte do Marechal da Fonseca. Os principais órgãos de imprensa dedicam mais do que um editorial a esta crise.

O ponto de vista destes analistas varia em função da opinião de cada periódico: os jornais monárquicos e clericais esperam o regresso dos Bragança; os mais à esquerda denunciam as tentativas de destabilização do novo regime por parte dos nostálgicos do Império. Os mais moderados criticam sem meios termos a ditadura, não desejando, porém, um regresso do antigo regime. Muitos, todavia, censuram o papel dos militares no Brasil e, sobretudo, a desastrosa política monetária do governo do Rio de Janeiro. Alguns escrevem que o Brasil

¹ Cf ALVES, Francisco das Neves & MONICO, Reto. *Desventuras de um Imperador sem trono: a República brasileira no olhar da imprensa satírica europeia.* Lisboa: CLEPUL, 2015; MONICO, Reto & ALVES, Francisco das Neves. *República no Brasil !?... Os comentários dos jornais europeus.* Lisboa: CLEPUL, 2016.

nada ganhou com a República, antes pelo contrário, e que corre talvez o risco de desagregar.

Não podemos deixar de assinalar o lugar ocupado pelo Rio Grande do Sul nos comentários destes jornalistas. Finalmente, podemos destacar a entrevista a D. Pedro II em *Le Figaro* e dois longos artigos enviados do Brasil pelo correspondente do quotidiano parisiense *Le Temps*.

Os jornais de referência — *Journal des Débats, Le Temps, L'Indépendance Belge,* mas também *Le Figaro* — são os que mais se debruçam sobre o Brasil. Alguns jornais belgas e suíços transcrevem, sem indicar a fonte, uma parte dos editoriais dos dois primeiros diários parisienses supracitados. Mesmo um quotidiano importante como o liberal *Gazette de Lausanne* copia por quatro vezes uma grande parte de editoriais do mais antigo diário francês da altura, o *Journal des Débats,* e também de *Le Temps*.

O número de artigos dedicados à tentativa autoritária por parte do primeiro presidente da República brasileira é deveras significativo. Trata-se logicamente de uma escolha, mas os cerca de oitenta textos aqui reproduzidos contém todos os principais editoriais escritos pelos periódicos francófonos europeus sobre o Brasil neste mês de novembro de 1891².

históricas citadas nos artigos aqui transcritos.

² Com o objetivo de facilitar a leitura do texto original, antes de cada artigo, encontra-se um resumo em português. Inserimos também algumas notas de rodapé com breves informações sobre os periódicos francófonos e, igualmente, com pequenas notas biográficas de personagens

Sumário

O Golpe de Estado do Primeiro Presidente da República do Bra (1891) (Francisco das Neves Alves)	
Capítulo 1. O Golpe de Deodoro na imprensa francesa	18
Capítulo 2. O Golpe de Deodoro na imprensa da Suíça francesa	.101
Capítulo 3. O Golpe de Deodoro na imprensa francófona belga	.131
Capítulo 4. A Queda de Deodoro na imprensa francesa	.165
Capítulo 5. A Queda de Deodoro na imprensa da Suíça francesa	214
Capítulo 6. A Queda de Deodoro na imprensa francófona belga	232
Periódicos consultados	.251
Résumé en français	252

O Golpe de Estado do Primeiro Presidente da República do Brasil (1891)

O mês de novembro de 1891 significou um momento de inflexão na História do Brasil Republicano. A jovem República não chegara ainda ao segundo aniversário e as profundas dificuldades político-institucionais e econômico-financeiras prenunciavam a crise bélico-revolucionária. As diferentes e, às vezes, divergentes tendências partidárias que se manifestavam nessa época buscavam, cada uma a sua maneira, plasmar uma determinada identidade à nova forma de governo, cada qual intentando moldar a sua "verdadeira república". Nesse quadro de conflitos, as fortes divergências também se faziam sentir em uma verdadeira queda de braço entre o Executivo e o Legislativo. O primeiro Presidente da República, marechal Deodoro da Fonseca, de acordo com a feição autoritária de seu modo de pensar e agir, insatisfeito quanto à divisão do poder no país e considerando a ação do Legislativo como um obstáculo à sua atuação, desencadeou um golpe de Estado, promovendo a dissolução do Congresso Nacional, a 3 de novembro de 1891.

Essa atitude golpista de Deodoro significava a culminância de um crescente quadro de conflitos entre o presidente e o Legislativo Nacional. Desde a oposição à sua candidatura lançada no Congresso, apesar da vitória, Deodoro da Fonseca não soube aceitar a interferência das divergentes opiniões de

deputados e senadores junto à sua administração. A mudança no primeiro ministério republicano, com a ascensão de um novo grupo de ministros, liderados pelo barão de Lucena, figura associada à forma de governo decaída, e considerados como indivíduos sem maior prestígio e alçados ao poder apenas a partir da vontade unipessoal do presidente foi um dos fatores que mais agravou o quadro de impopularidade para com Deodoro. Além disso, as diversas querelas envolvendo as questões em torno da vida econômica e das finanças nacionais, nas quais o primeiro presidente era constantemente acusado de proteger e favorecer interesses individuais, e as diversas atitudes calcadas no autoritarismo reforçavam o caráter impopular que marcava o novel governo republicano.

Para buscar justificar/legitimar seu golpe, o marechal Deodoro publicou um longo manifesto intitulado "O Presidente da República aos Brasileiros"³, intentando explicar os motivos que, de acordo com a sua perspectiva, levaramno a dissolver o Congresso. No documento, o marechal buscava demonstrar que a "liberdade" fora a marca registrada de seu governo, ao afirmar que um de seus objetivos fora o de administrar o Brasil "sob os novos moldes democráticos", garantindo eleições "em plena paz", na "absoluta liberdade" e "na manifestação do voto". Referindo-se à Constituição, o primeiro presidente destacava que na mesma procurara "afirmar todo o seu amor à grandeza da liberdade e todo o seu

³ Todas as citações referentes a esse Manifesto foram extraídas de: MELLO, Custódio José de. *O Governo Provisório e a Revolução de 1893.* São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1938. v. 1. t. 1. p. 59-72.; e CARONE, Edgard. *A Primeira República (1889-1930) – texto e contexto.* 4.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988. p. 17-22.

respeito à majestade do direito", ao consagrar "a forma federativa, a divisão, harmoniosa e independente, dos poderes públicos, a extensão e limites das atribuições respectivas, os direitos e deveres do cidadão brasileiro", bem como "as garantias constitucionais de que depende o concurso de todos para a manutenção da ordem e segurança da nação".

Sob o prisma do marechal, a atuação de setores no Congresso visava a uma concentração de poderes nas mãos do Legislativo, afirmando que "grupos radicais e intransigentes" tinham por objetivo "introduzir na obra constitucional ideias e princípios que transferissem para o Poder Legislativo a mais vasta soma de atribuições, embora diminuindo e absorvendo muitas das que são da essência e natureza do Poder Executivo". Deodoro objetivava legitimar sua atitude ao atribuir àquelas intenções do Congresso um caráter "anárquico", ou seja, que desvirtuaria as instituições, ou ainda, cujo intento era restaurar a forma derrubada a 15 de Novembro. Afirmava, então que, tendo em vista aquelas atitudes dos congressistas, o país encontrava-se "face a face com os maiores perigos" de modo que, "não só a fé nas nascentes instituições republicanas tem se entibiado com as perspectivas mais ou menos próximas da anarquia", assim como, "o que é profundamente mais grave, à mercê desse trabalho lastimável e funesto, tentam os adeptos das depostas instituições levantar a bandeira restauradora".

O Presidente da República acusava o Congresso de ter assumido em relação a ele e seus ministros "uma posição inteiramente adversa e hostil", buscando reduzir "a autoridade suprema do Chefe do Estado", para que o

mesmo não passasse "de mero joguete da indisciplina política". Segundo Deodoro, os atos dos congressistas não estariam levando em consideração que, diante dos mesmos, "a primeira vítima sacrificada eram as nascentes instituições republicanas". Em nome da salvação dessas instituições, o Presidente argumentava que tomara aquela medida extremada para defender a República de seus "inimigos", os quais teriam hasteado, "no meio do clamor público, a bandeira da restauração monárquica". Diante dessas propaladas possibilidades restauradoras, Deodoro da Fonseca declarava que o governo possuía "elementos para julgar do grau de procedência e adiantamento em que vão tais maquinações contra a República", sabendo "perfeitamente onde estão os adversários que afrontam a legalidade e a autoridade, certos de que têm por si as dissidências e anomalias do Congresso". Desse modo, em verdadeira exortação pública "aos brasileiros", o marechal explicava que a dissolução do Congresso fora a "última alternativa" em vista da salvação republicana⁴.

_

⁴ Neste sentido, o Presidente da República exclamava em seu Manifesto: "Contemporizei até agora. Se na crise em que se encontra a República eu não apelasse para a nação, dissolvendo, como dissolvo o atual Congresso, eu seria um traidor à pátria. Brasileiros! A situação em que se acha a nossa cara pátria é difícil e suprema. Para salvar as instituições republicanas, assumo perante a nação a responsabilidade do ato que acabo de praticar dissolvendo o Congresso. Esta medida é imposta, além disso, pela salvação pública. A 15 de novembro de 1889, achei-me a vosso lado para a deposição da Monarquia; hoje me encontrais ainda fiel à minha missão de soldado e de brasileiro para depor a anarquia. Achamo-nos minados por todos os lados, e a ideia restauradora ganha caminho à mercê dos mais funestos elementos da dissolução social. Os inimigos da pátria tentam francamente a destruição das instituições. A sua arma é o desespero de todas as classes, o descrédito das nossas finanças. (...) Usamos de generosidade para com os adeptos da Monarquia, e eles nos afrontam já conspirando, já provocando a ação dos poderes públicos de modo ousado e insólito. A linguagem da imprensa partidária, filiada à causa da

Em oposição ao manifesto presidencial, o Congresso Nacional também faria vir a público uma manifestação "À Nação Brasileira"⁵, na qual os senadores e deputados buscaram rebater cada uma das acusações a eles imputadas pelo Presidente da República. Na declaração, o golpe de Estado praticado por Deodoro era considerado como "um atentado de tal ordem, que não encontra paralelo na história das crises violentas por que passaram outros povos", constituindo um fato "sem causa ou motivo algum que o justifique", dissolvendo-se o Congresso "violentamente pelo Poder Executivo, à mão armada, cortando criminosamente a parábola pacífica da transformação social". O ato do presidente era apontado como "despótico" e ilegítimo, uma vez que, além "de ser um processo calunioso, repleto de inverdades contra os legisladores do país, reflete em si as preocupações individuais e acerbas de que se acha possuído o Chefe de Estado". O manifesto de Deodoro da Fonseca foi qualificado como um evidente exemplo de autoritarismo unipessoal, de maneira que "a nação deve ter visto nesse triste documento a presunção

restauração, é um brado de insurreição diária e audaz. Cada pequeno conflito popular de alcance mínimo é logo explorado como a guerra civil declarada, e por toda a parte o telégrafo anuncia a tirania e a matança. Os discursos do Congresso estabelecem diariamente a profunda divisão entre os poderes públicos, e são verdadeiras armas de guerra contra a República. (...) Para evitar todos esses males, resolvo, como disse, dissolver uma assembleia que só poderá acarretar ainda maiores desgraças. Assumo a responsabilidade da situação e prometo governar com a Constituição, que nos rege. Garanto a paz, a ordem e a verdade das instituições republicanas. (...) Um decreto convocará oportunamente o novo Congresso. Brasileiros! Eu, o vosso leal e constante amigo, faço este apelo à vossa vontade soberana, e conto que me ajudeis a salvar as instituições republicanas, únicas que podem assegurar a grandeza e a felicidade da nossa cara pátria."

⁵ Todas as citações referentes a essa manifestação foram extraídas de: MELLO, p. 72-80.

orgulhosa da supremacia absoluta e toda pessoal do Chefe de Estado sobre todos os poderes públicos".

O manifesto dos congressistas explicava que o ato ditatorial, ao contrário do que afirmava seu promotor, estava "longe de justificar a ousada pretensão que se arroga o Poder Executivo de achar-se dentro das atribuições que lhe foram conferidas"; estando "longe disso", já que "depois de promulgada a Carta Constitucional, e em presença de efetivo trabalho legislativo", teria se julgado "no direito de legislar, afrontando e invadindo com o mais estranho desembaraço as faculdades conferidas exclusivamente a um outro poder". Propondo-se a "restabelecer perante o país a verdade dos fatos", os legisladores afirmavam que jamais influíra no Congresso "a falsa arquição que lhe faz de pretender renovar costumes e processos incompatíveis com o regime presidencial", de modo que "a Câmara a que se refere especialmente o manifesto do Presidente da República, nunca foi facciosa, mas altiva e digna", procurando "resquardar a honra de seu mandato perante as invasões do Executivo". Diante dessas asserções, concluíam que "os que compreendem o regime presidencial sabem que a independência do Poder Executivo não exclui a crítica e a fiscalização de seus atos pelo Congresso".

A atitude golpista do presidente foi descrita como o ato "de rasgar suas vestes constitucionais para assumir o papel de um ditador vulgar". Na visão dos congressistas, o que levara ao incremento do movimento restaurador fora a série de erros governamentais, mas que a ruptura constitucional não significaria a solução para aquele problema. Afirmava-se que "o Congresso não

se desapercebeu da corrente reatora que se forma em torno da República, impulsionada precisamente pelos erros do Governo", porém, argumentava-se que "o remédio eficaz e pronto está no respeito às instituições, na guarda dos princípios e na observância da Constituição e das leis", pois, "sem isso toda a política é artificial e falsa".

Defendendo-se das acusações de conivência com a restauração, os legisladores explicavam que o "bom senso" aconselhava que "antes de recorrer às medidas extremas e aos golpes desatinados, os governos precavidos e sérios" deveriam procurar "nobilitar o regime que representam pela sincera aplicação da lei e por um severo regime de moralidade". Declaravam ainda que "são estas brechas por onde penetram os inimigos das instituições republicanas" e que era "assombroso" o discurso governamental no que tange à associação entre os congressistas e o movimento restaurador. Na opinião do Congresso, os argumentos do presidente tinham por base "a mesquinhez e a falsidade", de modo que aquele manifesto, "destinado a dissimular um ato de evidente tirania", não deveria "contudo comparecer aos olhos do mundo civilizado com um cunho relapso de um rebaixamento nacional". Também se utilizando da exortação pública, os congressistas conclamavam a população a reagir contra o golpe, em uma referência ao "direito dos povos à revolução" para eliminar aquele governo que não estaria coadunado com os "verdadeiros" preceitos da forma republicana de governo⁶.

⁶ Neste sentido, os congressistas concluíam seus manifesto: "O fim da ditadura é manifesto: procura rebaixar aos olhos da nação os sentimentos do Congresso, abater o nível moral de sua

Esse espírito do "direito à revolução", em contestação ao golpe de Estado, iria se espalhar pelo país e, em diversos estados, espocavam manifestações contra as autoridades governamentais, com ênfase a mais meridional unidade da República Brasileira, o Rio Grande do Sul, onde a oposição ao autoritarismo deu-se não só em relação à esfera federal, personificada em Deodoro da Fonseca, como à estadual, contrária a figura do governador Júlio de Castilhos. O primeiro Presidente da República não conseguiria sequer o apoio do exército, além da oposição aberta da armada. A reação negativa dos congressistas, das forças armadas e da opinião pública expressa nos vários movimentos rebeldes que espocaram e nas matérias publicadas junto à imprensa levou a um processo inevitável de derrocada, com o afastamento de Deodoro do poder. A 23, o marechal demite-se e Floriano Peixoto torna-se o chefe do executivo.

Em novembro de 1891 demarcava-se uma anômala tradição brasileira de constantes tentativas de bruscas transformações institucionais. No exterior, o

autoridade e por esse modo desprestigiá-lo perante o país. Semelhante increpação cobre de verdadeira tristeza o Congresso que vê com o mais profundo pesar, pela primeira vez em sua pátria, em uma época que deveria ser a da regeneração dos costumes públicos, agitar-se, como fundamento de um golpe de Estado, assunto de tão baixo nível. Há um erro grave da parte do atual ditador: — ele não acredita nas ressurreições da história. Qualquer que seja o abatimento em que se julgue ter caído o espírito desta nação, é ilusório supor que ela haja esquecido para sempre os heróicos testemunhos de sua antiga virilidade. Nós, Membros do Congresso, dirigimo-nos altivamente aos nossos concidadãos a fim de, neste momento angustioso para nossa pátria, dizer-lhes que não reconhecemos de modo algum o atentado que acaba de ser praticado contra seus direitos soberanos e que, se pudesse consumar-se à face do país e do mundo, seria o perpétuo opróbrio desta nação. Nenhum povo conquista e mantém a liberdade sem grande sacrifício. É esta a lição da história."

golpe de Deodoro da Fonseca traria enorme repercussão, em geral com o jornalismo apontando para os riscos que a instabilidade política poderia trazer à jovem República Brasileira, como bem demonstra o estudo de caso realizado por Reto Monico.

Francisco das Neves Alves
Professor Titular da FURG
Doutor em História pela PUCRS

Capítulo 1

O Golpe de Deodoro na imprensa francesa

1. «Est-ce une nouvelle révolution?», Le Gaulois, 5 de novembro

À noite de dia 4 de novembro, imediatamente depois de ter recebido um «lacónico telegrama» do Rio, o jornalista do quotidiano monárquico parisiense vai entrevistar o ministro brasileiro em França. Volta para a redação de Le Gaulois, lê um despacho enviado pelo seu correspondente em Londres e, logo a seguir, vai ao hotel onde reside D. Pedro.

L'agence Havas a publié hier soir ce télégramme laconique :

Rio-Janeiro, 4 novembre

Le Président a dissous le Congrès et a publié un manifeste expliquant sa résolution.

La loi martiale a été proclamée.

À la réception de cette dépêche, nous nous sommes rendu chez M. Piza, ministre plénipotentiaire du Brésil à Paris, pour lui demander ce qu'il savait. M. Piza, qui était sorti à la hâte, rentrait au moment où nous nous présentions à la Légation :

- Avez-vous connaissance, monsieur le ministre, de dépêches qui annoncent des événements graves à Rio ?
 - Non, monsieur!
- Cependant des dépêches parlent de proclamation de la loi martiale, de dictature rétablie, de dissolution du Congrès!
 - Ce doit être un coup de Bourse.
 - C'est sérieusement votre avis?

(Un silence, après lequel le ministre du Brésil sort de sa réserve)

— Je viens, en effet, d'avoir connaissance de la dépêche dont vous me parlez ; elle porte : «Congrès dissous.» Mais pourquoi ? Il régnait au Congrès un grand esprit de conciliation, à telles enseignes que, il y a deux mois, on a appelé deux membres de l'opposition, un député et un sénateur, à faire partie du cabinet. Quant à la loi martiale, si elle a été promulguée, ce n'a pu être que dans quelques quartiers de Rio, pour réprimer probablement des émeutes d'ouvriers.

Dictature rétablie? Pourquoi rétablie? Il n'y avait eu, avant le gouvernement actuel, qu'un gouvernement provisoire.

Pour en avoir le cœur net, je m'en vais télégraphier au gouvernement, à Rio. Je saurai demain ce qui s'est passé au Brésil.

Heureusement qu'en rentrant au *Gaulois,* nous y avons trouvé cette dépêche de notre correspondant de Londres :

Londres. 4 novembre

Les dépêches du Brésil, qui présentent la situation comme très troublée depuis huit jours, sont aujourd'hui des plus alarmantes. Un conflit, dont on ignore les causes, mais qu'il faut sans doute attribuer au mauvais état des affaires, a éclaté entre le gouvernement et le président de la république du Brésil, général de Fonseca, qui, très fatigué et malade, voudrait se retirer.

Des rixes ont éclaté sur plusieurs points, à Rio-Janeiro et dans le nord du Brésil, notamment entre Para e San-Luiz, où le câble a été coupé à plusieurs reprises. Les communications sont très difficiles à l'intérieur.

On dit qu'un mouvement important, favorable à Dom Pedro, et provoqué par le mécontentement causé par la mauvaise situation financière de ces mois derniers, se dessine de plus en plus.

Dans les milieux politiques, on croit que notre marché devra être fermé, à bref délai, aux valeurs brésiliennes si la situation trouble continue.

Ajoutons, pour terminer, que vers neuf heures et demie du soir nous nous sommes rendu à l'hôtel de Bedfort, où demeure Dom Pedro, l'empereur du Brésil. Nous y avons rencontré le comte de Mota-Maia, médecin ordinaire et ami de Sa Majesté, qui, non seulement nous a assuré que l'Empereur n'avait reçu aucune dépêche, mais qui nous a prié, si nous apprenions du nouveau, de vouloir bien le lui faire connaître.

Les télégrammes suivants, que nous recevons à la dernière heure, prouvent qu'il s'est passé à Rio-Janeiro des événements sérieux :

Londres. 4 novembre

La légation du Brésil a reçu le télégramme suivant : «L'ordre n'a pas été troublé après la dissolution du Congrès.»

Lisbonne, 4 novembre

Le journal *Dia* dit que, suivant des dépêches privées de Rio-Janeiro, le Congrès du Brésil est dissous à la suite d'un désaccord avec le ministère, désaccord qui durait depuis quelques jours.

Le Congrès brésilien voulait retirer le droit de veto au président de la république.

2. Journal des Débats, 6 de novembro⁷

Para o editorialista não há dúvidas: «há muito tempo que o Presidente queria ver-se livre do Parlamento» para «estabelecer a ditadura.» Ao mesmo tempo, o jornalista acredita nos despachos oficiais que sublinham como «este golpe de Estado não provocou nenhum ato de resistência.»

Segundo o quotidiano, quer o legislativo, quer o povo sempre aceitaram «as ordens vindas de cima.» Não protestam agora depois do Golpe de Deodoro, como não reagiram quando D. Pedro teve de abandonar o trono. Os mesmos deixaram que o marechal pudesse se «aproveitar do poder [...] para enriquecer e para enriquecer os seus sobrinhos», além de os brasileiros nunca se terem opostos «a todos os abusos, a todos os escândalos que levaram em dois anos o país à ruína financeira».

⁷ O primeiro e principal tema tratado neste editorial («*Bulletin du jour*») é o golpe de Deodoro. Este texto é em grande parte copiado pelo suíço *Gazette de Lausanne* e pelo quotidiano de Liège *La Meuse* do mesmo dia.

Une dépêche de Rio-de-Janeiro, reçue mercredi⁸ annonce que le maréchal Deodoro da Fonseca a dissous le Congrès brésilien. Des renseignements publiés para le *New-York Herald* laissent entendre que l'Assemblée avait voté une loi tendant à limiter l'exercice du droit de veto accordé para la Constitution au Président, et que celui-ci, considérant ce vote comme une injure personnelle, y aurait répondu par un décret de dissolution. À en croire d'autres télégrammes, le maréchal accuserait le Parlement de tramer une restauration monarchique, et il l'aurait dissous pour mettre fin à ces intrigues. Quoi qu'il en soit, il est certain qu'il ne s'agit là que d'un prétexte : depuis longtemps le Président cherchait à se débarrasser de son Parlement, quelques faibles obstacles que celui-ci opposait à l'exécution des volontés du gouvernement, et il n'avait qu'un but : établir la dictature. Le décret de dissolution proclame celle-ci, suspend les garanties constitutionnelles et établit la loi martiale.

Les documents fournis par la légation du Brésil à Londres aux journaux anglais déclarent que ce coup d'État n'a rencontré aucune résistance, et que tout le pays est absolument calme. Bien que les dépêches privées fassent mention des graves précautions prises, telles que l'interdiction au public de l'usage du télégraphe, nous ne croyons pas devoir douter de l'exactitude des renseignements officiels; ni le Parlement ni la population du Brésil n'a jamais fait aucune résistance aux ordres venus d'en haut et un réveil d'énergie *in extremis* aurait de quoi surprendre. De même qu'on avait laissé renverser sans

⁸ Quarta-feira dia 4 de novembro.

aucune protestation l'empereur dom Pedro, de même on a laissé le maréchal Deodoro profiter du pouvoir qu'il avait acquis pour s'enrichir et enrichir ses neveux, et nul ne s'est élevé pour s'opposer à tous les abus, à tous les scandales qui ont entraîné en deux ans la ruine du crédit du pays. Le Brésil porte aujourd'hui les conséquences de sa trop longue patience, et nous ne voyons pas comment il pourra sortir indemne de la crise terrible qu'il traverse.

3. Jacques St-Cère, «Crise au Brésil», Le Figaro, 6 de novembro⁹

O jornalista tenta perceber o que se passou, apesar da censura e das poucas informações recebidas. Sabia-se na Europa que «a lua de mel republicana tinha acabado» e que a situação «estava cada vez pior», mas «mesmo no Brasil, um Presidente não pode expulsar uma Câmara e uma Câmara não se deixar mandar embora sem que tenha havido há muitos meses [...] dificuldades [...] insuperáveis».

Para o Brasil e para as outras repúblicas sul-americanas, «a era das dificuldades começou» e não se sabe quando isso vai acabar, conclui Jacques St-Cère.

Les nouvelles les plus inattendues arrivent du Brésil: le maréchal Deodoro da Fonseca a prononcé la dissolution de la Chambre, établi, à son profit, bien entendu, une dictature militaire et proclamé la loi martiale. Comment? Pourquoi? On l'ignore — ou du moins on le sait si peu qu'on en est réduit à faire des conjectures. Ce qu'on sait, c'est que le motif dont le maréchal

⁹ Este artigo ocupa três quartos de coluna na segunda página.

s'est emparé pour s'emparer du pouvoir, est le refus par les Chambres d'accorder au président un droit de veto absolu.

Ce qu'on sait aussi par des dépêches en clair arrivées d'Angleterre, c'est que les rues sont gardées militairement. Ce qu'on sait encore par des dépêches chiffrées arrivées à Lisbonne, c'est que les dépêches sont soumises à une censure des plus sévères et que rien ne passe sans la permission des autorités militaires. Il faut même remercier le maréchal Deodoro d'avoir laissé passer la dépêche qui annonce qu'il n'en passera plus — sans quoi on aurait pu, avec quelque raison, être un peu inquiet.

Quoi qu'il en soit, la lune de miel républicaine n'a pas été longue au Brésil : on savait par des lettres que les affaires allaient de mal en pis ; on savait que les boulangers avaient diminué le poids du pain, que les changeurs avaient augmenté le prix du change et que les bouchers avaient augmenté le prix de la viande : ce sont en général des informations de ce genre que les particuliers envoient. Il est vrai que les correspondants de journaux écrivaient de temps à autre que les sujets de dissensions entre le Président et la majorité devenaient tous les jours plus nombreux et que la crise était à l'état latent. Seulement, comme de son côté le gouvernement brésilien faisait toutes les semaines savoir à l'Europe que tout était pour le mieux dans le meilleur des Brésils, que toutes les femmes y étaient belles et que tous les hommes y étaient braves, nous avions eu, les uns et les autres, la naïveté de croire que tout allait d'une façon passable dans la République brésilienne. Il n'en était rien : car même au Brésil un Président ne dissout pas une Chambre et une Chambre ne se laisse

pas chasser par un Président sans qu'il y ait eu depuis de longs mois des sujets de difficultés qui ont dû paraître aux uns et aux autres insurmontables. L'exemple de Balmaceda¹⁰ n'est pas fait pour donner aux présidents de l'Amérique du Sud l'envie de faire de la dictature.

Quand le maréchal — qui a fait le 4 novembre ce qui se fait habituellement en mai — voudra bien laisser passer les dépêches, nous saurons ce qu'il faut en prendre ou en laisser; et en faisant une moyenne, nous arriverons à la vérité, ou, à ce qui peut être la vérité quand il s'agit de faits qui se passent si loin de nous. Pour le moment, il nous reste à nous demander s'il est vrai, comme le dit une dépêche qui arrive à la dernière heure, que le coup d'État du maréchal Fonseca contre le Congrès a été suivi d'un autre coup d'État dirigé par le commodore Saldona [sic!] de Gama contre le maréchal da Fonseca; ce second coup d'État aurait réussi aussi bien que le premier. Il aurait un caractère nettement monarchique — et toujours d'après les dépêches — il aurait pour but de rappeler Dom Pedro et sa famille.

Je ne sais ce qu'il y a de vrai dans cette nouvelle, mais qu'une seconde révolution se soit greffée sur la première ou qu'il n'en soit rien — il y a une chose de certaine : c'est que les affaires du Brésil ne sont pas brillantes — et que pour ce pays comme pour les autres de l'Amérique du Sud l'ère des difficultés a commencé. Dieu sait quand elle finira!

¹⁰ José Manuel Balmaceda (1840-1891), presidente do Chile de setembro de 1886 a agosto de 1891, suicida-se em setembro do mesmo ano, depois de ter perdido a guerra civil.

P.-S. — Pendant que ces événements se passent à Rio, l'empereur Dom Pedro est à Paris, à l'hôtel Bedford.

Aux personnes qui se sont présentées pour voir le souverain, son médecin, le docteur Mota Maia, a répondu que l'Empereur n'avait eu que par les journaux connaissance des faits qui se sont passés au Brésil et que, d'ailleurs, très fatigué, il ne songeait qu'à se soigner.

4. *La Liberté*, 6 de novembro¹¹

Este golpe prova que em novembro de 1889 os brasileiros fizeram «um mau negócio com a abolição do império constitucional». «Não havia nenhum motivo para proclamar a República», ou, pelo menos, devia ter sido feita sem os utopistas e os soldados, acrescenta o jornal. Dessa forma, o Brasil «deu um salto para o desconhecido» e agora é um «novo doutor Francia¹², fardado de general» que estabeleceu a ditadura.

Une dépêche de Rio-Janeiro annonce que le président de la République du Brésil a dissous le Parlement et a établi la dictature. C'est un coup d'État qui démontre bien la mauvaise affaire que ce pays a faite en abolissant l'empire constitutionnel pour faire un saut dans l'inconnu et tomber dans l'absolutisme d'un nouveau docteur Francia, habillé en général. Nous avions prévu ce résultat. La révolution n'avait aucune raison d'être au Brésil et on eût voulu,

O jornal católico publica um editorial na primeira página onde analisa alguns acontecimentos/temas. Este pequeno texto sobre o Brasil ocupa cerca de 20 % do «*Bulletin*».

¹² José Gaspar Rodríguez Francia (1776-1840), ditador do Paraguai de 1814 até à morte.

dans un but de satisfaction théorique, y proclamer la République, qu'il eût fallu encore le faire sans y mêler les utopistes ni les soldats. Les journaux arrivés ce matin sont remplis de détails navrants sur les préliminaires de cette crise. Les désordres qui ont eu lieu au théâtre, à la suite d'une manifestation contre un compositeur portugais, ont été beaucoup plus graves que les télégrammes dûment expurgés ne l'avaient osé avouer. Un journal de Rio dit à ce sujet : «Pour l'honneur de ce pays, nous ne relaterons même pas tous les événements de ces derniers jours, et ne sera pas l'Étoile du Sud qui trempera sa plume dans le sang versé.» Le désordre est si grand dans la capitale que l'alimentation y est coûteuse et difficile. Les boulangers, qui vendent le pain à la pièce, l'ont diminué de moitié en volume, et la viande de bœuf, qui se vendait encore, il y a six mois, à 1 franc le kilogramme, est maintenant à 2 fr. 25.

5. *Journal des Débats*, 7 de novembro

O longo artigo, que ocupa metade da primeira página¹³, analisa em pormenor os problemas económicos, sociais e políticos da jovem República, «que nasceu sob péssimos auspícios» sendo «uma ditadura militar»: o conflito entre Deodoro e o Parlamento, a corrupção, o nepotismo da classe dirigente, o sistema bancário desastroso, o descalabro financeiro, a especulação, a inflação galopante, as dificuldades da classe trabalhadora.

Infelizmente, lamenta o jornal, o povo «não deu sinal de vida. Suportou tudo». O futuro pode ser ainda pior.

¹³. Quando calculamos as percentagens, só temos em conta a parte de comentários e notícias. Com efeito, na altura, muitos jornais publicavam na parte inferior da primeira página, um romance, um relato de viagem ou uma novela em episódios.

Au mois de février dernier, l'Assemblée constituante brésilienne votait une Constitution calquée, comme celle de presque toutes les Républiques sud-américaines, sur celle des États-Unis; d'après cette Constitution, le Congrès ne pouvait pas être dissous. Il y avait donc dix mois à peine que le Brésil était sorti du provisoire, et voici que l'ex-dictateur Deodoro da Fonseca, devenu Président de la République des Etats-Unis du Brésil, viole la Constitution en prononçant la dissolution du Congrès. C'est l'ère de la dictature militaire qui rouvre.

La Constitution votée en février accordait au Président des pouvoirs très étendus; et Deodoro ne s'était point désaccoutumé d'exercer une autorité quasi-absolue. Mais cinquante ans de régime parlementaire avaient laissé des souvenirs, des habitudes; et les membres des nouvelles Chambres, élus sous le régime de la candidature officielle, s'ils n'osaient guère voter aucune loi qui pût déplaire au Président, se répandaient en longs discours où l'on attaquait vivement Deodoro et son entourage. À cette opposition frondeuse, Deodoro répondait en exerçant à tout propos son droit de veto; dix ou douze fois il refusa de sanctionner des lois votées par le Congrès, l'une entre autres, loi générale sur les incompatibilités, qui avait le tort d'atteindre quelques-uns de ses parents et amis. Les motifs ordinaires des attaques lancées dans le Parlement étaient la corruption de gouvernement, l'avidité impudente de l'entourage du Président, de ses trop nombreux neveux et amis qui pendant deux ans ont trafiqué de leur influence et se sont gorgés aux dépens de la chose

publique. On se rappelle que Rui Barbosa, le ministre des finances du gouvernement provisoire, accorda, dès le mois de janvier 1890 à un certain Mayrink, la concession d'une Banque des États-Unis du Brésil, avec privilège exclusif d'émettre des billets de banque et une foule d'autres avantages exorbitants. La banque Mayrink déchaîna la spéculation sur le marché de Rio; elle émit dans l'espace de dix-huit mois une quantité énorme de papier-monnaie. Il y avait au Brésil, lors de la proclamation de la République, 180,000 contos (486 millions de francs) de papier-monnaie valant autant que l'or, puisque le change était au pair. M. Mayrink a émis plus de 300,000 contos (810 millions de francs) de son nouveau papier et il en a fait largesse à ses amis pour l'employer à lancer les entreprises les plus folles. Aujourd'hui ce papier est déprécié pour plus de 50 % de sa valeur; le change est tombé de 27 deniers à 13, c'est-à-dire que la fortune publique a diminué de moitié.

Depuis longtemps déjà, à la suite des excès de la spéculation, qui avait gagné comme une fièvre épidémique la population presque entière, le malaise était devenu général et le mécontentement public commençait à se manifester. Le monde des affaires, ignorant lui-même jusqu'où les fautes économiques du gouvernement avaient pu mener le pays, ne parvenant pas à démêler, dans une situation financière embrouillée comme à plaisir, toute l'étendue du mal, avait perdu toute confiance. Le renchérissement de la vie avait été naturellement en raison directe de la dépréciation du papier-monnaie. Les classes populaires surtout ont souffert de cet état de choses. Les ouvriers, après une période de prospérité factice, peuvent à peine vivre de leur salaire, et la question sociale,

qui semblait devoir rester le monopole du vieux monde, a éclaté à Rio-de-Janeiro et dans les grandes villes du Brésil, avec tout son cortège de plaintes, de revendications violentes et de grèves. Le peuple méprise le gouvernement, et, ce qui l'irrite le plus, alors qu'il souffre, c'est le luxe étalé par le monde officiel et les spéculateurs qui l'entourent.

Peu de temps avant le coup d'État du 4 novembre, le Président avait envoyé au Congrès un Message dans lequel il lui demandait d'accorder à la banque Mayrink le droit de faire une nouvelle émission de papier-monnaie pour une somme de 100,000 contos (270 millions de francs). Le Congrès, comprenant enfin le danger, refusa. Maintenant que le dictateur est débarrassé de son Parlement, la planche aux assignats pourra fonctionner sans contrôle; mais les décrets retentissants et les «acclamations de l'armée et de la marine» ne peuvent rendre à un papier déprécié une valeur qu'il n'a plus. Un dictateur sud-américain peut s'attribuer tous les pouvoirs; il n'a pas celui de régler le cours de l'or. Quand ces gouvernements, qu'ils résident à Rio ou à Buenos Aires, voient sans cesse tomber le change, et la valeur de leurs assignats se rapprocher de plus en plus de celle du papier lui-même, ils se gardent bien d'en chercher la cause dans leurs fautes; ils imaginent, comme tout récemment encore à Rio, les complots les plus extraordinaires contre la prospérité publique: ce sont des menées politiques, ce sont les agissements des spéculateurs étrangers. Ainsi, tantôt, s'il faut en croire ce que M. Mayrink lui-même disait à la tribune de la Chambre des Députés, ce sont les banques anglaises à Rio qui sont seules responsables de la hausse de l'or (ces banques, dont les profits au Brésil sont payés en papier-monnaie, et qui distribuent à leurs actionnaires des dividendes payables en or, sont solidaires de l'intérêt général); tantôt, ce sont les monarchistes qui ont le pouvoir de faire baisser le change de 50 % en un an; — mais ils n'ont pas, cependant, celui de restaurer l'empire. Enfin, il y a trois semaines, un décret du gouvernement obligeait les banques étrangères, qui ont des Chartes sanctionnées par des décrets, à faire confirmer leur concession. Ces banques, ne voulant pas reconnaître au gouvernement le droit de révoquer des Chartes valablement concédées, ont refusé de se soumettre à cette mesure arbitraire. Quand Deodoro a dissous le Congrès, il y avait plusieurs jours déjà qu'on ne faisait plus le change à Rio.

Dans les dépêches officielles arrivées en Europe, — les seules d'ailleurs qui sont transmises intégralement, — et communiquées par les légations, il est dit que la dissolution du Congrès a été provoquée par l'attitude de cette Assemblée et «par des agissements des monarchistes contre les institutions républicaines». Or, le Congrès était entièrement républicain; quant aux agissements des monarchistes, il nous est impossible de nous en faire une idée. Il y a beau temps, depuis le 15 novembre 1889 au soir, que personne au Brésil n'a songé sérieusement à rétablir la monarchie. Tout le prouve. Le dictateur cherche un prétexte et il ne se met pas en frais d'imagination. Il annonce du même coup au monde que la patrie est en danger et qu'il l'a sauvée.

Tous ceux qui, depuis un an et plus, ont dit honnêtement et courageusement la vérité sur les choses au Brésil ont été systématiquement accusés de conspirer pour une restauration monarchique; tous ceux qui protestaient contre les folies financières, qui dénonçaient la corruption du monde officiel, qui montraient la dictature militaire menaçant de réapparaître, étaient des monarchistes, c'est-à-dire des suspects. Et aujourd'hui, que l'état de siège est rétabli, la Constitution violée, nous voyons très bien où est la dictature, et nous ne sommes pas sans inquiétude sur le sort des honnêtes gens qui se trouvent dans la capitale où Deodoro «assure l'ordre».

La République brésilienne était née sous de fâcheux auspices; elle n'avait, au début, de la République que le nom : c'était la dictature militaire. On pouvait cependant espérer alors de voir le peuple brésilien se ressaisir, réagir, peu à peu instituer la liberté sur la base solide de l'autonomie locale sagement pratiquée. Depuis deux ans, le peuple brésilien n'a pas donné signe de vie. Il a tout subi. Ses amis eux-mêmes ne sont pas loin de perdre tout espoir. Ils en viennent à craindre une crise plus grave encore, et qui cette fois mettrait en péril l'unité nationale.

6. *Le Temps*, 7 de novembro¹⁴

Trata-se de uma «doença de crescimento» ou de algo de muito mais grave e profundo? O editorialista — que não parece acreditar num regresso da dinastia dos Bragança — não tem uma resposta, mas interroga-se se o país tem as condições indispensáveis para que um regime republicano possa funcionar, tendo em conta também que, no subcontinente, as repúblicas

¹⁴ A 7 de novembro, todo o editorial («*Bulletin du jour*») — que ocupa 80% da primeira coluna — debruça-se sobre a crise brasileira. Sete parágrafos deste texto encontram-se no editorial do quotidiano belga *La Meuse* do mesmo dia, um no jornal suíço *L'Impartial* do dia seguinte.

constituem um exemplo negativo. Além disso, há uma «contradição» à partida entre o facto de o golpe contra D. Pedro ter sido feito por militares e a ambição de querer «inaugurar um regime de liberdade e de democracia».

O jornalista refere-se ao importante conflito entre Luís XVI e o legislativo francês durante a revolução. Porém, não acredita que a única causa deste golpe seja o conflito constitucional entre o Parlamento e Deodoro sobre o veto presidencial e põe em primeiro plano os problemas financeiros e a especulação.

La jeune république du Brésil est entrée à pleine voile dans l'ère des difficultés graves. Faut-il voir dans la crise qui vient de s'y déchaîner une simple maladie de croissance? Faut-il y reconnaître le signe avant-coureur de la dissolution d'un établissement politique purement artificiel? C'est la question qui se pose et à laquelle il faut bien confesser que, jusqu'à présent, vu la disette des renseignements impartiaux et authentiques, nous n'avons pas la réponse prête.

Ce qui est sûr, c'est que le silence même imposé par le gouvernement à toutes les voix indépendantes n'est pas fait pour inspirer une bien robuste confiance dans les bulletins optimistes du nouveau dictateur. On soupçonne que ce qui paraît au dehors n'est que la moindre partie de ce qui existe ou se prépare. La version officielle du conflit l'attribue tout entier à la question constitutionnelle du *veto*.

En soi, il n'y a rien d'invraisemblable. Il suffit de se reporter aux souvenirs de la Révolution française pour comprendre avec quelle passion peut être discutée une question quasi-métaphysique de cet ordre. Louis XVI et

Marie-Antoinette, — M. et Mme Veto, — ont su, par une triste expérience, ce qu'il en coûtait d'insister sur l'exercice d'un droit même formellement inscrit dans la Constitution.

Et cependant, s'il en faut juger par quantité de faits qui apparaissent à la lumière et dont notre correspondant spécial nous avait déjà avisés au fur et à mesure, il est difficile de croire que la dissolution du Congrès fédéral et la proclamation de la dictature du maréchal de Fonseca aient pour cause unique ou principale la divergence de vues de l'assemblée et du président au sujet des droits respectifs du pouvoir législatif et du pouvoir exécutif. La tentative — d'ailleurs constitutionnelle — du Congrès pour briser par un vote des deux Chambres le veto opposé par le président à la loi sur le cumul des fonctions législatives et administratives a été l'occasion de la crise; d'accord, mais celle-ci remontait à des causes plus profondes, qu'il n'est peut-être pas impossible de découvrir et de signaler.

Tout d'abord, il en est une d'un caractère général sur laquelle ce serait manquer de franchise que de se taire. La révolution du 15 novembre 1889 a présenté cette contradiction d'être opérée par une sorte de coup d'État militaire et de prétendre inaugurer un régime de liberté et de démocratie. Il est permis de se demander si le Brésil est bien mûr pour le *self-government* absolu, si ces populations étaient bien en mesure de se placer d'un seul effort au niveau des nations qui tiennent la tête de la civilisation et qui n'en éprouvent pas moins parfois de trop réelles difficultés à se régir elles-mêmes.

Pourquoi ne pas avouer que la bonne renommée des institutions libérales et républicaines a été quelquefois légèrement compromise par les improvisations politiques hâtives de certains États sud-américains? Le Brésil a d'autant plus couru le risque de s'engager dans cette voie qu'il a eu le malheur de perdre trop tôt celui qui était à la fois l'inspirateur et le modérateur du nouveau régime, le sage du gouvernement M. Benjamin Constant.

Ce n'est pas tout. La situation financière et économique n'a fait qu'empirer depuis deux ans. Avec l'agio sur l'or à 108 %, les prix ont subi une hausse exagérée. C'est le moment qu'on a choisi pour exalter sur le modèle, pourtant peu encourageant, de la République argentine la fièvre de la spéculation. Tout le monde redoute une catastrophe que personne ne cherche à conjurer.

Assistons-nous au Brésil à un commencement de réaction, voire à une tentative de restauration impérialiste? Un télégramme d'hier le donnait à croire : il n'a pas été confirmé. La vérité est probablement que si dans les hautes sphères et dans l'armée, laquelle est déjà si profondément divisée, il se produisait un schisme, la population subirait avec autant de docilité le rappel de ses anciens maîtres qu'elle a subi naguère leur expulsion.

Seulement ici apparaîtrait un nouvel et redoutable inconnu. Le retour de don [sic!] Pedro serait pour mille raisons hors de question. Qui le Brésil remettrait-il à sa tête, les deux beaux-frères rivaux, le comte d'Eu et le prince de Saxe-Cobourg, qui se disputent pour eux et pour leurs fils un trône encore à terre?

Ce n'est là, du reste, que de la spéculation. Pour le moment, le Brésil garde l'étiquette républicaine et, dessous, les tristes réalités de la dictature militaire.

7. A. Saiss Y., «La crise brésilienne», *L'Écho de Paris*, 7 de novembro¹⁵

Aparentemente, o que aconteceu a Balmaceda não dissuadiu Deodoro de fazer um golpe de Estado, do qual se desconhecem os motivos, escreve o jornalista. O mesmo, referindo-se a um artigo do Standard, afirma que o «Brasil é demasiado grande e não suficientemente civilizado» para aspirar a um regime de liberdade. Aliás, o Brasil é uma república só de nome: como o escreve The Morning Post, o marechal tinha as «mesmas prerrogativas» que D. Pedro no antigo regime.

A. Saiss considera sábia a decisão de D. Pedro de não se interessar muito no que se passa agora no seu país: há demasiada instabilidade na América do Sul.

L'exemple de M. Balmaceda n'a pas arrêté le maréchal Deodoro da Fonseca, président de la jeune République brésilienne. Les causes qui l'ont fait agir sont-elles plus légitimes, et le succès couronnera-t-il sa tentative? Quoi qu'il en soit, il y a eu un coup d'État et c'est toujours un précédent fâcheux.

Une dépêche de Rio-de-Janeiro du 4 est peu rassurante dans son laconisme :

Le président a dissous le Congrès et a publié un manifeste expliquant sa résolution.

La loi martiale a été proclamée, et est aujourd'hui confirmée.

36

¹⁵ Este artigo ocupa meia coluna na segunda página.

Il aurait été intéressant de connaître les explications que daigne donner M. Deodoro da Fonseca, mais les dépêches jusqu'ici sont muettes à ce sujet, et comme toutes les dépêches destinées à l'extérieur sont soumises à la plus stricte surveillance, plusieurs jours se passeront avant que nous puissions savoir à peu près exactement ce qui s'est passé. Il est donc sage de réserver notre jugement.

Le Congrès brésilien, dit le *Morning Post*, n'avait pas tardé à s'apercevoir que sous la présidence du maréchal da Fonseca, les institutions républicaines n'existaient guère qu'en apparence, et qu'en réalité, le maréchal s'était attribué sous la forme républicaine les mêmes prérogatives que celles dont l'empereur dom Pedro était autrefois investi.

En outre, des divergences d'opinion existaient depuis longtemps entre le président et le Parlement, relativement à l'émission toujours croissante du papier-monnaie.

À ces diverses causes, il faut ajouter celles que donne le Standard.

D'après ce journal, le Brésil est trop grand et pas assez civilisé pour se gouverner lui-même et pouvoir jouir en paix de la liberté. Les conditions géographiques dans l'intérieur sont telles que chaque gouverneur de province est plus ou moins indépendant et joue le rôle d'un véritable dictateur.

Un rédacteur du *Paris,* interrogeant un des intimes de dom Pedro a reçu la réponse suivante :

L'empereur n'a encore reçu aucun télégramme particulier et n'en a point envoyé. D'ailleurs, sa majesté est très souffrante et ne songe en ce moment qu'à se soigner. L'empereur est heureux de vivre au sein de la France, qui est de tous les pays d'Europe celui pour lequel il a toujours eu une sincère admiration. Il ne s'occupe presque plus des affaires du Brésil et son entourage l'en entretient le moins possible.

En agissant ainsi, dom Pedro fait preuve de sagesse et rien ne fait supposer qu'il teint à modifier son attitude.

C'est égal, il y a trop d'insurrections, de révolutions, de coups d'état dans l'Amérique du Sud. Ce n'est pas ainsi qu'on s'organise pour les progrès sociaux, économiques et financiers.

8. Gaston Calmette, «Déclaration de l'empereur du Brésil», *Le Figaro*, 7 de novembro¹⁶

Entrevista de D. Pedro ao quotidiano parisiense.

S. M. l'empereur dom Pedro, vers qui tous les regards se portent depuis les événements du Brésil, a fait hier, à l'un des rédacteurs du *Figaro*, l'honneur de le recevoir, et il a bien voulu, avec touchante simplicité, lui dire ses appréciations, ses projets et sa pensée :

¹⁶ Este artigo ocupa dois terços de coluna na primeira página.

«J'ignore, hélas! tout ce qui se passe dans mon pays depuis deux années, a-t-il répondu, et je suis complètement étranger aux événements d'hier comme à ceux d'aujourd'hui. Voilà la vérité toute simple.

Pendant une vie déjà longue, j'ai mis en œuvre toutes mes forces et tout mon dévouement pour assurer le progrès et la prospérité de mon peuple : il paraît que je n'ai pas réussi! Mais je n'ai voulu être ni de près, ni de loin, la cause d'une guerre civile, et j'ai tout sacrifié pour éviter à mon pays ce fléau, le pire des fléaux.

On m'appelle là-bas l'Empereur philosophe, celui qui se console de tout! Cette philosophie atténue, en effet, la douleur que j'éprouve à me voir ainsi méconnu par ceux que je considère comme mes enfants; mais rien ne me consolera jamais de voir un peuple devenir la victime de ses propres errements.

Certes, le jour où l'on m'a apporté à Petropolis la nouvelle de ma déchéance, j'aurais pu me rendre à Rio et avoir raison de l'émeute révolutionnaire. Il m'aurait suffi de descendre au milieu de mon peuple, de me montrer seul et sans armes : mais l'idée que ma présence aurait pu être la cause d'une lutte et d'une effusion de sang me fit préférer l'exil.

Cette détermination a été, croyez-moi, la plus grande preuve de mon amour pour le Brésil.

Une autre preuve non moins incontestable, c'est la résolution absolue que j'ai prise de ne rien tenter pour le rétablissement du trône.

Car je n'ai jamais aimé le pouvoir par ambition personnelle ; je n'ai jamais eu que le désir de faire le bien de mon pays et je n'ai jamais voulu être autre chose que le *pastor populi*.

Et maintenant, regrette-t-on mon gouvernement paternel? A-t-on reconnu là-bas que le nouveau régime n'était imposé que par une faction qui l'exploitait dans un intérêt personnel? La gratitude et la justice vont-elles triompher de l'ingratitude et de l'injustice? Je l'ignore.

Je ne sais que ce que j'ai lu dans les journaux de France. On y annonce que le commodore Saldanha da Gama a été nommé dictateur! Cela signifierait que l'ancien gouvernement révolutionnaire de M. Deodoro da Fonseca aurait disparu dans une contre-révolution. J'ajoute que cette contre-révolution pourrait viser au rétablissement de l'Empire, si M. Saldanha da Gama est resté ce qu'il fut autrefois, c'est-à-dire un de mes amis les plus dévoués et un de mes partisans les plus sûrs. Mais, que sais-je?.. Mais tout cela n'est que suppositions, conjectures et mystères!

Il n'y a qu'une chose qu'il m'est permis de vous affirmer, ajouta l'Empereur en souriant tristement, c'est que, dans mon exil, j'aime plus que jamais mon peuple. Et s'il faisait appel à son vieil Empereur, j'oublierais à la fois mon grand âge, mes infirmités et mes tristesses, et je m'exposerais sur-le-champ aux risques d'un lointain voyage pour me rendre au milieu de mes enfants et pour consacrer à leur bonheur ce qui me reste de forces et de vie.

Je serai assez récompensé si je puis dormir mon dernier sommeil dans mon pays bien aimé. »

Ces belles paroles ont été dites avec une émotion simple et touchante que rien ne peut reproduire. Mais le texte en a été aussitôt fidèlement rapporté pour le *Figaro*.

9. «Les événements au Brésil», *Le Temps*, 8 de novembro¹⁷

O jornal, embora considere ainda difícil interpretar os acontecimentos, parece ver neste golpe uma tentativa de restauração monárquica. Acredita, todavia, que alguns estados, nomeadamente São Paulo, mas também Minas Gerais e Rio Grande do Sul, não vão tardar a organizar uma resistência «contra os últimos atos do poder executivo federal».

No último parágrafo, o editorialista tenta perceber o eventual papel tido por Saldanha da Gama e pela marinha que queria enfrentar a polícia depois dos incidentes de 12 de outubro: «Este acontecimento tem uma certa importância, considerando o facto que foram os conflitos entre o exército e a polícia que causaram a revolução militar de 15 de novembro de 1889».

Il est difficile encore d'apprécier exactement la situation au Brésil. La capitale fédérale continue à être occupée militairement et, jusqu'à présent, il ne me semble pas qu'aucune tentative de résistance ait été faite contre la proclamation de la dictature par les républicains du Congrès.

41

¹⁷ Este artigo ocupa meia coluna na primeira página.

Mais il est vraisemblable que ceux-ci, retournant dans les États respectifs qui les ont élus, provoqueront l'agitation contre le gouvernement dictatorial, qui pourrait bien n'avoir d'autre but que la restauration monarchique. Le maréchal da Fonseca, très affaissé par une maladie de cœur et les fièvres paludéennes qu'il a rapportées de la guerre du Paraguay, et qu'on prétendait n'agir que sous l'influence de la maréchale et de ses médecins, pourrait réaliser la menace qu'il fit jadis au ministère provisoire de rappeler l'empereur. Quant au baron de Lucena, le chef du cabinet et le bras droit du président de la République, on l'a toujours suspecté de sympathies impérialistes.

Pour en revenir aux États, São Paulo, entre autres, qui est le quartier général des républicains, n'acceptera pas, cela est presque certain, ni le régime dictatorial ni aucune évolution restauratrice du gouvernement.

Le député de cet État, M. Martinho Prado, junior, déclarait dernièrement à la Chambre, lorsque celle-ci s'éleva contre des concessions de voies ferrées arbitraires faites par le gouvernement fédéral sur le territoire de São Paulo et qu'il dut annuler, que «São Paulo pouvait se suffire à lui-même et qu'il pourrait, s'il le voulait, lever en peu de temps 50,000 hommes pour résister aux empiétements de la nation.» Cet État vient aussi d'adopter un drapeau particulier.

Il est donc à présumer qu'à São Paulo, à Rio-Grande-do-Sul, à Minas Gerais, l'agitation et la résistance pourraient être sérieusement organisées contre les derniers actes du pouvoir exécutif fédéral.

Quant au commodore Saldanha da Gama, on se perd en conjectures sur les faits qui ont pu mêler son nom aux derniers événements. D'aucuns pensent qu'il s'agirait là d'une simple tentative monarchiste qui se serait opérée à la faveur du conflit. Dans ce mouvement, le commodore, dont on ne saurait révoquer en doute les sympathies pour l'empereur — qui aimait aussi beaucoup sa famille, puisqu'il alla jusqu'à désintéresser à plusieurs reprises les créanciers d'un frère de M. Saldanha qui fut consul à Barcelone et à Bruxelles — paraîtrait vraisemblablement avoir pu entraîner quelques troupes de marine, mécontentées par les agissements de la police à l'égard de quelques-uns de leurs officiers, lors de l'incident du Théâtre-Lyrique. Ce ressentiment était, du reste, si grand, que des marins du fort de Villegaignon ne parlaient de rien moins, d'après ce qu'on nous écrivait le 12 octobre, que d'aller à terre pour infliger une correction à la police. Ce fait a son importance si l'on considère que ce sont des conflits entre l'armée et la police qui ont déterminé la révolution militaire du 15 novembre 1889.

10. «Au Brésil : lui ou eux ?», *Le Figaro*, 8 de novembro¹⁸

O autor do artigo não poupa a oposição parlamentar quando fala da luta entre Deodoro e o Congresso: esses deputados inventaram a ameaça de um complô monárquico cujo chefe seria o marechal e utilizam todos os meios para o acusar e para o insultar.

São três as razões invocadas pelo jornalista para justificar o golpe do chefe de Estado: a lei sobre o veto presidencial, a questão financeira e um

¹⁸ Este longo artigo ocupa uma coluna na primeira página e uma na segunda.

projeto de lei que permitiria a qualquer cidadão de acusar o Presidente. «Por conseguinte, percebe-se melhor do que nunca porque, numa situação tão difícil, Deodoro tenha procurado ver-se livre dos que o incomodavam», afirma o jornalista do Figaro.

No fim do artigo, o autor — que acusa as novas instituições de explorar o país — cita Quintino Bocaiuva que no seu jornal, O País, publicou um texto no qual lamenta a queda de D. Pedro. Quem vai triunfar? ELE (D. Pedro) ou ELES (os republicanos)?

On paraît s'étonner en Europe des événements qui se passent au Brésil, alors que tous les faits qui se sont produits à ce jour annonçaient, on ne peut mieux, le dénouement qu'ils viennent d'avoir.

Deodoro a donné ses huit jours au Congrès qui avait prorogé ses sessions, pour voter le budget, du 15 octobre au 15 novembre. C'est une preuve de patience dont les honorables qui siègent dans la capitale *fluminente* [sic!] n'auront guère à se plaindre. La lutte entre le pouvoir exécutif et législatif durait déjà depuis trop longtemps pour qu'il fût permis un seul instant de douter de la tournure que prennent les choses là-bas.

Dans ces derniers temps, surtout, on n'a pas manqué d'accuser le maréchal-président de se prêter à une restauration monarchique. Il y a même entre la situation actuelle du Brésil et celle que la France avait au fameux Seize-Mai¹⁹ un certain rapport que les «historiques» brésiliens, c'est-à-dire les républicains de la veille et de l'avant-veille, n'ont pas oublié de faire ressortir. Il

¹⁹ 16 de maio de 1877 : início da crise institucional em França entre o presidente Mac Mahon, monárquico, e a Câmara dos deputados, com maioria republicana.

ne manque plus que les 363²⁰ pour que la ressemblance soit complète. Quant aux fusils... l'indifférence populaire ne les ferait pas partir seuls. «Eh bien! et les jeunes gens, comment marchent-ils?» disait, en mettant le pied sur la terre d'Europe, le souverain exilé, Dom Pedro. Et selon que les actes du nouveau régime lui semblaient bons ou mauvais, le vieil Empereur se recueillait un instant, tandis que ses petits yeux scrutateurs cherchaient à découvrir le bon ou le mauvais côté des décisions prises par ceux qui s'étaient emparés du pouvoir, et alors, il se répondait à lui-même, sans haine et sans un mot d'amertume : «Ah! ma foi, ils ont raison!» ou bien : «Tant pis, ils se trompent!»

Débarrassé des soucis qu'impose, quoi qu'on puisse en dire, le gouvernement d'un peuple, quel que soit ce peuple, Dom Pedro n'avait plus qu'à suivre avec tout l'amour que peut inspirer un patriotisme ardent l'évolution des nouvelles institutions brésiliennes.

De son côté, le maréchal-président Deodoro da Fonseca, après avoir cherché à récompenser — un peu trop, dit-on — l'aide qui lui avait été apportée pour renverser la monarchie brésilienne, commençait à s'apercevoir que le rôle de Président de la République n'était rien moins que rose et que l'excès de reconnaissance dont il avait fait preuve à l'égard des amis de la veille lui attirait des inimitiés sans nombre. C'est alors que la lutte s'ouvrit entre lui et le Congrès, que les tiraillements commencèrent, à ce point que, dégoûté du pouvoir, irrité par l'opposition qui lui était faite, il menaçait purement et

²⁰ Nas eleições de 1876, os republicanos obtém a maioria absoluta : 363 deputados num total de 533.

simplement de rappeler *O Velho*, le vieux, c'est-à-dire l'Empereur. Cette menace n'apaisa pas ses ennemis: elle ne servit qu'à donner naissance à ce parti fantôme, que l'on désigne encore à Rio sous le nom de «sébastianisme».

Ce nouveau parti est supposé préparer les voies au retour de la monarchie et naturellement on lui fait supporter le poids de toutes les fautes qui peuvent être commises par l'administration actuelle. Le chef de ce parti, chef déguisé, bien entendu, n'est autre que Deodoro, une sorte de «seize-mayeux»²¹ brésilien. Son ministère et, en particulier, M. le baron de Lucena, qui en a fait partie en qualité de ministre des finances, passe pour son âme damnée; quant à M. le comte de Figueiredo, ancien président de la Banque du Brésil, il aurait été purement et simplement délégué en Europe, par le parti monarchiste, pour créer un syndicat à la baisse sur les fonds brésiliens, ce qui aurait servi à discréditer les finances brésiliennes en Europe. Cette croyance était si bien enracinée, qu'un député chargé d'une mission confidentielle vient surveiller à Paris et à Londres les agissements du comte de Figueiredo. Je suis peut-être le premier à le lui apprendre.

Les quelques lignes qui précèdent suffisent, je pense, à déterminer l'état d'esprit du nouveau gouvernement accusé par le Congrès de se prêter et même d'aider au retour de la monarchie. Le Congrès n'a jamais caché son antipathie pour le gouvernement fonsequiste : dans toutes ses séances, il s'est plu à le démontrer avec une liberté de langage qu'on pourrait même reprocher à certains membres si l'on ne se rappelait que depuis longtemps l'art d'invectiver

²¹ Neologismo que se refere aos golpistas do 16 de maio (cf. nota 13 deste capítulo).

sans mesure et sans réserve fait pour ainsi dire partie du règlement des Chambres. La moindre opposition était taxée de monarchique et son auteur de sébastianiste. Ce système ne tarderait pas à conduire à la loi des suspects et avec l'énergie réclamée par M. Mena Barreto, député, il faudrait, selon ses propres termes, «faire fusiller sur les places publiques tous les conspirateurs». Benjamin Constant, membre du gouvernement provisoire, et qui est mort depuis quelques temps, ne traduisait-il pas la même pensée lorsqu'il disait : «Le Brésil vient d'avoir son 89, il lui faudra son 93» ?

Dans un pareil état d'esprit, on peut se faire une idée du gâchis dans lequel le pays pataugeait. Suspicion, concussion (les cas, hélas! en sont nombreux et mieux ne vaut pas les révéler), rien n'a manqué pour faire naître cette lutte sourde qui vient de finir de la façon que l'on sait.

Après ce tableau un peu long de la vie politique et parlementaire à Rio de Janeiro, il ne me sera pas difficile de faire comprendre la résolution prise par le maréchal Deodoro da Fonseca de dissoudre le Congrès et de mettre fin à cet état de choses qui renferme pour l'avenir les plus graves conséquences.

Les trois causes auxquelles on peut attribuer le décret de dissolution sont : d'abord, la question financière sur laquelle le gouvernement et le Congrès ne parvenaient pas à s'entendre, et surtout le droit de veto dont, dans ces derniers temps, le maréchal-président a usé largement, en traitant toutes les décisions du Congrès complètement par-dessous la jambe. Pour ne pas aller bien loin, il me suffit de citer la loi relative aux incompatibilités qui

dernièrement a donné lieu à un débat des plus vifs et à des incidents que toute la diplomatie du *Journal officiel* de Rio n'a pu dissimuler.

Ainsi, le Président de la République a refusé de sanctionner, comme entaché de constitutionnalité, le projet de loi sur les incompatibilités entre les charges fédérales et les charges des États, adopté, il n'y a pas très longtemps par le Congrès.

La Constitution brésilienne reconnaît que tout projet frappé de veto acquerra force de loi s'il réunit dans un second tour de scrutin les deux tiers de voix. Or, le projet de loi élaboré contre le cumul des fonctions a été rejeté par le Sénat brésilien, le 25 septembre dernier. Ce vote a eu pour résultat de produire un incident d'une très grande importance. L'un des sénateurs a protesté contre l'acceptation du vote d'un de ses collègues, qui se trouve être en même temps gouverneur de l'État d'Alagoas et sénateur. Or, ce même sénateur a pris part au vote sur les incompatibilités de fonctions, bien que sa situation de «cumulard» le lui défendît. Le règlement de l'Assemblée, interdisant à tout sénateur le droit de vote sur une question où l'intérêt individuel serait en jeu, le Sénat, par 23 voix contre 21, décida que le vote donné par le gouverneur-sénateur devait être invalidé. Le projet de loi sur l'incompatibilité des fonctions, présenté à la sanction de Deodoro, ne put recevoir la sanction définitive accordée par le président, qui se refusa purement et simplement à souscrire aux désidérata des Chambres et déclara par conséquent que la décision du Congrès était nulle et non avenue.

C'est déjà un des principaux mauvais points accordés au Président de la République par les politiciens brésiliens. En plus, ce qui a dû porter jusqu'au paroxysme l'exaspération du Président, n'est-ce pas le projet de loi accordant à tout citoyen brésilien quelconque droit de mettre en accusation le chef de l'État? Si la raison qui motivait semblable mise en demeure ne semblait pas convaincante, une Commission formée au sein du Congrès devait rechercher si les causes invoquées pour transformer en simple prévenu le Président de la République avaient quelque validité. On comprend donc, mieux que jamais, que, dans une situation aussi difficile, Deodoro ait cherché à se débarrasser de ses gêneurs.

Cet article est déjà trop long pour que je puisse entrer dans les détails que je fournirai plus tard, si besoin est. Tout ce que j'ai à dire, c'est qu'au Brésil on ne se cache nullement pour accuser des pires choses le nouveau gouvernement républicain et que les véritables démocrates en arrivent à se demander si le pays n'est pas, depuis le début des nouvelles institutions, mis en coupe réglée.

Il n'y a donc pas lieu de s'étonner si Quintino Bocagura [sic !], l'ex-ministre des affaires étrangères, le prince des journalistes brésiliens, n'a pas hésité à lancer dans *O País*, dont il vient de reprendre la direction, cette apostrophe qui est un véritable soufflet pour les institutions républicaines dont il a été le promoteur :

C'est vers la figure si vénérable du vieil exilé que se tournent aujourd'hui, pleins d'attendrissements, les yeux du peuple, lequel n'oublie pas ce règne où brillèrent, à la fois, le patriotisme le plus pur et la probité la plus vraie. Parée de l'auréole de l'exil, auquel la fatalité l'a condamné, la

personnalité du vieil Empereur éclate, dans cet instant de découragement social, comme le symbole de la félicité et de la rédemption.

C'est un journal républicain, O País, qui s'exprime ainsi! C'est le journal de Quintino Bocagura [sic!], le démolisseur le plus acharné, qui regrette les institutions du Cesar caricato (le César gâteux), pour blâmer la direction du généralissime Deodoro da Fonseca, que ses ennemis aussi ont baptisé du qualificatif de Cesar de casaca, César de parade.

Comment cela finira-t-il? Dieu seul le sait. Lui ou Eux, telle est la question qui se pose et que les événements vont résoudre.

11. J. Cornély, «Un exemple», *Le Matin*, 8 de novembro²²

Cornély debruça-se sobre as possibilidades de dissolução do legislativo por parte do executivo. Na primeira parte, fala da Rússia e imagina que se este país tivesse um parlamento e que se este se opusesse ao governo, o czar não hesitaria em dissolvê-lo. Examina, em seguida, o caso do Brasil, onde «o bom general mandou os deputados para casa.» O autor do artigo — que ironiza sobre a enorme quantidade de notas emitidas no Brasil e também sobre as longas viagens de D. Pedro II — não tem pena por eles porque, na sua opinião, quando «os povos, que viviam numa monarquia, são tão estúpidos para passarem a viver num regime republicano, mereceram tudo aquilo que de mau lhes acontece.»

[...]

 $^{^{22}}$ O editorial desse dia e ocupa um pouco mais de uma coluna do jornal.

Il est vrai que nous n'avons pas besoin d'aller chercher jusqu'en Russie l'hypothèse des humiliations qu'endurerait un parlement imaginaire, lorsque nous avons, de l'autre côté de l'Atlantique, un exemple si topique et si réjouissant du sans-gêne avec lequel on peut traiter les assemblées quand on tient à rester au pouvoir.

Ce brave maréchal da Fonseca vient justement de faire subir au congrès brésilien le traitement dont Arène²³ menace ses collègues de la Chambre.

Ce da Fonseca portait un nom qui était tout un programme financier, un nom d'emprunt, c'est bien le cas de le dire. Son entourage a tenu à le justifier, paraît-il, en mettant à sec les fonds du Brésil.

Une banque des Etats-Unis du Brésil s'était fondée, grâce à son gouvernement, et avait fabriqué des billets de banque en grande quantité : pour huit cent dix millions de francs.

Le directeur de cette banque avait naturellement arrosé, avec ces billets qui ne lui coûtaient que la peine de les imprimer, l'entourage et la famille du brave maréchal, de sorte que, depuis deux ans, c'est-à-dire depuis qu'il est en République, le Brésil était devenu la foire d'empoigne. C'est ce que Vacquerie²⁴ appelle le «beau spectacle d'un peuple redevenu maître de ses destinées».

Le papier de la Banque nationale est arrivé à perdre la moitié de sa valeur au change. La vie a renchéri et le Brésilien a fini par n'être plus content. Alors,

²³ Emmanuel Arène (1856-1908) foi deputado à Assembleia Nacional de 1881 a 1904.

²⁴ Auguste Vacquerie (1819-1895) é um homem de letras e jornalista francês.

les députés se sont mis à dire du mal du président et à imiter les députés français que le ministère a beaucoup duré.

Ils avaient contracté cette habitude sous Dom Pedro. Ce bon empereur leur laissait dire tout ce qu'ils voulaient et ne demandait qu'à passer neuf ou dix mois par ans à se promener en Europe, pour faire causette avec de vieux messieurs appartenant aux académies.

On ne sait pas si les victimes de ce «tyran», qui ont eu l'intelligence de préférer la botte d'un soldat au plus nomade des souverains, sont allés [sic!] dans les voies de la rébellion jusqu'à essayer de constituer des groupes.

Dans tous les cas, le brave maréchal les a renvoyées chez elles.

Cette dissolution a été tolérée le mieux du monde, prétend-on, par ces excellents Brésiliens qui sont, il faut le croire, presque aussi plastiques et aussi résignés que les Français. Je ne peux me résoudre à les plaindre. Je trouve tout naturel que des peuples qui étaient en République passent en monarchie, parce que c'est la loi, c'est la marche de la civilisation et du progrès.

Mais quand des peuples, qui étaient en monarchie, sont assez bêtes pour se mettre en république, je trouve qu'ils ont mérité toutes les tuiles qui leur tombent sur la tête, et qu'ils sont simplement comiques, lorsque la force des choses se chargeant de les châtier, ils se plaignent.

Enfin, cette initiative du brave maréchal est tout de même une leçon à étudier pour notre président, qui peut être amené à sacrifier la stabilité de la Chambre à la stabilité du ministère.

Je doute d'ailleurs qu'il se résigne à cette opération maréchalesque. Elle a été essayée une fois en France. Elle a mal réussi. Et elle a eu pour résultat final la démission de celui qui la proposait²⁵.

[...]

12. Charles Bos, «Les événements du Brésil», *Le Rappel*, 8 de novembro²⁶

O jornalista acha que Deodoro «não é nem mau, nem ambicioso», mas as pessoas a sua volta têm uma influência muito negativa: «não teve a coragem de resistir aos incessantes pedidos desta camarilha da qual fazem parte sobretudo os seus familiares». O marechal deu, «por ignorância e por fraqueza de caráter, um exemplo de corrupção sem limite». Entrou em conflito com o Parlamento e dissolveu-o.

Na legação do Brasil em Paris, onde é bem recebido, estão muito «irritados» com os comentários da imprensa francesa que, segundo eles, não respeita o Brasil. Os mesmos afastam qualquer hipótese de um regresso da monarquia em terras brasileiras.

Para ouvir outra opinião, conversa a seguir com um jornalista da oposição brasileira. Este admite que o Congresso foi demasiado «impetuoso» na sua oposição, mas isto não justifica o golpe de Estado. É da mesma opinião que o seu colega francês: «Deodoro não é responsável, é um ignorante e está

²⁵ Patrice de Mac Mahon (1808-1893) chefe das tropas de Versailles que esmagam a Comuna de Paris em maio de 1871, segundo presidente da República (1873-1879) e filo-monárquico, abre a crise com o Parlamento a 16 de maio de 1877. Depois das eleições legislativas de outubro, é obrigado a recuar e a admitir que a França quer um regime republicano. Pedirá a demissão em janeiro de 1879, depois das eleições senatoriais terem dado a maioria absoluta aos republicanos moderados.

²⁶ Este longo artigo ocupa duas colunas e meia, entre a primeira e a segunda página do jornal.

sempre doente; as pessoas que o rodeiam são horríveis». O jornalista brasileiro acha a situação muito grave: muitos estados nunca irão aceitar a ditadura, o que poderá provocar, se o marechal não recuar, uma querra civil.

RÉVOLUTION OU COUP D'ÉTAT?

Se trouve-t-on, au Brésil, en présence d'une révolution ou d'un coup d'État tenté par le maréchal Deodoro da Fonseca, président de la République ?

Sans raison plausible, par simple esprit de parti, la presse monarchiste de Paris déclare tout net que c'est bien une révolution que nous voyons commencer et qui a pour but de restaurer l'empire.

Cette appréciation intéressée est démentie par les faits. L'immense majorité de la population brésilienne est républicaine; les militaires eux-mêmes se disent républicains; les impérialistes qui existent encore sont disséminés dans tout le pays et ceux qui habitent Rio de Janeiro sont trop peu nombreux pour oser un coup de force.

La plupart des journaux républicains français prononcent le mot de révolution. C'est, à mon sens, un bien gros mot. L'expression «coup d'État» est beaucoup plus juste, et encore, quoique le maréchal Deodoro se soit livré, le 4 de ce mois, à un acte véritablement dictatorial, rien ne permet d'avancer qu'il cherche à préparer sa dictature.

Je vais plus loin. Le maréchal Deodoro, une vieille culotte de peau, qu'on me passe ce qualificatif, n'est ni un méchant homme ni un ambitieux. Malade depuis plusieurs années, très malade même — il est rhumatisant, asthmatique et cardiaque — il vivrait volontiers tranquille et dans les meilleurs termes avec les autres pouvoirs publics, si son entourage ne le poussait à des vexations vis-à-vis de l'élément civil. Cet entourage, composé de colonels et de jeunes officiers, grisé par l'étonnante fortune du militarisme brésilien et dont plusieurs ne reculent pas devant des violations de domicile — je n'en veux pour preuve que la sauvage invasion des bureaux de la *Tribune* — s'agite autour du président et le force à agir. Si Deodoro avait quelque notion de la politique et était administrateur, son premier soin serait évidemment de se débarrasser de tout ce monde peu scrupuleux.

* * *

Deodoro n'a pas eu le courage de résister aux demandes incessantes de cette camarilla dont les membres sont en grande partie ses parents. Non seulement, il a suivi leurs conseils, mais encore il les a bien placés, enrichis, gorgés de faveurs. Ces parvenus de la politique qui habitaient autrefois ce que l'on appelle à Rio des «porta e janela», c'est-à-dire des masures, sont aujourd'hui logés dans des palais.

Deodoro, par faiblesse de caractère et par ignorance, a ainsi donné l'exemple d'une corruption effrénée. Ses ministres l'ont imité, entre autres Rui Barbosa, ancien ministre des finances, qui profitait de son séjour au pouvoir pour faire fortune et commandait en une seule fois pour 50,000 fr. de cristaux de Baccarat. C'est à ce Rui Barbosa qu'est dû le mauvais état des finances brésiliennes. C'est lui qui a engagé Deodoro à créer cette fameuse banque du

Brésil et tous ces établissements de crédit dont l'existence a eu pour effet de faire hausser le taux du change.

Le parti militaire a fait le plus grand mal au Brésil. Il est même dans tous les pays où il a acquis la prédominance et dans l'Amérique du Sud, ils sont nombreux. À vrai dire, tous sont affligés de cette honteuse plaie du militarisme gouvernemental.

**

Quelles sont les causes du coup d'État?

J'ai eu, à maintes reprises, l'occasion de démontrer que Deodoro da Fonseca avait contre lui tous les vrais républicains du Brésil. Mais, comme il est appuyé par l'armée, il se soucie peu de cet état de choses.

Dans le Congrès, l'opposition, qui avait la majorité, lui faisait une guerre acharnée. Depuis le mois de septembre surtout, elle le combattait à outrance à propos d'un projet de loi interdisant le cumul entre fonctions administratives et fonctions législatives. Ce projet émanait de l'initiative parlementaire. Deodoro qui, en vertu de la Constitution, jouit du droit de *veto*, a refusé d'approuver la loi contre le cumul adoptée par les Chambres. La loi est revenue devant ces dernières. Si, en second lieu, elle avait réuni les deux tiers des voix du Congrès, le président était obligé de la promulguer.

Malheureusement, il s'en est fallu d'une voix. Dans la majorité figurait un frère de Deodoro, colonel et gouverneur d'une province. Le Congrès a déclaré

nul le vote de cet officier supérieur. Le projet de loi avait ainsi pour lui les deux tiers des membres du Congrès.

C'est alors que Deodoro en a prononcé la dissolution. Aussitôt, l'état de siège a été décrété à Rio et à Niteroi, capitale de l'État de Rio-de-Janeiro, situé de l'autre côté de la baie ; les édifices publics ont été occupés par les troupes et les télégrammes privés arrêtés.

À LA LÉGATION DU BRESIL

Je me suis rendu hier à la légation du Brésil. J'y ai été bien reçu. On y est cependant très irrité contre la presse française qui combattrait la République brésilienne. À ce propos, je crois devoir faire une observation. Il est parfaitement vrai que la presse française n'a jamais été très tendre pour le gouvernement du Brésil. Ici, nous n'aimons guère les militaires qui accaparent la direction des affaires dans un pays quelconque; nous sommes hostiles au militarisme politique. Mais on a tort de croire que toutes les attaques dirigées contre Deodoro l'ont été aussi contre le Brésil. La France n'a jamais détesté le Brésil.

— Grâce à l'attitude antirépublicaine des journaux de Paris, m'a-t-on dit, la France commence à être haïe au Brésil. Très souvent, nous avons envoyé des coupures de ces journaux à Rio en écrivant : «Voyez comment ce peuple que vous admirez tant vous traite.»

Ainsi, à propos de l'affaire qui vous amène, la presse parisienne a tout exagéré, tout faussé. Il n'y ni révolution, ni coup d'État, mais seulement ceci :

Le Congrès faisait une opposition ardente ; au sujet de la loi sur le cumul, il déniait au président les droits qu'il tient de la Constitution. Le maréchal Deodoro l'a dissous.

Voilà tout ; les élections auront lieu prochainement. L'état de siège n'a été proclamé que pour deux mois à Rio de Janeiro et à Niteroi ; s'il n'existait que dans une de ces villes, il n'existerait pas.

RESTAURATION IMPÉRIALE IMPOSSIBLE

— Et pourquoi l'a-t-il été? C'est que nous ne voulons pas que les monarchistes profitent des circonstances actuelles pour tenter un mouvement. Jamais nous ne permettrons à ces gens-là, qui sont très peu nombreux, du reste, de saisir un moment d'effervescence politique pour troubler davantage le pays par leur agitation.

Au surplus, une restauration impériale est impossible. Tout le monde, là-bas, plus ou moins, est républicain. Les officiers sont aussi républicains et s'ils sont aujourd'hui à la tête du gouvernement, c'est que nous avons eu besoin d'eux pour faire la République, car c'était l'élément le plus instruit, le plus «scientifique» de la nation.

Dom Pedro et ses héritiers peuvent faire leur deuil du trône brésilien.

Le vrai est qu'en ce moment il n'y a qu'une lutte de partis, et l'opposition, si elle n'aime pas le militarisme, ne veut qu'une chose, se débarrasser de lui, pacifiquement, progressivement.

On parle de la dictature et Deodoro est très malade et il promet de faire réviser la Constitution en maintenant la fédération et il n'édicte l'état de siège que dans deux villes contre les monarchistes, etc. Est-ce la dictature, cela ?

Encore une fois, il n'y a rien de grave ; après les prochaines élections, tout rentrera dans le calme. L'ordre règne partout. Voici les dépêches que nous avons reçues.

De fait, avec une obligeance que je me plais à reconnaître, on m'a communiqué tous les télégrammes officiels signés du ministre des affaires étrangères, M. Chermont.

— La presse française a tort de publier des appréciations comme celles que nous avons lues ce matin. Et après cela, votre gouvernement viendra nous demander de lui accorder des tarifs de faveur que nous avons concédés aux Américains. Nous nous en garderons bien. Les Etats-Unis traitent le Brésil en égal tandis que la France l'insulte.

CHEZ UN JOURNALISTE BRÉSILIEN DE L'OPPOSITION

Qui n'entend qu'une cloche n'entend qu'un son.

De la légation je suis allé chez un journaliste brésilien de l'opposition. Je ne peux dire son nom, mais je puis affirmer qu'il est un des hommes les plus en vue du Brésil et que son journal combat vivement Deodoro da Fonseca.

Il m'a dit :

 Ce n'est pas une révolution, mais un coup d'État. Aux termes de la Constitution, Deodoro n'a pas le droit de dissoudre le Congrès.

Ce parti militaire a fait un mal inouï au Brésil. Deodoro n'est guère responsable ; c'est un ignorant et il est toujours malade ; mais son entourage est épouvantable ; il ne lui donne que des conseils impolitiques et désastreux pour le pays.

Tout cela est très grave. Je constate cependant que beaucoup de dépêches ont été fabriquées en Europe. Ainsi celle qui annonce que M. Saldanha da Gama, commodore, est maître de Rio de Janeiro.

Cette dépêche serait partie hier à trois heures de Rio. Or, j'ai vu une dépêche de M. Chermont datée de quatre heures. Si Saldanha avait occupé la ville, le télégramme officiel n'aurait pu être expédié et voici pourquoi :

Saldanha est un ami de dom Pedro. Son titre de commodore lui vaut le commandement de la citadelle de Villegaignon, qui domine Rio, et du bataillon des marins nationaux, anciens marins impériaux très fervents impérialistes. Si l'on admettait que Saldanha se fût emparé de la capitale fédérale, il faudrait en conclure que les monarchistes ont renversé Deodoro. Or, Deodoro est bien toujours président de la République. Donc Saldanha n'a pas bougé; donc, la dépêche n'a pas été rédigée au Brésil.

SITUATION GRAVE – CONSÉQUENCES POSSIBLES

- La situation est très grave, tel est mon avis.

Jamais les États n'accepteront la dictature. À Rio, où il y a beaucoup de troupes, Deodoro peut l'imposer, mais ailleurs il n'en est pas de même. Les gouvernements élus, les Chambres, les populations des États organisés, et c'est la majorité, le combattront.

Ainsi, Rio-Grande do Sul, São-Paulo, Para, etc.

Si l'on vous a dit à la légation que les gouverneurs ont félicité Deodoro d'avoir maintenu l'ordre, il faut attendre de nouvelles informations.

On peut douter, cependant, de cette assertion bien officielle.

Il ne me coûte guère d'avouer que le Congrès était trop ardent dans son opposition; n'empêche que rien ne peut justifier le coup d'État de Deodoro. S'il persiste dans ses intentions, nous pouvons avoir une guerre civile et peut-être une guerre civile à tendances séparatistes. Les États du Sud se déclareront indépendants.

Une chose, toutefois, me fait croire que la ville de Rio n'a pas été troublée. Le change, en effet, est à peu près au même taux qu'il y a quelques jours.

**

Voilà les renseignements que j'ai recueillis.

J'aime à croire, sans trop oser l'espérer, que de tout cela sortira le triomphe de l'élément républicain civil qui compte un grand nombre d'hommes de valeur et des orateurs d'un talent des plus remarquables, comme José do Patrocinio, directeur de la *Cidade do Rio*.

Pour la République du Brésil, il est vraiment regrettable que Benjamin Constant, dont on peut lire dans la *Nouvelle Revue* du mois de septembre une excellente biographie, par Oscar De Araujo, soit mort prématurément. Il aurait empêché Deodoro de faire son coup d'État et procédé à l'élimination progressive de l'élément militaire.

P.-S. — Les dépêches de la soirée ne contiennent que des nouvelles contradictoires.

L'une, cependant, est très grave. Elle annonce que, dans la province de Rio-Grande du Sud, l'on considère la décision de Deodoro comme favorable au retour de la monarchie et que la population est dans un état d'effervescence.

13. «Lettres du Brésil», *Le Temps*, 24 de novembro²⁷

Esta longa carta enviada pelo correspondente de Le Temps no Brasil analisa em pormenor o conflito institucional entre o Parlamento e o executivo. Porém, na sua opinião, a verdadeira causa do golpe tem a ver mais com aspetos financeiros: o presidente mandou fechar o Congresso para poder emitir mais notas e salvar bancos da falência, defendendo desse modo «interesses individuais e fortunas privadas». Mas esta política monetária acelera a inflação o que tem «graves consequências para o comercio e a população».

Na segunda parte, o jornalista interroga-se sobre «as consequências dessa dissolução» do Parlamento. Realça o facto de a oposição estar dividida

62

²⁷ Esta carta do Brasil, que leva cerca de duas semanas para chegar à redação, ocupa a metade da segunda página do jornal.

e da impossibilidade de uma resistência na capital fortemente militarizada. No entanto, uma reação pode vir de alguns estados e nomeadamente do Rio Grande do Sul, onde há um forte descontentamento na cidade de Rio Grande devido ao facto de o governo ter mandado parar as obras para a construção do porto da cidade.

No fim alude também às tensões entre Paris e o Rio sobre as taxas alfandegárias.

Pernambuco, 8 novembre

La dissolution violente du Congrès, que je vous faisais entrevoir dans ma correspondance d'août dernier comme une conséquence inévitable du conflit engagé entre le premier Congrès de la République et le ministère réactionnaire appelé aux affaires par le maréchal da Fonseca, est aujourd'hui un fait accompli. Les Chambres sont dissoutes, l'état de siège proclamé et la dictature établie.

La prorogation du Congrès par lui-même, pour la période du 15 octobre au 15 novembre, n'a été qu'une prolongation des hostilités entre le pouvoir législatif et l'exécutif. Depuis que le Sénat avait annulé le vote du colonel da Fonseca, à propos de loi sur le cumul, les relations des deux pouvoirs n'avaient fait que de se tendre. Le Sénat, pour atténuer un peu l'effet de cette annulation, avait insisté auprès du colonel pour qu'il conservât le siège qu'il avait abandonné; mais celui-ci refusa catégoriquement, déclarant, avec raison d'ailleurs, que ce serait une inconséquence de sa part de revenir sur une décision dont le motif n'avait point cessé de subsister. C'était dire au Sénat:

Validez mon vote et inclinez-vous devant le *veto* de l'exécutif en renonçant à faire passer la loi d'incompatibilités. À cette condition, la paix serait faite.

Elle se fit si peu que, dès ce moment, les gouvernementaux commencèrent à menacer le Congrès d'une dissolution et que les parlementaires préparèrent la résistance. Dans la séance du 14 octobre, le sénateur Americo Lobo avait même joué le Mirabeau au petit pied en s'écriant : «On nous menace d'une dissolution, mais si jamais cet attentat était commis, nous répondrions que nous sommes ici par la volonté du peuple brésilien et que les baïonnettes seules pourront nous en chasser.»²⁸

En attendant, le président de la République continuait à jouer du *veto* avec une insistance qui révélait dans le gouvernement l'intention bien marquée de rendre au Congrès provocations pour provocations et même d'en finir avec lui. Nous avions déjà le veto de la loi limitant les attributions des gouverneurs d'État, celui de la loi d'incompatibilités, maintenue quand même par le Sénat, puis ce furent de nouveaux refus de sanction à l'égard de deux lois pensionnant deux anciens fonctionnaires de l'État mis à la retraite et dont l'un est M. Belarmino Pessoa de Melo, surintendant du pénitencier de Rio, lequel eut, dit-on, une petite querelle, l'an dernier, avec un parent du maréchal président.

²⁸ « Allez dire à votre maître que nous sommes ici par la volonté du peuple et qu'on ne nous en arrachera que par la puissance des baïonnettes. » É dessa forma que, a 23 de junho de 1789, o Conde de Mirabeau (1741-1791) respondeu ao enviado de Luís XVI que pedia à Assembleia Nacional para evacuar a Sala do Jeu de Paume.

Enfin, ce fut le tour de la loi votée par les Chambres, le 17 octobre dernier, déterminant les crimes et responsabilités du président de la République, donnant droit à tout citoyen de dénoncer le chef de l'État et au Congrès de le mettre en accusation, de le juger et de le destituer pour crimes de droit commun ou responsabilités encourues dans l'exercice de son mandat : violation de la constitution, etc., etc., et autres cas *non spécifiés par la loi*.

Il était inévitable que cette loi, sorte de procès de tendance inspiré par les inquiétudes des parlementaires à l'égard des intentions de l'exécutif, d'ailleurs ouvertement manifestées par les ministériels, rencontrât l'opposition du président contre lequel elle était personnellement dirigée; et en effet, celui-ci prononça une nouvelle fois son *veto* en le basant, entre autres, sur cette considération, d'ailleurs très subtile, que le projet voté comprenait, parmi les crimes de responsabilités, «les excès ou abus non spécifiés par la loi». Or, la constitution disant que «personne n'est obligé de faire ou ne pas faire ce que la loi n'ordonne ou ne défend pas», on ne pouvait comprendre comme crimes des faits non spécifiés par la loi. C'est pourquoi l'exécutif refusa sa sanction et renvoya le projet.

Mais le Sénat ne se rebuta pas et, le 2 novembre, il maintenait la loi par 33 voix contre 12, c'est-à-dire la majorité requise des deux tiers, et la passait à la Chambre des députés.

Est-ce cette nouvelle résistance du Congrès qui réellement a fait crever l'orage deux jours après ? On prétend que ce n'est point là la véritable cause et que ce n'a été tout au plus que le prétexte.

Le gouvernement était bien en divergence complète avec le pouvoir législatif sur maintes questions politiques, et encore sur le régime des sociétés anonymes, et sur l'affermage des chemins de fer de l'État, etc., mais le vrai nœud gordien de la situation, celui que le maréchal et le baron de Lucena ont voulu trancher, c'est la question de l'émission fiduciaire de la Banque de la République.

Le gouvernement avait un plan financier auquel était opposée la majorité du Congrès, de la presse et de l'opinion, et qu'il lui fallait imposer, coûte que coûte. Tout semble démontrer, en effet, que son but réel, en insistant pour le payement en or des droits de douane, était de se procurer les seules ressources métalliques possibles pour reconstituer les dépôts de garantie des billets de banque. Comment s'expliquer autrement que le gouvernement ait pu se mettre en opposition ouverte avec le vœu général du commerce, bien manifeste à en juger par le petit plébiscite qu'a fait le *Jornal do Brasil* parmi les principaux commerçants de Rio et qui a donné 1,412 voix opposées à la perception des droits en or contre 9 en faveur.

Tout tendrait à prouver également qu'en portant à 600,000 contos une circulation fiduciaire qui s'avilit tous les jours, il voulait simplement légaliser des émissions, non autorisées, déjà faites par les banques, tirer d'un très mauvais pas la Banque de la République, éloigner toute enquête dans les dépôts d'or de garantie des billets de banque, dépôts qui seraient réduits de 75,000 à 27,000 contos, et dont le contre-projet de la commission mixte du Congrès ordonne la reconstitution; bref, éviter la mise au jour de désordres financiers

qui seraient le pendant de ceux qui se sont produits dans la République argentine. Il est plus probable, disait-on couramment, que la circulation actuelle est bien plus grande que celle qu'on avoue et que l'anxiété du gouvernement d'en fixer le maximum à 600,000 *contos* n'est en réalité basée que sur la nécessité urgente, pressante même, de couvrir une émission illégale.

L'exposé des motifs de M. de Lucena, ministre des finances, trahissait, en quelque sorte, ce fait des plus graves, lorsqu'il laissait échapper ces mots : «La Banque de la République assumera la responsabilité des respectives *émissions légales* des banques régionales». Un *memorandum* de M. de Figueiredo à la commission mixte du Congrès, réfutant l'exposé Lucena, voit là l'aveu tacite, terrifiant, de l'existence d'émissions non autorisées et partant frauduleuses, faites par les banques dans les périodes de crise que traverse la place de Rio, après avoir été livrée aux *inflationnistes* et aux agioteurs.

Et ce qui corrobore encore ce fait, c'est l'annonce, ces jours derniers, que les ministres des finances, ayant appris qu'une banque avait émis des billets non autorisés, allait prendre des mesures réclamées par la gravité du cas.

La vérité est qu'on ne connaît point exactement le chiffre de l'émission et que l'obscurité où l'on est sur ce point ne pouvait que favoriser les plus fâcheuses suppositions.

Aussi, n'est-on point loin de la conviction que le gouvernement, qui venait de voir voter, par la Chambre des députés, à 101 voix contre 35, et malgré les efforts de M. Mayrink, — lequel a montré dans cette question une attitude

des plus équivoques, — la loi interdisant toute nouvelle émission au-delà de la circulation actuellement autorisée et qui s'attendait à la voir ratifiée, le 4 novembre, en troisième discussion, par le Sénat, a voulu surtout prévenir ce vote définitif, pourtant si conforme aux vrais intérêts et au crédit du pays, en lançant dans le *Diario oficial*, qui parut le matin dudit jour, le décret de dissolution du Congrès.

Les Chambres s'étant montrées disposées, dans les cas précédents, à passer outre aux *veto* présidentiels et se préparant à une nouvelle prorogation jusqu'au 30 novembre, le veto était devenu une arme impuissante. Le gouvernement se décida donc pour la dissolution ; ensuite il aurait ses coudées franches pour transformer le projet de loi de M. de Lucena, en un décret portant la circulation fiduciaire à 600,000 *contos*, permettant d'écarter la question des émissions non autorisées et des dépôts d'or et enfin de soustraire la Banque de la République à une liquidation qui, dans les circonstances actuelles, prendrait les proportions d'un désastre, car elle entraînerait celle de maintes banques et sociétés qui sont dans une position difficile.

Tel serait, en réalité, le dessous des cartes du coup d'État du 4 novembre. Dans ces conditions, cette résolution violente ne peut rencontrer l'approbation de l'opinion publique, puisqu'elle a été déterminée en définitive par une sage résistance du Congrès à de nouvelles émissions de papier destinées à sauver des intérêts individuels et des fortunes particulières et dont la dépréciation ne peut qu'accentuer encore la crise qui pèse lourdement sur le commerce et la population.

Les intérêts européens ne peuvent que regretter aussi la dissolution du Congrès, dont la résistance financière était inspirée par des télégrammes venus de Londres, contenant de prudents conseils hostiles à ces émissions de papier qui ont détruit la solvabilité de l'Argentine. Ces sages avis l'avaient emporté dans le Congrès, malgré les criailleries des partisans du papier-monnaie, qui se sont élevés [sic!]bien haut contre l'ingérence des banquiers londoniens dans les affaires du pays et la prétention de la Cité à jouer à la métropole et à tenir le Brésil sous sa dépendance monétaire et industrielle.

Aujourd'hui, le système financier inauguré par M. Rui Barbosa continue donc à dominer, le gouvernement, qui préfère donc temporiser, gagner du temps et éloigner une liquidation qu'il redoute. C'est pourquoi il a fait de la question de l'émission un cas de dissolution, bien qu'il ait justifié celle-ci par des raisons d'ordre purement constitutionnel.

Quelles seront les conséquences de cette dissolution ? Jusqu'à présent le Congrès ne paraît avoir fait aucune résistance et elle serait, du reste, impossible à Rio

L'opposition n'est pas organisée. Elle s'efforçait, depuis quelques temps, de créer un grand parti militant qui aurait à sa tête M. Prudente Morais, vice-président du Sénat, et qui fut candidat civil à la présidence contre le Maréchal da Fonseca, l'amiral Vandenkolk, ex-ministre de la marine, et le général José Simao, ex-adjudant général de l'armée.

L'opposition parlementaire était divisée en républicains purs ou historiques, en libéraux du parti Ouro-Preto, qui gouvernait lors de la chute de l'empire, plus ou moins sincèrement ralliés à la République, et enfin un petit groupe de monarchistes. Ces deux derniers forment ce qu'on peut appeler le parti conservateur; ils sont séparés du premier par des divergences complètes de tendances et de principes, mais ils étaient unis avec lui dans la lutte contre l'exécutif. C'est pourquoi celui-ci avait intérêt à prévenir les manœuvres tentant à fortifier, dans le Congrès, l'union de ces éléments militants et à en faire une coalition dangereuse, d'abord pour le gouvernement, puis peut-être pour le régime lui-même, car la fraction réactionnaire l'emporterait de beaucoup dans cette coalition.

Ces éléments d'opposition, impuissants à Rio, contre un gouvernement essentiellement militaire, seront-ils capables d'entraîner des États dans un mouvement contre la dictature ? ou se contenteront-ils de les travailler, les uns dans le sens du radicalisme, les autres dans le sens réactionnaire et monarchiste, en vue des prochaines élections auxquelles le maréchal annonce, dans le manifeste de dissolution, qu'il convoquera prochainement le peuple brésilien ? C'est encore une autre question.

Le gouvernement actuel s'appuie sur la force armée, qui est principalement concentrée dans la capitale fédérale, et il reste à savoir si les troupes réparties dans les États seraient suffisantes pour y réprimer des mouvements populaires, et surtout si le gouvernement fédéral peut compter sur elles. L'union est, en effet, loin d'être parfaite dans l'armée, et cette division se révèle dans les diverses associations militaires. Il y a le club militaire dont était président, encore tout dernièrement, l'amiral Custodio de Melo, l'un des chefs les plus acharnés de l'opposition, et auprès duquel s'est créé récemment le *Gremio Militar*, dont la présidence a été donnée au vice-président de la République, le général Peixoto. À la tête du Centro Naval est un monarchiste, le commodore Saldanha da Gama, qui commande le corps des «nacionais marinheiros», et qui occupe la forteresse de Villegaignon, à l'entrée de la baie de Rio. Dans une récente séance de la Chambre, l'amiral Custodio de Melo déclarait qu'il régnait un vif mécontentement et un grand découragement dans la marine, par suite, principalement, du favoritisme qui dominait au palais présidentiel d'Itamarati.

Tout cela ne révèle point ce parfait accord entre l'armée et la marine et le gouvernement qui serait sa principale force dans la lutte qu'il vient d'engager contre la représentation nationale; celle-ci, incapable de lui faire face à Rio, peut trouver les éléments de résistance dans les États.

De plus, cette indiscipline qui se révélait dans l'armée, à la fin de l'empire, se manifeste aujourd'hui dans la même forme. À Sergipe, il y a eu des rixes entre soldats et agents de police; à Sao Paulo, ce sont les pompiers, lesquels sont organisés militairement, qui ont eu maille à partir avec les agents de l'autorité.

Qu'il y ait des craintes d'agitation, le fait est indéniable. La *Imprensa* de Niteroi, annonçait dernièrement que deux impérialistes caractérisés allaient être déportés et le chef de la police de Rio a recommandé vivement au ministre

de la justice qu'aucun armement ne fût donné aux bataillons de la garde nationale; tout cela probablement en prévision du coup d'État que préparait le gouvernement et qui peut ouvrir la porte à toutes les éventualités.

Le gouvernement peut compter sur certains États, mais il en est auxquels les causes des mécontentements contre lui ne manquent pas, entre autres celui de Rio-Grande do Sul. On se souvient qu'il y a peu d'années le gouvernement brésilien mit en adjudication les travaux de la barre de Rio-Grande afin de doter cette province d'un port qu'elle ne possédait pas, les côtes, où se trouvent cependant des villes importantes comme Porto-Alegre, Rio-Grande et Pelotas, étant d'un accès très difficile. La Société française des travaux publics passa un contrat avec le gouvernement pour l'exécution des ouvrages de la barre ; mais, à ce moment, comme on ne prévoyait pas la chute du change, on ne détermina pas le taux auquel le payement des travaux serait calculé et qui était supposé être le pair de 27 d. Mais le change étant venu à tomber, comme on le sait, la compagnie, très lésée par la dépréciation continue du papier, demanda une modification du contrat en fixant le change à 24 d. Le gouvernement paraissait prêt à y acquiescer, puis il ajourna l'arrangement, parla même d'annuler le contrat, ce que voyant, la compagnie arrêta les travaux et licencia son personnel vers le 20 octobre dernier.

De là, grande irritation chez les habitants du Rio-Grande, qui réclamèrent auprès du gouverneur Castilhos et aussi auprès du président de la République, de M. de Lucena et du Congrès pour que les travaux fussent repris.

Il y a là, en effet, une très grosse question pour cet État isolé à l'extrémité sud du Brésil et qui n'a point de port. Jusqu'ici, son trafic extérieur s'est toujours effectué principalement par l'Uruguay; mais, comme les marchandises importées de ce pays étaient en majeure partie de provenance européenne, il arrivait que ces importations, qui avaient déjà acquitté des droits de douane à Montevideo, avaient à en payer encore de nouveaux à la frontière brésilienne et parvenaient ainsi dans le Rio-Grande surchargées d'un double droit; ainsi la contrebande s'était organisée sur vaste échelle, et on ne la réprimait que très mollement. Mais, en 1890, M. Rui Barbosa voulut la faire cesser en établissement des zones fiscales à la frontière de Rio-Grande. C'est pourquoi cet État aspirait si vivement à posséder un port qui lui permît d'importer directement, et à défaut duquel on lui a toujours prêté le secret désir de s'unir à l'Uruguay et de jouir ainsi du port de Montevideo sans à avoir à subir les exigences fiscales du gouvernement fédéral brésilien.

L'attitude de ce dernier, dans cette question de la barre de Rio-Grande, en présence de gens aussi susceptibles et remuants que les habitants de Rio-Grande, n'était donc pas très habile. Mais bien mieux, au moment même où il laissait interrompre les travaux de la barre de Rio-Grande, on inaugurait sur la côte du même État, ceux du fameux port de Torres, qui, on s'en souvient, détermina, au commencement de l'année, la rupture entre le maréchal da Fonseca et le ministère provisoire. C'était ajouter au mécontentement des habitants de Rio-Grande, qui voyaient suspendre les travaux de leur port, le ressentiment contre un port rival que le gouvernement fédéral faisait

construire. Aussi les têtes étaient-elles fort montées et le journal *O Rio-Grande* annonçait-il que le gouvernement de l'État prend d'énergiques mesures pour prévenir tout mouvement insurrectionnel contre le gouvernement fédéral et contre le gouverneur Castilhos, qui ne paraît pas avoir su ou voulu défendre les intérêts de Rio-Grande.

Le gouvernement fédéral, en créant quelques difficultés à la Compagnie française, a-t-il voulu simplement favoriser l'entreprise du port de Torres, chère au maréchal da Fonseca, ou accentuer un peu plus l'espèce d'animosité qu'il montre depuis quelques temps contre la France, à cause des circulaires contre l'émigration et de la campagne des économistes français contre le système financier actuel du Brésil? Peut-être y a-t-il des deux. Un message du maréchal da Fonseca, adressé au Congrès à la fin octobre, demandait que le tarif douanier brésilien appliquât aux produits français des droits de représailles proportionnés à l'impôt mis par la France sur le café. Le président semble oublier que le droit sur le café à l'entrée en France est unique pour tous, qu'il ne constitue point un impôt vexatoire pour le Brésil, tandis que les tarifs d'exception qu'il demande contre nos produits seraient tout simplement iniques; ils placeraient, en effet, le commerce avec la France dans des conditions d'infériorité, alors que, si élevés que soient nos droits sur les cafés brésiliens, ils restent toujours sur le pied d'égalité avec les provenances des autres pays et même des colonies françaises.

Pendant ce temps, le gouvernement brésilien négocie des traités de commerce avec l'Allemagne et le Portugal.

14. *La Liberté,* 11 de novembro

O regime republicano positivista brasileiro «gastou tudo» o que o império tinha deixado nos cofres do Estado: agora, «a crise financeira vai levar à crise política», afirma o jornal que «nunca teve ilusões nenhumas sobre a revolução no Brasil». O jornal católico considera mesmo a hipótese de uma «restauração imperial».

Les journaux portugais, qui ont une connaissance parfaite de ce qui se passe au Brésil, annoncent que de graves événements s'y préparent. Après le dernier coup d'État de M. Deodoro da Fonseca, ces graves événements ne peuvent être que les préliminaires de la restauration impériale, car quand un pays est en pleine anarchie, il ne peut s'y passer rien de grave que l'établissement de l'ordre. Nous sommes de ceux qui ne se sont jamais fait la moindre illusion sur la révolution du Brésil; nous avons toujours pris les révolutionnaires pour ce qu'ils sont, et jamais nous avons cru à la stabilité de leur œuvre politique. On ne bâtit pas une Constitution avec des raclures de positivisme. Depuis deux ans, le pays a vécu sur les ressources que l'empire lui avait accumulées. Aujourd'hui tout est gaspillé et la crise financière précipitera la crise politique.

15. *Journal des Débats*, 14 de novembro²⁹

O editorialista não acredita no otimismo das notícias enviadas pelos despachos oficiais e cita, como prova, a censura de muitos jornais e dos telegramas particulares. Receia também a possibilidade do Rio Grande do Sul, «uma das mais ricas províncias da República», se separar de um Estado «cuja política financeira é cada dia mais detestável».

Les dépêches officielles du Brésil ne cessent de nous dépeindre comme excellente la situation de la République. À les en croire, la dictature du maréchal Deodoro a été accueillie avec un enthousiasme universel; le commerce, l'armée et la marine sont également satisfaits et si, dans certaines provinces, quelques mécontentements se sont fait jour, il ne s'agit que de dissentiments purement locaux et de troubles sans importance.

Il nous paraît tout à fait impossible de partager cet optimisme de commande. Si son âge d'or était revenu au Brésil, il n'y aurait aucune raison d'empêcher les particuliers d'en transmettre au monde la nouvelle par voie télégraphique et nous ne voyons pas pourquoi le dictateur aurait supprimé les principaux journaux de Rio-de-Janeiro, en ne laissant vivre que quelques feuilles inconnues et sans influence. De plus, ce que nous savons de ces provinces «où quelques troubles ont éclaté» n'est pas trop fait pour rassurer. Sans doute, nous nous souvenons que chaque fois qu'un mouvement politique s'est fait jour au Brésil, on a aussitôt parlé de tendances séparatistes du

²⁹ Trata-se do editorial desde dia de cerca de uma coluna, que é retomado, na mesma data pelo diário belga *La Meuse*, e, com algumas ligeiras modificações pela *Gazette de Lausanne*.

Rio-Grande-do-Sul, et certainement il ne faut rien exagérer. Mais il est difficile d'oublier que le Rio-Grande-do-Sul est une des plus riches provinces de la République, et qu'il ne saurait lui être fort agréable d'être attachée à un État dont le crédit est ruiné et dont la politique financière est chaque jour plus détestable, surtout quand sa position géographique lui permet de rompre aisément ses liens pesants; rappelons-nous que cette province est habitée par plusieurs centaines de mille Allemands, qui ont peut-être moins de patience que la population brésilienne et qui, s'ils ont accepté volontiers la déchéance de l'empire et la proclamation de la République, ne doivent avoir aucun goût pour les procédés de gouvernement dictatoriaux dont on use à Rio depuis deux ans.

Cette séparation du Rio-Grande-do-Sul serait très grave dans les circonstances présentes et nous voulons espérer pour l'avenir du Brésil que le dictateur, par ses coupables folies, ne forcera pas en quelque sorte cette province d'en arriver là et à prendre cette résolution désespérée.

16. Jean Frollo, «Le Brésil», *Le Petit Parisien*, 14 de novembro³⁰

No Brasil, há problemas que não têm a ver com o regime republicano: a abolição da escravatura sem nenhuma outra medida para ajudar os antigos escravos, os aspectos geográficos de um país enorme e pouco habitado, o peso da história da colonização europeia e do império brasileiro.

Jean Frollo, que menciona também um possível desmembramento do país, não acredita num regresso da monarquia, «difícil de pôr em prática».

³⁰ Este longo editorial ocupa duas colunas do jornal. Transcrevemos unicamente os comentários que se referem diretamente ao Brasil.

Les nouvelles qui arrivent du Brésil manquent de précision.

On a le sentiment, en les lisant, d'une situation plus grave que ne le prétendent des dépêches, soumises probablement à la censure gouvernementale.

Pour savoir la vérité, il faudra attendre l'arrivée de lettres racontant les faits avec exactitude

Dans ce beau et immense pays, certaines difficultés de la situation tiennent à des causes supérieures au régime politique adopté et ne sauraient être supprimées par une révolution.

La République ne peut pas faire que l'étendue du territoire ne soit point hors de toute proportion avec le chiffre des habitants, ce qui rend presque impossible une organisation administrative.

En outre, la question de la population noire n'a pas été tranchée par l'abolition de l'esclavage; parce qu'il ne suffit pas de dire à des hommes qu'ils sont libres pour les rendre en état de vivre sous le soleil de la liberté.

Le hideux esclavage traîne après lui, comme un boulet, les embarras de l'affranchissement; et de longues années s'écoulent, avant que des malheureux, traités la veille comme des bêtes de somme, s'élèvent à la hauteur de citoyens, comprennent les devoirs de leur indépendance récente et acceptent volontairement la loi du travail, à laquelle est soumise l'humanité.

[...]

Pour en revenir au Brésil, on raconte que les velléités de séparation se manifestent dans certaines provinces, et que le morcellement de l'ancien empire ne serait pas impossible.

Peut-être cette solution ne serait-elle pas aussi mauvaise qu'on pourrait le supposer avec nos idées européennes des grandes nationalités.

Il ne faut pas juger des pays neufs, à peine habités, comme notre vieux continent; et pour apprécier les choses du Nouveau-Monde, il convient souvent de remonter le cours des siècles et de se demander comment s'est faite la société moderne.

Eu Europe, la civilisation s'est accomplie par de petits groupements d'intérêts communs ; et les nations ne se sont constituées qu'en associant des États minuscules, germes des agglomérations futures.

C'est, du reste, la loi générale de l'humanité : d'abord la famille, puis la tribu ; puis la commune et ainsi de suite, jusqu'aux énormes et redoutables États actuels.

Le Brésil, qui est encore au berceau de son histoire à travers les âges, est peut-être trop grand pour vivre dans les conditions où il se trouve.



Qu'est-ce, en effet, que moins de quatre cents ans dans l'existence d'un pays, né pour nous en 1500, lorsqu'un hardi marin espagnol [sic !] y aborda pour la première fois ?

Pendant cent cinquante années, des expéditions françaises, espagnoles, hollandaises et portugaises se le disputèrent, sans réussir à en assurer la souveraineté à leur patrie; et ce n'est, en réalité, qu'à partir du milieu du dix-septième siècle que les Portugais purent y entreprendre une œuvre sérieuse de colonisation.

Des luttes entre la métropole de Portugal et sa brillante colonie, des rivalités dynastiques nuisirent au développement du Brésil, qui ne marcha vers ses destinées qu'à partir de 1831, lorsqu'il eut proclamé son indépendance et mis la couronne sur la tête d'un enfant de sept ans, ce même don [sic!] Pedro descendu vieillard du trône qu'il aura occupé presque entre son berceau et sa tombe.

Aujourd'hui, on parle d'une Restauration, ce qui, suivant un mot célèbre, est toujours une Révolution redoutable, une Révolution en arrière! La chose paraît peu vraisemblable.

**

D'abord, l'idée de rétablir une monarchie dans le Nouveau-Monde, absolument conquis aux principes républicains, ne semble pas aisée à mettre à exécution.

Ensuite, sur quelle tête les Brésiliens placeraient-ils une couronne?

Don [sic!] Pedro est bien vieux, bien malade. Aurait-il la force de traverser l'océan Atlantique et, s'il l'avait, pourrait-il revoir Rio-Janeiro autrement que pour y mourir?

Et après lui? Sa fille et unique héritière, la comtesse d'Eu, est fort impopulaire, absolument soumise à l'influence des jésuites.

On assure que sa Régence, pendant les longues absences de son père, a été une des causes principales de la Révolution.

D'un autre côté, qu'est-ce qu'une dynastie où on ne suivrait pas l'ordre dynastique? Et quel argument pourrait-on faire valoir, en pareille circonstance, qui ne se retourne en faveur de la République?

En tous cas, nos intérêts sont considérables au Brésil, où vivent beaucoup de nos nationaux, et où notre patrie compte de nombreuses sympathies.

Aussi la France fait-elle les vœux les plus vifs et les plus sincères pour la prospérité de la nation brésilienne.

17. Jacques St-Cère, «Un pays qui se désagrège», *Le Figaro*, 14 de novembro³¹

«O Brasil perdeu o Rio Grande e acredito que isto será o sinal de uma desagregação geral», afirma o autor do texto, segundo o qual algumas províncias já declararam a independência! Jacques St-Cère chega mesmo a

_

³¹ Este artigo ocupa cerca de meia coluna na segunda página.

imaginar que, se a doutrina Monroe o permitir, o Rio Grande do Sul poderá vir a ser um dia uma colónia alemã!!!

Le maréchal Deodoro da Fonseca a beau appliquer au Brésil les procédés les plus balmacedistes et empêcher l'expédition des dépêches, on commence à savoir à quoi s'en tenir. Son fameux coup d'État, fait pour obéir aux vœux du peuple, a tout l'air d'avoir été le signal du désagrégement du Brésil. La province de Para s'est révoltée, les provinces de Bahia, de Pernambuco et du Rio-Grande do Sul ont proclamé leur indépendance. Voilà les faits. Qu'adviendra-t-il du mouvement à Bahia et à Pernambuco ? Il est difficile de le dire à présent. Mais l'indépendance du Rio-Grande do Sul était une chose préparée depuis longtemps et a une importance véritable.

Cette province, la plus méridionale de toutes les provinces du Brésil, en est aussi la plus fertile : on l'appelle de tout temps le grenier d'abondance. Elle a 650,000 habitants, sur lesquels il y a 250,000 Allemands, plus ou moins naturalisés Brésiliens, mais plutôt moins que plus. Ils sont les maîtres absolus de la province, et si l'indépendance a été proclamée, c'est par eux et pour eux. Voilà des années que des agents d'émigration officieuse allemande dirigent de préférence les émigrants vers le Brésil et le Rio-Grande do Sul. Ils ont créé des villes absolument allemandes, portant des noms allemands, comme *Hamburgerfelde*, qu'on ne s'attend pas à trouver dans le plus nouveau monde ; ils y ont des journaux, c'est, en un mot, une colonie allemande, n'ayant aucune attache avec la mère-patrie et placée sous pavillon brésilien.

Il y a fort longtemps que les journaux allemands soutiennent cette thèse : qu'un pays appartenant à ceux qui l'ont enrichi, et ce même s'il y avait des habitants avant les colons ; nous allons voir au Brésil une application pratique de cette théorie. Il n'y a qu'à voir avec quelle abondance la *Gazette de Cologne* essaie de prouver que le Rio-Grande do Sul n'a jamais légalement appartenu au Brésil pour deviner ce qui va en retourner. Un autre journal annonce que la colonie allemande a 50,000 soldats d'origine allemande bien armés et qu'elle est décidée à défendre la liberté qu'elle vient de donner à la province, et le maréchal da Fonseca aura beau envoyer des soldats contre eux, ils résisteront.

Le Rio-Grande do Sul est perdu pour le Brésil, et je crois que ce sera le signal d'un désagrégement général. Que peut faire la dictature contre la volonté de gens qui tranquillement lui disent : « Nous nous en allons» ? Mais ce sont là des affaires brésiliennes intéressantes il est vrai, mais moins intéressantes que ce fait : l'Allemagne va avoir, d'une façon ou d'une autre, une admirable colonie qui ne lui aura rien coûté et qui servira de débouché à ses marchandises! Seulement, que vont dire les États-Unis, et ne vont-ils pas trouver là l'occasion d'appliquer une fois de plus leur fameuse théorie de toute l'Amérique aux Américains ?

18. «Le Brésil morcelé. Causes du mouvement séparatiste», *Le Matin*, 14 de novembro

Le Matin, que constata a presença de um forte movimento de resistência à ditadura nas províncias brasileiras, publica a opinião de um

membro da Sociedade de Geografia Comercial de Paris. Segundo este, o Brasil, por causa da sua «forma federativa», «está a caminho de um rápido desmembramento» do seu território.

Depois de ter divido o Brasil entre as províncias ricas e as outras, fala da forte presença de emigrados alemães no Rio Grande do Sul. Na sua opinião, «esta província tornou-se um Estado alemão», o que explica porque «foi a primeira província que declarou a sua independência³²».

La nouvelle révolution au Brésil, dont *Le Matin* signalait les symptômes précurseurs dans un article du 30 septembre et, malgré les démentis officieux, dans un autre du 15 octobre dernier a pris tout à coup des proportions intenses. Les rares nouvelles qui parviennent des provinces de la nouvelle République laissent entrevoir que le mouvement de résistance au coup d'État du maréchal da Fonseca s'étend un peu partout aujourd'hui.

Il était intéressant de savoir à quoi attribuer les origines de cette situation. Nous sommes allé interroger à cet égard un membre de la Société de géographie commerciale de Paris auquel ses explorations dans l'intérieur du Brésil et du Paraguay ont permis de se former une opinion raisonnée sur la question actuelle.

— Dès les premiers jours de la révolution qui renversa l'empire, nous dit-il, il était facile de se rendre compte que le Brésil marchait à une dislocation rapide. La forme fédérative de la nouvelle République devait amener

³² Alguns observadores europeus interpretam sem espírito crítico os despachos que chegam do Brasil. Isso explica estas afirmações peremptórias sobre uma suposta declaração de independência por parte do Rio Grande do Sul.

nécessairement la création de courants séparatistes dans les différentes provinces dont les intérêts sont opposés.

Conséquences du fédéralisme

Le Brésil a été divisé, dès l'origine, en grandes sections territoriales, basées plus sur des questions d'ordre géographique que sur de véritables intérêts économiques. Il en est résulté que certaines de ces sections se sont trouvées beaucoup plus favorisées que les autres, soit au point de vue de la densité de la population, soit sous le rapport des débouchés commerciaux.

Leur développement s'est donc fait d'une façon inégale.

C'est ainsi que tandis que les provinces de Saint-Paul, de Rio-Grande-do-Sul, de Bahia, de Minas-Gerais devenaient florissantes, grâce au voisinage de la mer et à la création facile d'industries productives, d'autres, comme celles de Mato-Grosso, d'Amazonas, de Goias, de Parana, etc., continuaient à végéter misérablement.

Tant que la forme unitaire du gouvernement permit d'appliquer équitablement les ressources d'un budget commun à toutes les parties du territoire, les populations ressentaient moins les conséquences de cette inégalité. Mais du jour où, la République devenant fédérale, chaque État dut se suffire à lui-même, il devenait évident que les provinces pauvres ne pourraient arriver à supporter les charges énormes de leur administration locale, et que, d'un autre côté, les provinces riches se désintéresseraient absolument du sort

de leurs voisines. De cette séparation des intérêts à la séparation politique, il n'y avait qu'un pas.

Le prétexte pour le franchir devait naître à la première occasion des différences de race et de climat ou de l'antagonisme économique.

Rio-Grande-do-Sul

Un des exemples les plus frappants de l'évolution séparatiste nous est offert par la province de Rio-Grande-do-Sul; et nous autres Français nous pouvons tirer des faits qui s'y déroulent un enseignement tout spécial. En effet, les événements actuels y sont singulièrement favorisés par les intrigues de l'Allemagne.

Rio-Grande, qui est situé à l'extrême sud du Brésil et confine à la République argentine et à celle de l'Uruguay, est une des régions les plus favorables à l'émigration. Sa salubrité, la nature de son climat et celle de ses cultures, qui se rapprochent beaucoup des nôtres, en font pour l'Européen une terre de prédilection.

Le gouvernement germanique, qui s'occupe avec tant de soin des questions d'expansion coloniale, a, depuis longtemps, jeté les yeux sur cette partie du territoire brésilien. Il s'est dit qu'en dirigeant de ce côté une partie de son trop plein de population, il pourrait se créer là, aux dépens du Brésil, une colonie à bon marché, dans laquelle les dépenses premières seraient tout à la charge de celui-ci, et les bénéfices tout au profit de l'Allemagne, de son influence et de son industrie.

C'est là un type de cette colonisation *par infiltration*, que la politique de Berlin s'efforce, avec tant d'avantage, de généraliser.

J'ai pu assister de près à la façon dont agissent dans ce cas nos voisins d'Outre-Rhin au Paraguay, dans la République argentine et au Brésil; et j'ai été initié aux ficelles de leurs procédés par un de leurs délégués *ad hoc*, le docteur Morsbach, qui fut un moment chef de la statistique à Strasbourg et que je rencontrai manœuvrant à Mato-Grosso après avoir opéré à Rio-Grande.

Il voyageait en qualité d'agent économique du gouvernement prussien, et recueillait sur tous les pays qu'il traversait les renseignements les plus détaillés sur la topographie, les cultures, les conditions climatériques, etc. des régions qu'il traversait. Quand il avait jeté son dévolu sur une contrée convenable, il en référait immédiatement à Berlin, où les bureaux ministériels le mettaient en relation avec les grandes sociétés d'émigration d'Hambourg, de Leipzig et d'autres, lesquelles traitaient avec lui pour l'organisation d'une colonie. Aussitôt les terrains achetés, les émigrants étaient envoyés et l'on procédait sans retard à la création d'un village comprenant école, église, mairie et magasins de subsistance. Ce premier centre établi, un autre ne tardait pas à se fonder à une dizaine de lieues plus loin. Dans le second comme dans le premier, personne n'était admis s'il n'était pas Allemand et embrigadé par l'administration allemande.

C'est ainsi que de vastes territoires ont été peuplés successivement, dans lesquels le voyageur peut faire des centaines de kilomètres sans trouver autre chose que l'habitant blond, à face pâle, parlant teuton, conservant les habitudes et la raideur du pays natal, et inattaquable à l'action assimilatrice de sa nouvelle patrie.

Tout devient ainsi allemand: le sol acheté avec des marks, les instruments aratoires et autres venant de Deutz³³ ou de Crefeld³⁴, les livres sortant des imprimeries de Leipzig, la bière envoyée de Munich ou de Dusseldorf, et jusqu'aux plantes maraîchères dont les graines arrivent de Brême ou de Lubeck.

La législation communale des pays de l'Amérique du Sud favorise singulièrement cette prise de possession du pays par l'émigrant, en conférant à ce dernier les droits électoraux les plus amples et en l'autorisant à devenir lui-même chef de la municipalité.

Réclamations significatives

Voilà ce qui a été fait à Rio-Grande. Et voilà comment cette province brésilienne est devenue aujourd'hui un État allemand.

Vous comprenez maintenant comment il se fait que ç'ait été la première province à se déclarer indépendante.

Dans l'intérêt local, vous voyez se dresser l'intérêt de la métropole germanique. Rappelez-vous qu'à peine la chute de Dom Pedro connue en

88

³³ Antiga cidade alemã, anexada a Colónia em 1888. Hoje é um distrito desta cidade.

³⁴ Krefeld («Crefeld» até 1900), cidade alemã, no distrito de Düsseldorf.

Europe, les journaux de M. de Caprivi³⁵ insinuèrent qu'il fallait protéger leurs nombreux nationaux des provinces brésiliennes du Sud. Peu après, ils réclamèrent une intervention énergique de l'Europe, et ils finirent par dire même que Rio-Grande-do-Sul était une terre allemande et qu'on devait la considérer comme une colonie à protéger.

Il ne nous est donc pas loisible, à nous autres Français, de voir dans la révolution actuelle du Brésil un mouvement purement local, et de n'y prêter que l'attention distraite qu'on accorde d'ordinaire aux bouleversements périodiques des républiques sud-américaines.

Il se forme là-bas de nouveaux groupements politiques où des nations européennes pourraient bien trouver leur jeu. Les colonies militaires ne sont plus les seules qui intéressent la politique. Il n'y a pas que les pays noirs à se partager.

19. «Les événements du Brésil», L'Illustration, 14 de novembro

O semanário dá a versão oficial dos acontecimentos e espera receber em breve informações de fontes privadas. O articulista parisiense. — que constata a divisão do mundo político brasileiro deste novembro de 1889 — não dá uma boa imagem dos brasileiros: na sua opinião, eles «limitam-se a aceitar as ordens do governo». Por conseguinte, a maioria do povo brasileiro «irá conformar-se à nova ordem».

³⁵ Georg Leo von Caprivi (1831-1899) foi chanceler alemão de março de 1890 a outubro de 1894. Sucedeu a Otto von Bismarck.

On savait depuis longtemps — on peut dire depuis la fondation du nouveau régime — que le Brésil était en proie à des difficultés graves. Les habitants de ce vaste pays étaient très divisés, du moins ceux qui s'occupent de politique. Les autres, et ils sont nombreux — ils forment peut-être la majorité si l'on en croit les relations de ceux qui connaissent le pays — se contentent d'accepter les ordres venus du gouvernement quel qu'il soit : ils obéissaient à l'empereur, ils avaient accepté l'établissement du régime républicain ; il est probable qu'ils se résigneront à l'ordre de choses nouveau, si les politiciens n'y mettent obstacle. Or, c'est là ce qu'on ne sait pas, car jusqu'ici, le télégraphe, par suite d'instructions supérieures, a été peu explicite. On ne connaît donc que la version officielle, et il faut s'en contenter, en attendant les correspondances privées qui montreront la situation sous son vrai jour.

Or la version officielle s'est bornée à faire connaître à l'Europe les faits suivants assez graves par eux-mêmes, et gros de conséquences, peut-être de complications, pour l'avenir.

Le président de la République, le maréchal Deodoro da Fonseca, a prononcé la dissolution du Congrès. Une dépêche communiquée aux journaux para la légation du Brésil à Paris ajoute que le président a annoncé que la nation sera convoquée à l'effet d'élire de nouveaux représentants.

En attendant, le district fédéral et la ville de Niteroi, capital de l'État de Rio-Janeiro, à dix minutes de la capitale fédérale, ont été déclarés en état de siège pour deux mois.

Toujours d'après la version officielle, ces résolutions ont été provoquées par l'attitude du Congrès et par les agissements des monarchistes contre les institutions républicaines. Le président a adressé à la nation un manifeste justifiant ces mesures. L'armée et la marine appuient le gouvernement qui maintiendra la tranquillité par tous les moyens en son pouvoir.

Voici donc le Brésil en proie aux convulsions qui agitent tour à tour tous les États de l'Amérique du Sud.

20. Charles Bos, «Les événements du Brésil», *Le Rappel*, 15 de novembro

Charles Bos — que denuncia o clima de terror que, segundo ele, Deodoro está a impor à cidade do Rio — interpreta por excesso os telegramas vindos do Brasil. Com efeito, fala sem qualquer dúvida, da independência do Rio Grande do Sul e de outros estados: «este grande país parte-se em vários pedaços» e isto acontece quando «o militarismo toma o poder». E não exclui que possa haver também uma ameaça externa: «nunca se sabe o que é que estará a tramar o senhor Blaine», o secretário de Estado americano, afirma o jornalista de Le Rappel.

Le coup d'État de Deodoro da Fonseca a produit les résultats que m'avait fait entrevoir ce journaliste brésilien de l'opposition dont j'ai résumé, l'autre jour, les déclarations.

Tous les télégrammes qui ne sont pas de source officielle affirment que l'État de Rio-Grande do Sul, où il y a 200,000 Allemands, a proclamé son

indépendance, que celui du Para est sur le point de le faire s'il ne l'a déjà fait, que ceux de Bahia et de Pernambuco vont prendre le même parti.

À Rio de Janeiro, c'est par la terreur que Deodoro impose sa dictature. Il n'y a plus que trois journaux qui aient l'autorisation de paraître et on devine lesquels. Les chefs de l'opposition qui n'ont pas eu le temps de se soustraire à la vengeance du vieux soldat, ont été emprisonnés et, à en croire certaines dépêches qui nous parviennent, une commission militaire nommée à la hâte en aurait fait fusiller quelques-uns et continuerait sa triste besogne.

Tout ce qu'il y a d'honnête dans la population manifeste son indignation contre la dictature.

Bien entendu, les légations prétendent que l'ordre règne partout; elles trouvent des expressions optimistes pour peindre la situation et donner le change à l'Europe. Par exemple, la guerre civile, conséquence de la séparation du Rio-Grande do Sul devient un simple conflit entre des partis qui se disputent le pouvoir. C'est grotesque.

Le vrai, c'est ce qui se passe au Brésil des événements d'une gravité incontestable. C'en est fait de l'union de tous les États brésiliens en une république fédérative. Ce grand pays se casse en plusieurs morceaux, ce qui n'est guère de nature ni à rétablir son crédit, ni à ramener les prêteurs européens.

Voilà ce à quoi aboutit, partout où il s'installe le militarisme gouvernemental. Je souhaite au Brésil, sans trop oser l'espérer, de se débarrasser, aussi vite que possible, de ces officiers politiciens qui se sont emparés du pouvoir et ont voulu traiter la population comme un régiment, et je désire par-dessus tout qu'à la guerre civile ne vienne pas s'ajouter une guerre étrangère. Qui pourrait dire, en effet, les pensées qu'agite actuellement dans son cerveau M. Blaine, premier ministre [sic!] des États-Unis?

21. Charles de Mazade³⁶, «Chronique de la quinzaine», *Revue des Deux Mondes*, 15 de novembro de 1891, p. 474-476³⁷

O redator histórico da revista resume os acontecimentos e as causas — por um lado, o conflito entre Deodoro e o congresso; por outro lado, o descontentamento geral em consequência da catastrófica situação económico-financeira.

No fim, o jornalista francês interroga-se sobre o que o ditador vai poder fazer com este golpe. Nada vai mudar «do estado político e moral» do país, sublinha, com um pouco de altivez Charles de Mazade., segundo o qual o Brasil pode estar no início de um período de anarquia em «imensas províncias» facilmente contagiadas pelas ideias separatistas».

[...] Et maintenant voici qu'à son tour le Brésil, qui vivait assez paisiblement sous le règne d'un empereur philosophe, a été transformé en

³⁶ Charles de Mazade (1820-1893), jornalista e histórico francês, trabalha para esta revista de 1845 até à morte. Durante trinta anos é o redator destas *Chroniques de Quinzaine*.

³⁷ Esta revista bimensal, fundada em 1829, publica, no fim de cada número, uma análise dos acontecimentos internos e internacionais das duas últimas semanas. Esta é de cerca dez páginas, metade das quais debruçam-se sobre o continente americano. O comentário sobre o golpe de Deodoro ocupa uma página e meia.

république. Il a commencé par passer plus d'une année sous une dictature révolutionnaire. Puis on s'est cru obligé de lui donner une sorte d'organisation, une constitution modérée sur celle des États-Unis, des assemblées, un président, qui a été naturellement le chef même de la révolution, le général Deodoro da Fonseca. Il y a quelques mois tout au plus que cette république brésilienne est censée être entrée dans un régime régulier, et on en est déjà, à Rio-de-Janeiro, aux conflits entre le président et le parlement, à un nouveau coup d'État. Le général Deodoro da Fonseca s'est cru ni plus ni moins autorisé à prononcer, par un acte d'omnipotence, la dissolution du congrès, à disperser les députés et à rétablir provisoirement la dictature. Il a promis, bien entendu, de faire appel au pays, de réunir une autre assemblée, de respecter les garanties constitutionnelles; en attendant, il reste le dictateur de cette étrange république. C'est le 5 de ce mois que le général Deodoro da Fonseca a exécuté son coup d'état, sans qu'il y ait eu dans un premier moment une tentative de résistance. Ce n'est peut-être, il est vrai, qu'un commencement, une phase nouvelle dans la révolution brésilienne.

Comment ce conflit qui vient de se dénouer provisoirement par la dictature militaire à Rio-de-Janeiro s'est-il produit ? En réalité, il était dans la logique des choses, dans la situation tout entière; il se préparait depuis quelques mois déjà, les circonstances n'ont fait que le précipiter. Il est certain que le congrès, sans être précisément hostile au président qu'il avait élu, s'efforçait depuis quelques temps de le contenir, de réfréner ses impatiences d'autorité, et ne laissait pas de lui témoigner ses méfiances, de manifester ses

velléités d'opposition. Le congrès n'a point hésité à repousser des mesures financières fort aventureuses que lui présentait le ministère présidentiel. De son côté, le président a opposé un *veto* irrité à des mesures votées par le congrès. Une loi récente sur le cumul des fonctions législatives et administratives a mis les pouvoirs aux prises. Tout dernièrement enfin est survenue une proposition assez menaçante étendant singulièrement et régularisant le droit de mettre en accusation le chef de l'État et les ministres. Évidemment on ne s'entendait plus. Le conflit était partout : mais ce qu'il y avait de plus grave, c'était une situation générale poussée à bout depuis deux ans. C'était un mécontentement universel causé par les gaspillages financiers et les perturbations économiques, par les imprudentes émissions de titres, par les excès de spéculation, par la corruption effrénée du monde officiel. Ce mécontentement, on le voyait grandir, éclater sous toutes les formes, jusque dans le congrès. De quelque façon qu'elle vint, la crise était inévitable. C'est alors que soit spontanément, soit sur la pression de son entourage, le général Deodoro da Fonseca s'est décidé à trancher le nœud militairement en dispersant le congrès et en ressaisissant la dictature.

Voilà où cette expérience de deux ans de république ramène le Brésil! La révolution a commencé par un coup de main militaire, elle revient à un coup d'État militaire. Seulement on sent bien que ce n'est pas une solution, que ce n'est qu'une aventure de plus. Que va faire le général da Fonseca de sa dictature? Eût-il le succès du moment, le succès apparent, l'état politique, moral du Brésil ne reste pas moins ce qu'il est. Que peut faire la dictature? Rien

n'indique jusqu'ici que le coup d'État du 5 novembre soit le commencement d'une réaction monarchique; mais il peut préparer une dangereuse anarchie dans d'immenses provinces facilement accessibles aux idées séparatistes, et ce qui s'est appelé pompeusement un instant la «république des États-Unis du Brésil» pourrait n'être qu'une république divisée, livrée à toutes les dissensions intestines.

22. «Les suites d'une dictature», Le Petit Parisien, 18 novembro³⁸

Uma república não pode ser governada por militares e o general da Fonseca é o responsável do que está a acontecer: «a insurreição e a desagregação» do Brasil, afirma o articulista. Este, no entanto, não aplica a mesma teoria ao 15 de novembro de 1889. Como «a ditadura militar só provoca catástrofes», a única solução para sair da crise é voltar a um sistema liberal e republicano.

Les événements qui se passent au Brésil sont dans la logique des choses, depuis que le général da Fonseca a chassé le Congrès et proclamé la dictature militaire

Quelle que soit la gravité des faits qui se préparent, quelque conséquence historique qui en résulte, les spectateurs impartiaux y trouveront des arguments contre tout gouvernement né d'un coup d'État.

³⁸ Este artigo ocupa cerca de meia coluna na primeira página do jornal.

On a dit un jour qu'on pouvait tout faire avec des baïonnettes, sauf s'asseoir dessus; un régime politique, prenant son origine dans une insurrection de caserne ou dans l'invasion d'un Parlement par des troupes, est condamné à traîner comme un boulet le souvenir de cet attentat.

La chute de l'Empire, au Brésil, s'était accomplie avec une facilité qui démontrait le parfait consentement du pays. Aucune résistance ne s'était manifestée. Il est évident que la dynastie déchue ne laissait pas de regrets derrière elle et que la constitution du régime électif correspondait aux vœux de la population.

Les élections amenèrent, en effet, à Rio-Janeiro, une Assemblée républicaine ; il ne restait qu'à organiser la République, en s'inspirant des idées de liberté.

Le général da Fonseca a modifié brusquement cette situation en jetant son épée dans la balance pour vaincre des résistances parlementaires, devant lesquelles un Washington se fut incliné.

Sans méditer la leçon des terribles événements qui ont ensanglanté naguère le Chili et conduit au suicide du président Balmaceda, le général da Fonseca a cru qu'il pouvait jouer les Bonaparte sur la scène du Brésil et imiter les crimes du 18 Brumaire³⁹.

L'insurrection et le démembrement du Brésil lui répondent.

³⁹ A 9/10 de novembro de 1799 (18/19 de Brumário do ano VIII), Napoleão I afasta o Diretório e torna-se 1º Cônsul. É o início da era napoleónica na França.

Pourquoi n'a-t-il pas plutôt réfléchi à l'exemple donné par les Etats-Unis, qui ont triomphé de la guerre civile de Sécession parce qu'ils n'ont jamais abandonné leurs institutions libérales pour livrer à un soldat les destinées de la patrie ?

Pour remplacer au Brésil une dynastie, dont les rêves de restauration sont chimériques, il n'y a d'avenir que pour des institutions libérales et républicaines.

La dictature militaire ne peut amener que des catastrophes.

23. Journal des Débats, 22 de novembro⁴⁰

Entrevista a Silveira Martins publicada pelo Kölnische Zeitung. O jornal parisiense elogia o político sul-rio-grandense e felicita-o pelas suas declarações ponderadas.

— L'un des personnages les plus considérables du Rio-Grande-do-Sul, M. Silveira Martins, vient de donner sur cette province à un rédacteur de la *Gazette de Cologne* quelques renseignements de nature à éclairer sur la crise que traverse actuellement le Brésil. M. Silveira Martins, qui était sénateur au moment où l'empire fut renversé, a été exilé par le maréchal da Fonseca, et il est certainement l'un des hommes dont l'opinion peut le plus justement faire autorité.

⁴⁰ Este texto ocupa dois terços duma coluna na 1ª página.

«Le Rio-Grande-do-Sul, dit-il en substance, n'est en aucune façon séparatiste, et ce n'est pas un mouvement séparatiste qui y a éclaté. Cette province est particulièrement avancée; aussi a-t-elle supporté malaisément la tyrannie du maréchal da Fonseca; elle avait, à plusieurs reprises, pensé à se soulever depuis deux ans : le renvoi du Parlement a fait éclater au grand jour le mécontentement qui couvait et l'insurrection. La solution de la crise qu'elle préférerait serait un arrangement à l'amiable avec le maréchal et sa renonciation au pouvoir; mais il y a peu de chances qu'il se prête à cette combinaison; aussi a-t-elle été obligée d'user la force. Elle négocie avec d'autres provinces mécontentes et espère, avec leur concours, arriver à renverser le dictateur, ce qui ne serait pas trop malaisé; tout cela d'ailleurs avec aucune idée de restauration monarchique: il y a beaucoup de monarchistes dans le Sud, mais ils sont tout disposés à faire plier leurs propres sentiments devant l'intérêt général.

Ce n'est qu'en dernière extrémité, et pour échapper à une tyrannie qui ruine le pays, que le Rio-Grande-do-Sul se déciderait à se séparer du reste de la République; mais quelle que soit son assurance de réussir, s'il tentait l'aventure, il souhaite ardemment n'en pas arriver là; tel est le sentiment général.»

C'est avec satisfaction que nous enregistrons ces déclarations de M. Silveira Martins, qui sont un gage de la modération des insurgés, et nous sommes très heureux de trouver dans le *Times* la dépêche suivante :

Santiago, le 20 novembre Des avis privés de Rio-Grande disent que M. Silveira Martins est réellement le maître de la situation, et que ses vues prévaudront.

Capítulo 2

O Golpe de Deodoro na imprensa da Suíça francesa

1. *Gazette de Lausanne*, 6 de novembro.⁴¹

Os dois primeiros parágrafos são praticamente idênticos ao editorial do Journal de Débats⁴² do mesmo dia. O quotidiano de Lausana— que receia pelos interesses económicos europeus na região — só acrescenta que antes do 15 de novembro de 1889, «este bonito país» tinha uma «administração honesta»

Une dépêche de Rio-de-Janeiro, reçue mercredi⁴³ annonce que le maréchal Deodoro da Fonseca a dissous le congrès brésilien. Des renseignements publiés para le *New-York Herald*⁴⁴ laissent entendre que l'Assemblée avait voté une loi tendant à limiter l'exercice du droit de veto accordé para la constitution au président, et que celui-ci, considérant ce vote comme une injure personnelle, y aurait répondu par un décret de dissolution. Quoi qu'il en soit, il est certain qu'il ne s'agit là que d'un prétexte : depuis longtemps le président cherchait à se débarrasser de son congrès, quelques faibles obstacles que celui-ci opposait à l'exécution des volontés du

⁴¹ Na últimas década do século XIX, o liberal *Gazette de Lausanne* (1798-1991) tem cinco colunas. O editorial («*Bulletin politique*»), que analisa um ou vários temas ou acontecimentos, ocupa em geral entre 30 e 60 % da primeira página. Este comentário de dia 6 de novembro representa cerca de um terço do editorial.

⁴² Cf. Capítulo 1, Texto 2. Só há pequenos retoques: por exemplo, «parlamento» e «presidente» com letra pequena.

⁴³ Quarta-feira dia 4 de novembro.

⁴⁴ The New-York Herald, fundado em 1835, torna-se um jornal de grande tiragem. Em 1924, será adquirido pelo rival New-York Tribune para formar o New York Herald Tribune.

gouvernement, et il n'avait qu'un but : établir la dictature. Le décret de dissolution proclame celle-ci, suspend les garanties constitutionnelles et établit la loi martiale.

Les documents fournis par la légation du Brésil à Londres aux journaux anglais déclarent que ce coup d'État n'a rencontré aucune résistance, et que tout le pays est absolument calme. Bien que les dépêches privées fassent mention des graves précautions prises, telles que l'interdiction au public de l'usage du télégraphe, nous ne croyons pas devoir douter de l'exactitude des renseignements officiels; ni le parlement ni la population du Brésil n'a jamais fait aucune résistance aux ordres venus d'en haut et un réveil d'énergie in extremis aurait de quoi surprendre. De même que l'on avait laissé renverser sans aucune protestation l'empereur dom Pedro, de même on a laissé le maréchal Deodoro profiter du pouvoir qu'il avait acquis pour s'enrichir et enrichir ses neveux, et nul ne s'est élevé pour s'opposer à tous les abus, à tous les scandales qui ont entraîné en deux ans la ruine du crédit du pays. Le Brésil porte aujourd'hui les conséquences de sa trop longue patience, et nous ne voyons pas comment il pourra sortir indemne de la crise terrible qu'il traverse.

Voici ce beau pays, qui seul dans l'Amérique-du-Sud jouissait jusqu'à la révolution d'une administration honnête, lancé à toute vapeur dans la voie de l'Argentine, de la Bolivie et du Pérou. Le malheur, c'est que de grands intérêts européens y sont engagés comme à Buenos Aires et dans l'Uruguay.

2. *Gazette de Lausanne*, 7 de novembro. 45

Trata-se de uma crítica implacável ao jovem regime «republicano» e ao seu primeiro presidente. A revolução foi feita por uma soldadesca, formada por alguns oficiais e uma tropa de «pobres negros recrutados à força ou de delinquentes ou de criminosos». Os que tomaram o poder eram uns desconhecidos, pretensiosos que se tornaram generais, realça o jornal. O governo provisório foi um dos piores da América do Sul: atuou de maneira arbitrária, esbanjando o dinheiro público.

Segundo os despachos, as causas do golpe seriam duas: o congresso conspirava em favor da restauração de D. Pedro; o Marechal e o parlamento não conseguiram chegar a um acordo sobre o direito de veto do presidente. Na opinião do jornalista, a explicação é outra: os deputados queriam também participar na festa e encher-se de dinheiro, como os familiares e amigos dos governantes. Neste artigo acusa-se também Deodoro de ter «feito ou deixado fazer» o tráfico de emigrantes brancos vindos da Europa.

Evidentemente, o jornalista suíço não tem nenhuma confiança nos telegramas enviados do Rio porque o marechal, tal como fazia Balmaceda no Chile, controla o telégrafo. Porém, o ditador brasileiro não tem a mesma têmpera que o chileno: é indolente e pouco corajoso, sublinha o editorialista, segundo o qual a Inglaterra, a França e a Alemanha têm motivos para ficarem preocupadas com a nova situação criada por este golpe de Estado.

C'est une histoire encore un peu trouble que celle du coup d'État brésilien.

On se rappelle comment la «république» a été proclamée par un certain nombre d'officiers, entre autres par le général da Fonseca, qui passait pour un chef conservateur. Ces soudards ont été suivis de cinq mille soldats, en grande

⁴⁵ A 7 de novembro, o editorial de duas colunas é totalmente dedicado ao Golpe de Estado no Brasil.

majorité malheureux nègres enrôlés de force, ou délinquants et criminels condamnés à un certain nombre d'années de service comme en Europe ils eussent été aux travaux forcés. Dans la nuit du 15 au 16 novembre 1889, l'empereur fut surpris et embarqué pour l'Europe. Un gouvernement provisoire composé d'inconnus, affublés de noms célèbres — l'un deux n'avait-il pas l'immodeste fantaisie de se faire appeler Benjamin Constant! — s'est emparé du pouvoir. Ces messieurs se sont tous nommés généraux. Leur président, qui aurait pu prendre le nom de Georges-Ernest Boulanger⁴⁶ à meilleur droit que son collègue celui du grand parlementaire de la Restauration, — s'est proclamé généralissime.

Ils ont ainsi gouverné dans le plus complet arbitraire et fait bombance pendant huit mois, sans la moindre apparence de sanction légale. Le 22 juin 1890, ils ont proclamé une constitution calquée sur celle des États-Unis d'Amérique du Nord. Enfin, le 16 septembre de cette même année, ils ont fait des élections. Ce qu'elles ont été sincères, on peut en juger. Un tiers des électeurs inscrits y ont pris part; les partis hostiles à la révolution se sont abstenus et les dépêches officieuses de Rio-de-Janeiro ont appris à l'Europe que tous les élus étaient gouvernementaux.

⁴⁶ Nomeado ministro da Guerra em 1886, Georges Boulanger (1837-1891) multiplica as provocações em relação a Alemanha. Em maio de 1887, não faz parte do novo governo, o que provoca fortes reações dos seus apoiantes, todos membros da oposição ao regime da 3ª República. Excluído do Exército em março de 1888, é eleito deputado em abril, com o apoio dos nacionalistas, dos bonapartistas e dos monarquistas. Depois da sua eleição em Paris, a 27 de janeiro de 1889, o general hesita e renuncia a tomar o Palácio presidencial o que permite ao governo de contra-atacar. Foge para a Bélgica e é condenado por contumácia à prisão perpétua.

Et cependant le généralissime n'a pas pu faire ménage avec ces chambres introuvables. Il vient de les dissoudre, par un droit qu'il avait omis de s'octroyer dans la constitution. Celle-ci a du reste été abrogée et le Brésil jouit des douceurs de la loi martiale, de l'état de siège et des déportations en masse par voie de commissions administratives, à l'instar des fameuses commissions mixtes du second empire.

Le cause de ce conflit n'est pas difficile à indiquer : les députés ont voulu leur part au gâteau. Les prétextes invoqués et télégraphiés en Europe varient.

Les uns prétendent que le congrès conspirait en faveur de la restauration de l'empire. C'est une mauvaise farce. Dom Pedro est vieux et malade. Il vit en France dans la plus complète retraite, s'occupe le moins possible des affaires de ses ci-devant États, n'en parle jamais, même à son entourage, et se tient sans doute heureux d'avoir déposé sa couronne d'épines. Quelques dépêches nous racontent exactement le contraire : à les en croire, c'est Deodoro qui, nouveau Monck⁴⁷, songe à donner le trône au petit-fils de dom Pedro, un enfant de treize ans, en gardant pour lui la régence. Ce n'est pas plus vraisemblable. Si Deodoro songe à faire un empereur, il s'adressera à lui-même. Soulouque⁴⁸ a bien été couronné!

D'autres disent que le généralissime et les députés n'ont pu se mettre d'accord sur l'étendue du droit de veto inscrit dans la constitution. Le prétexte

⁴⁷ Em 1660, o general George Monck (1608-1670) põe Carlos II no trono da Inglaterra.

⁴⁸ Faustin-Élie Soulouque (1782-1867), general do exército haitiano, eleito presidente em 1847 e proclamado imperador dois anos depois. Em 1859, foi forçado a abdicar.

est plus plausible. Mais il est superflu d'observer qu'il ne constitue nullement une excuse pour le dictateur. Le rôle de celui-ci était d'exécuter les décisions du pouvoir législatif et non de s'insurger contre elles.

D'emblée le gouvernement brésilien avait pris rang parmi les plus mauvais parmi les pires de l'Amérique du Sud. Il avait favorisé l'éclosion d'une nuée de lanceurs d'affaires après la curée. D'innombrables faveurs et concessions ont été accordées à ces gens sans aveu, on devine à quel prix. Ces «entreprises» ont servi de prétexte à la fondation de non moins innombrables banques, compagnies et sociétés de tous genres. Les capitaux engagés, pour la seule année 1890, dans ces coupe-gorges de toutes dénominations montent au chiffre fabuleux de trois milliards sept cent soixante-quinze millions de francs. En même temps, l'émigration était sollicitée en Europe par des agents sans scrupules, payés à tant la tête d'homme rendue au Brésil. Des milliers et des milliers de malheureux ont été victimes de cette odieuse exploitation, attirés par de fausses promesses, dépouillés du peu qu'ils avaient, enrégimentés enfin, grâce à leur absolu dénouement, par les grands planteurs pour lesquels ils ont remplacé le «bois d'ébène». L'empire avait aboli l'esclavage des noirs. M. Deodoro da Fonseca a fait ou laissé trafiguer des blancs dans des proportions jusqu'ici inconnues. Le journal Paris⁴⁹ a publié à ce sujet, il y a quelques semaines, une série d'articles contenant des révélations stupéfiantes.

⁴⁹ Quotidiano republicano fundado em 1881, diário até 1923. Publica o seu último número em março de 1935.

On devine ce que pareil régime a dû faire du trésor public. La dilapidation n'y a pas connu de bornes. Tous les amis se sont gorgés et les caisses sont vides. Deodoro a déjà fabriqué des montagnes de papier-monnaie, avec cours obligatoire.

Que va faire le Brésil en présence du nouveau coup d'État ? On voudrait pouvoir espérer que Deodoro trouvera devant lui la même résistance que Balmaceda, dont il copie les procédés. Mais le Chilien est autrement trempé que le Brésilien. Celui-ci est d'une extrême indolence et ne risque volontiers ni sa peau ni sa liberté. Il a laissé tomber l'empereur, qui passait quinze jours avant pour un des souverains les plus populaires du monde et méritait certainement de l'être, sans lever un doigt pour le défendre. Il serait surprenant qu'il prît feu pour les droits des conférés à des députés élus de la fraude, pour une constitution œuvre arbitraire de quelques rastaquouères sans mandats.

Il faut en tout cas se méfier des nouvelles de Rio-de-Janeiro. Le télégraphe est aux mains du dictateur qui nous renseignera sans doute avec la même véracité que Balmaceda quand il détenait Santiago et Valparaiso et avait fait occuper par l'amiral américain Brown le fil qui reliait au monde les congressistes défenseurs de la loi.

Ce qui se passe au Brésil ne peut laisser indifférente l'Angleterre, qui a confié à ce pays d'importants capitaux, — ni la France, qui avait un peu naïvement pris au sérieux la jeune république et entretenait avec elle des rapports très actifs, — ni l'Allemagne, dont les ressortissants patients et tenaces ont fondé là-bas de florissantes colonies et avaient fait de certaines

provinces, le Rio Grande do Sul entre autres, les plus riches et les plus prospères de l'Amérique du Sud.

3. *Journal de Genève,* 7 de novembro⁵⁰

Este comentário põe em relevo a escassez e a veracidade das informações recebidas pelo telégrafo. Embora mencione a possibilidade de se tratar de um golpe em favor do regresso do «afável D. Pedro, que deixou algumas boas recordações aos seus súbditos ingratos», o jornalista inclina-se mais para uma outra hipótese: um golpe de Deodoro para fortalecer o seu poder ditatorial, como o provam as prisões, as deportações e a proclamação do estado de sítio.

Por outro lado, as revoltas em Alagoas e no Rio Grande do Sul não prometem nada de bom, nem para a paz, nem para o «crédito público» do país.

Les causes de la révolution qui vient d'éclater au Brésil sont encore peu connues; le télégraphe est d'un laconisme désespérant et sa véracité plus que suspecte; nous ne savons que ce qu'il veut bien nous apprendre et c'est très peu de choses. Il insiste sur le fait que le mouvement aurait un caractère réactionnaire, c'est-à-dire monarchiste, et qu'il ne s'agirait moins que de rappeler l'empereur débonnaire Don [sic!] Pedro, qui a laissé quelques bons souvenirs dans l'âme de ses ingrats sujets. Mais il se pourrait que ce bruit n'eût d'autre motif que de justifier les mesures de rigueur que le président vient de

⁵⁰ Na altura, o *Journal de Genève* (1826-1998) tem seis colunas. O editorial («*BULLETIN*»), que pode analisar um ou vários temas ou acontecimentos, ocupa em geral entre uma e duas colunas da primeira página. O do 7 de novembro é dividido em quatro partes, a última das quais dedicada à crise no Brasil.

prendre pour châtier les ennemis de sa dictature : il n'est question, quoique très sommairement, que d'arrestations et de déportations ; il est à craindre que les jugements ne soient sommaires aussi.

La Chambre vient d'être dispersée et l'on va procéder à de nouvelles élections qui auraient pour mot d'ordre de maintenir le système actuel de la république fédérative, mais de procurer au président une majorité plus docile. Les gouverneurs de province qui ont déjà envoyé leur adhésion au maréchal Fonseca, y mettront tous leurs soins. D'autre part, on dit que deux provinces, l'une dans le nord, celle d'Alagoas, l'autre dans le sud, Rio-Grande do Sul, ont levé l'étendard de la révolte contre le dictateur. Tout cela a fort mauvaise apparence soit pour la paix, soit pour le crédit public. Pour commencer, l'état de siège a été proclamé dans le district fédéral de Rio-Janeiro, et l'on sait ce que cela veut dire. Les conspirateurs de la veille ne sont pas tendres pour ceux du lendemain.

4. «Dans l'Amérique du Sud», *L'Estafette*, 7 de novembro⁵¹

O editorialista não fica nada surpreendido com as notícias que chegam do subcontinente americano. No Brasil, Deodoro enviou os deputados de férias definitivas porque «queria ser o D. Pedro da república» e o parlamento tinha votado uma lei que «limitava o seu direito de veto.» No

⁵¹ L'Estafette é um jornal fundado em 1862. Em 1895 há uma fusão com *La Tribune de Lausanne*. Este editorial ocupa uma coluna da primeira página do jornal que tem quatro.

entanto, tal como foram Balmaceda no Chile e Gusman Blanco⁵² na Venezuela, será só «um déspota sem controle, um pequeno imperador que reina numa república.» Assim, dois anos foram suficientes para que o Brasil — onde se «proclamou que D. Pedro era um perigo para a nação» — se cansasse da «liberdade, tão fervorosamente proclamada», conclui o articulista helvético.

L'Amérique du Sud ne trouve plus le moyen de nous étonner. C'est périodiquement qu'elle nous envoie une grosse nouvelle politique, et l'on apprendrait un jour qu'elle est entièrement sens-dessus-dessous et qu'aucun de ses pays n'est plus régi par un gouvernement que nous n'aurions plus le droit d'être émus.

Le Brésil vient d'avoir un coup d'État dès longtemps prévu paraît-il par des Européens qui disent y voir très clair. Le président Fonseca a donné congé à son congrès, coupable d'avoir, par une loi votée, restreint son droit de veto. Ce président, qui est un des créateurs de la démocratie brésilienne, tenait, paraît-il, spécialement à des pouvoirs presque royaux, il voulait être le don [sic!] Pedro de la république. Se voyant diminué par l'autorité législative, il s'est empressé de mettre à exécution un projet déjà longuement mûri et il a proclamé la dictature à son profit. Il sera ni plus ni moins que Balmaceda, Gusman Blanco et tant d'autres anciens chefs d'État du sud, un despote sans contrôle, un petit empereur régnant dans une république.

⁵² Antonio Guzmán Blanco (1829-1899), três vezes presidente da Venezuela (1870-1877, 1879-1886-1888), contribuiu para a modernização do país, exercendo o poder de forma autocrática.

Il a donc suffi de deux ans pour que le Brésil se lassât de la liberté qu'il a si hautement proclamée; deux ans pendant lesquels le vieux don [sic !] Pedro n'a cessé d'implorer ses compatriotes pour qu'ils lui laissent le droit de venir occuper un petit coin de terre dans sa patrie, où il aurait voulu achever de vieillir et mourir. Don [sic !] Pedro a été proclamé danger national par celui-là même qui fait si bon marché de la démocratie brésilienne. Il y a décidément bien à faire encore pour que ces petits-fils du Portugal et de l'Espagne comprennent ce qu'est la fierté républicaine.

 $[...]^{53}$

5. «La révolution au Brésil», *L'Impartial*, 8 de novembro⁵⁴

Este pequeno artigo publicado nas páginas interiores do jornal lamenta também a falta de informações recebidas via cabo. Segundo o jornalista, que dá uma certa importância à hipótese de um regresso do regime imperial, o conflito entre Deodoro e o parlamento é devido à «questão constitucional»

Les causes de la révolution qui vient d'éclater au Brésil sont encore peu connues ; le télégraphe est d'un laconisme désespérant et sa véracité plus que suspecte ; nous ne savons ce qu'il veut bien nous apprendre et c'est très peu de choses.

⁵³ A última parte deste editorial fala do fim da guerra civil no Chile.

⁵⁴ L'Impartial é fundado em 1881 na cidade de La Chaux-de-Fonds. Em 2018, há uma fusão com L'Express de Neuchâtel e torna-se o Archinfo.

Ce qui est sûr, c'est que le silence même imposé par le gouvernement à toutes les voix indépendantes n'est pas fait pour inspirer une bien robuste confiance dans les bulletins optimistes du nouveau dictateur. On soupçonne que ce qui paraît au dehors n'est que la moindre partie de ce qui existe ou se prépare. La version officielle du conflit l'attribue tout entier à la question constitutionnelle du *veto* opposé par le président Deodoro da Fonseca à la loi sur le cumul des fonctions législative et administrative votée par les deux Chambres.

Assistons-nous au Brésil à un commencement de réaction, voire à une tentative de restauration impérialiste ?

La vérité est probablement que si dans les hautes sphères et dans l'armée, laquelle est déjà profondément divisée, il se produisait un schisme, la population subirait avec d'autant de docilité le rappel de ses anciens maîtres qu'elle a subi naquère leur expulsion.

La Chambre vient d'être dispersée et l'on va procéder à de nouvelles élections qui auraient pour mot d'ordre de maintenir le système actuel de république fédérative, mais de procurer au président une majorité plus docile. Les gouverneurs des provinces qui ont déjà envoyé leur adhésion au maréchal Fonseca, y mettront tous leurs soins. D'autre part, on dit que deux provinces, l'une dans le nord, celle d'Alagoas, l'autre dans le sud, Rio-Grande do Sul, ont levé l'étendard de la révolte contre le dictateur. Tout cela a fort mauvaise apparence soit pour la paix, soit pour le crédit public. Pour commencer, l'état de siège a été proclamé dans le district fédéral de Rio-Janeiro, et l'on sait ce que

cela veut dire. Les conspirateurs de la veille ne sont pas tendres pour ceux du lendemain⁵⁵.

6. «QUESTION DU JOUR — Que se passe-t-il au Brésil?», *Nouvelliste Vaudois*⁵⁶, 8 de novembro

Depois de ter lamentado a falta quase total de informação, o jornalista, realça o facto do Brasil «ter proclamado a república sem republicanos». Denuncia a seguir a desordem, a anarquia, as especulações financeiras que caracterizam os dois primeiros anos do novo regime: «Isso devia acabar mal».

O que aconteceu tem a ver, na opinião deste analista, com o exército que «fez a revolução» e que agora está cada vez mais «exigente». Quando há um problema, afirma o jornal, o militar, «em vez de tentar resolvê-lo», utiliza a força. Fonseca, que tem o tipo de conspirador e que se parece com vários generais espanhóis, repetiu no Rio o que Napoleão Bonaparte e o seu sobrinho fizeram respectivamente em novembro de 1799 e em dezembro de 1851⁵⁷.

⁵⁵ Os editoriais dos dois principais jornais da Suíça francesa (o *Journal de Genève* e a *Gazette de Lausanne*) influenciam parte dos periódicos da mesma região. O segundo parágrafo deste artigo é uma transcrição do editorial do quotidiano liberal de Genebra da véspera ; o primeiro é em parte copiado do editorial do parisiense *Le Temps* da véspera.

⁵⁶ Este editorial ocupa a metade da primeira página do jornal. O *Nouvelliste Vaudois*, fundado em 1824, torna-se quotidiano em 1856 até 1914, quando cessa a sua atividade.

⁵⁷ A 9/10 de novembro de 1799, Napoleão I afasta o Diretório e torna-se 1º Cônsul. É o início da era napoleónica na França.

O seu sobrinho, Luís Napoleão, dissolve a Assembleia Nacional a 2 de dezembro de 1851, dando início a um sangrento golpe de Estado. No mês seguinte, é promulgada a nova constituição que o torna presidente durante 10 anos. A 2 de dezembro de 1852, é proclamado imperador dos franceses e vai manter-se no poder até 1870.

E agora, quem vai ganhar a batalha? pergunta o Nouvelliste Vaudois que prevê uma resistência interna «contra a violência». Além disso, o Brasil terá de ter em conta os interesses dos países europeus «que lhe emprestaram capitais consideráveis».

C'est la question qu'on se pose, car de tous les côtés on signale l'absence complète de dépêches. Dans les ports européens, les maisons de commerce, qui reçoivent chaque jour des télégrammes de Rio-Janeiro, de Fernambuco [sic !] ou Santos, sont sans aucune nouvelle. Il n'est accepté aucune dépêche chiffrée pour le Brésil, et l'administration du câble n'assume aucune responsabilité pour les autres. Ce sont là des faits qui sont suffisamment significatifs. Il y a deux mois environ, sur la foi de renseignements qui nous avaient été communiqués, nous signalions la situation au Brésil comme à ce point compromise, qu'on parlait ouvertement d'une régence, c'est-à-dire du retour à la monarchie. Et pourquoi? C'est qu'on a, là-bas, paraît-il, proclamé la république sans républicains. Une ère échevelée de désorganisation, de corruption, de rapine a été ouverte. Tous les faiseurs des cinq parties du monde se sont abattus sur le pays : les entreprises industrielles et financières sortaient du sol comme les champignons après un orage; les honnêtes gens en étaient épouvantés, mais les pêcheurs en eau trouble se frottaient les mains. La situation s'aggravait de jour en jour. Il y avait eu une manifestation au théâtre à propos d'un compositeur portugais; on n'avait connu que la dixième partie de ce qui s'était passé. Dans tout le pays brésilien, on en était à l'ère du désordre et de l'anarchie; l'agio montait, et avec l'agio, le prix de toutes choses; les boulangers vendaient le pain à prix d'or et à poids réduit ; le prix de la viande avait presque

triplé, et malgré cette misère générale, des gens, hier pauvres comme Job, roulaient en équipage et habitaient des palais. Des députés, des gens réputés pauvres, jouaient avec des millions. On vendait tout, concessions, entreprises, etc. Tout cela devait mal finir.

On annonce qu'il s'agit d'un droit de veto, que le congrès refusait au président. La constitution brésilienne a été calquée sur celle des États-Unis, c'est à dire qu'elle a consacré le principe de la fédération; les anciennes provinces sont devenues des États. Nous nous demandons, dès lors, comment le président de la république brésilienne a pu, non seulement répéter là-bas, au-delà de l'Océan, les 18 brumaire et 2 décembre. Il est plus que probable qu'il s'agit surtout d'une entreprise militaire : on s'est montré généreux avec l'armée; on a relevé la solde, favorisé les officiers, et on l'a acclamée. En plusieurs occasions, il y a eu chez celle-ci des tentatives de rébellion; l'an dernier, c'étaient des troupes qui refusaient de partir pour le Sud. La révolution devait son succès à l'armée ; dès lors, rien d'étonnant si celle-ci s'est montrée exigeante. Le maréchal Deodoro Fonseca, qui a fait ses preuves dans les campagnes contre l'Uruguay et le Paraguay, est, du reste, quelque peu conspirateur de sa nature ; il ressemble en ceci à plus d'un général espagnol. Ainsi rien d'étonnant si, rencontrant quelques difficultés, le militaire, au lieu de se donner la peine de les résoudre, s'est décidé à les briser. C'est la réédition de ce qui s'est passé au Chili. Seulement, dans ce dernier pays, les institutions républicaines avaient de plus profondes racines, et Balmaceda n'a pu avoir raison de l'attachement à ces institutions. Le dictateur brésilien pourra-t-il tenir tête au congrès, à la représentation du pays, alors même qu'elle a été chassée des palais législatifs? Des dépêches disent que les gouverneurs signalaient le calme parfait qui règne dans tous les États! C'est possible, mais nous craignons fort que le premier mouvement de stupéfaction passé, la résistance s'organise contre la violence. Elle n'a jamais profité à ceux qui l'ont exercée, et sans parler de l'Europe, l'Amérique du Sud en donne des preuves innombrables. Le Brésil devra compter, en outre, avec l'Europe: tous les États qui lui ont prêté des capitaux considérables, alors que le jeune état faisait appel à leur aide. On a cru à sa sagesse, à son bon sens; on s'est trompé; aussi la dictature aura-t-elle à compter avec des hostilités qui ne désarmeront pas.

7. La Revue, 9 de novembro⁵⁸

Depois de ter sintetizado a opinião oficial vinda do Rio e a do ministro brasileiro em Paris, que minimizam os acontecimentos, o quotidiano radical — segundo o qual o golpe faz pensar numa tentativa de restauração do antigo regime — prevê algumas resistências contra o poder de Deodoro da Fonseca vindas de alguns estados.

Voici quelques renseignements sur les événements du Brésil. Une dépêche de Rio-de-Janeiro dit que, dans son manifeste, M. Deodoro da Fonseca, président de la République des États-Unis du Brésil, promet de garantir toutes

⁵⁸ Periódico fundado em 1868, torna-se quotidiano em 1877. Em 1946, muda de nome (*Nouvelle Revue de Lausanne*). Torna-se semanário em 1991 e mensal em 1997 (*Nouvelle Revue* desde 2005). Em 1891, tem quatro páginas (a última de anúncios) cada uma com quatro colunas. Este comentário ocupa cerca de meia coluna na 2ª página.

les lois constitutionnelles, la liberté des élections, tous les engagements financiers et les contrats légaux.

Des avis privés donnent sur la situation au Brésil les renseignements suivants qui ont évidemment une origine officieuse : la révolution n'existe pas et il n'est pas probable qu'il en éclate une. La satisfaction résultant de l'action du président a été très générale. Les provinces restent favorables à M. Deodoro da Fonseca ; l'armée et la marine sont certainement avec lui. Le change reste ferme. Les élections sont annoncées pour le mois de janvier.

Le secrétaire de la légation du Brésil à Paris, interviewé, a déclaré qu'il n'y a eu ni révolution ni coup d'État. Il estime qu'une restauration impériale est absolument impossible, car les officiers sont aussi républicains que la population. Il y a eu tout simplement une lutte de partis et une opposition qui haït le militarisme et veut s'en débarrasser pacifiquement et progressivement. Après les élections, tout rentrera dans le calme.

Le ministre du Brésil a déposé à Londres une somme d'argent suffisante pour couvrir l'intérêt de sa dette pour une période s'étendant jusqu'à juillet 1892.

Il est difficile encore d'apprécier exactement la situation au Brésil. La capitale fédérale continue à être occupée militairement et, jusqu'à présent, il ne semble pas qu'aucune tentative de résistance ait été faite contre la proclamation de la dictature par les républicains du Congrès.

Mais il est vraisemblable que ceux-ci, retournant dans les États respectifs qui les ont élus, provoqueront l'agitation contre le gouvernement dictatorial, qui pourrait bien n'avoir d'autre but que la restauration monarchique. Le maréchal da Fonseca, très affaissé par une maladie de cœur et les fièvres paludéennes qu'il a rapportées de la guerre du Paraguay, et qu'on prétendait n'agir que sous l'influence de la maréchale et de ses médecins, pourrait réaliser la menace qu'il fit jadis au ministère provisoire de rappeler l'empereur. Quand au baron de Lucena, le chef du cabinet et le bras droit du président de la République, on l'a toujours suspecté de sympathies impérialistes⁵⁹.

8. «Les événements au Brésil», *Feuille d'Avis de Lausanne*⁶⁰, 10 de novembro

O jornal, que copia aqui uma parte do comentário de La Revue do dia anterior, embora considere ainda difícil interpretar os acontecimentos, parece ver neste golpe uma tentativa de restauração monárquica. Acredita todavia que alguns estados, nomeadamente São Paulo, mas também Minas Gerais e Rio Grande do Sul não vão tardar a organizar uma resistência «contra os últimos atos do poder executivo federal».

⁵⁹ Os últimos dois parágrafos são integralmente copiados do editorial do parisiense *Le Temps* de 8 de novembro. Cf. Cap. 1, Texto 9.

⁶⁰ Este periódico é fundado em 1762. Em 1891, cada página tinha quatro colunas. Muda de nome em abril de 1972 para *24 Heures*, e é atualmente o quotidiano de maior tiragem na Suíça francesa. Este comentário ocupa cerca meia coluna na página 4.

Il est difficile encore d'apprécier exactement la situation au Brésil. La capitale fédérale continue à être occupée militairement et, jusqu'à présent, il ne semble pas qu'aucune tentative de résistance ait été faite contre la proclamation de la dictature par les républicains du Congrès.

Mais il est vraisemblable que ceux-ci, retournant dans les États respectifs qui les ont élus, provoqueront l'agitation contre le gouvernement dictatorial, qui pourrait bien n'avoir d'autre but que la restauration monarchique. Le maréchal da Fonseca, très affaissé par une maladie de cœur et les fièvres paludéennes qu'il a rapportées de la guerre du Paraguay, et qu'on prétendait n'agir que sous l'influence de la maréchale et de ses médecins, pourrait réaliser la menace qu'il fit jadis au ministère provisoire de rappeler l'empereur. Quand au baron de Lucena, le chef du cabinet et le bras droit du président de la République, on l'a toujours suspecté de sympathies impérialistes.

Pour en revenir aux États, Sao Paulo, entre autres, qui est le quartier général des républicains, n'acceptera pas, cela est presque certain, ni le régime dictatorial ni aucune révolution restauratrice du gouvernement.

Le député de cet État, M. Martinho Prado, junior, déclarait dernièrement à la Chambre, lorsque celle-ci s'éleva contre des concessions de voies ferrées arbitraires faites par le gouvernement fédéral sur le territoire de Sao Paulo et qu'il dut annuler, que «Sao Paulo pouvait se suffire à lui même et qu'il pourrait, s'il le voulait, lever en peu de temps 50,000 hommes pour résister aux

empiétements de la nation.» Cet État vient aussi d'adopter un drapeau particulier.

Il est donc à présumer qu'à Sao Paulo, à Rio-Grande-do-Sul, à Minas Gerais, l'agitation et la résistance pourraient être sérieusement organisées contre les derniers actes du pouvoir exécutif fédéral.

9. «Les finances du Brésil», *La Liberté*, 10 de novembro⁶¹

Para o quotidiano católico, que cita o londrino Financial News, a causa principal dos recentes acontecimentos no Rio de Janeiro é financeira: há um excesso de notas em circulação. A culpa deste «abuso» é dos homens que tomaram o poder em novembro de 1891: foram imprudentes porque autorizaram os bancos a emitir moedas, sem «uma base metálica suficiente».

Les événements qui viennent d'éclater au Brésil se lient autant à la situation économique qu'à la situation politique du pays. Tel est l'avis du *Financial News*, aux yeux duquel la crise actuelle doit être attribuée aux divergences d'opinion qui existent entre le Président et le Parlement concernant l'émission toujours croissante du papier-monnaie.

Il est de fait que cet abus de la circulation fiduciaire sans base métallique suffisante et ce privilège d'émission si imprudemment conféré à de nombreuses banques par les hommes qui, à l'avènement de la République, se

⁶¹ Este jornal é fundado em 1871. Em 1891 tinha quatro páginas, cada uma com quatro colunas. Este artigo ocupa cerca de um terço de uma coluna na 3ª página.

sont emparés du pouvoir, ont jeté un trouble profond dans le pays. Les funestes conséquences de ce système sont telles aujourd'hui, que le change au Brésil représente un agio de plus de 50 %. Et pourtant les sources de la prospérité au Brésil ne sont pas taries.

La récolte du café, qui vaut des centaines de millions, ne saura pas être expédiée en une année, tant elle a été abondante. D'autres sources de richesse sont aussi larges; les quais de Rio sont trop étroits pour assurer le chargement et le déchargement des navires qui entrent en rade, et au milieu de cette prospérité commerciale, l'agio est plus bas qu'il n'a jamais été. La cause, l'unique cause c'est, nous le répétons, l'excès de la circulation fiduciaire.

10. *Journal de Genève*, 14 de novembro⁶²

O Grão Pará e o Rio Grande do Sul já estão em revolta. Se forem contagiosos, em lugar do Brasil, vai haver uma «série de pequenas repúblicas independentes».

La situation au Brésil ne s'améliore pas, car si l'ordre règne à Rio-de-Janeiro, grâce à la présence du dictateur et de ses troupes, on signale dans plusieurs provinces un mouvement centrifuge qui pourrait bien amener tôt ou tard la désagrégation de ce corps trop vaste en une série de petites républiques indépendantes; peut-être le premier moment d'effervescence passé, finiront-elles par se grouper de nouveau entre elles par un lien fédéral

⁶² Este breve comentário é a última parte do editorial que ocupa duas colunas.

pour former cette fois la vraie Confédération des États-Unis du Brésil, qui ne ressemblera que de nom à l'autre faite à l'image de l'empire avec un maréchal à sa tête, au lieu d'un empereur débonnaire et pacifique. Déjà, l'on annonce que la province de Grao Para, suivant l'exemple donné par celle de Rio-Grande do Sul, vient de faire son pronunciamiento. Si ces deux exemples sont contagieux, et d'ordinaire ils le sont, l'énorme empire du sud qui avait, jusqu'ici, servi de contrepoids, plus apparent du reste que réel, à la grande confédération du nord, disparaîtra de la carte, et le continent sud-américain ne présentera plus, de la mer des Caraïbes au détroit de Magellan, qu'une mosaïque de petites républiques, se querellant et faisant laborieusement, lentement et violemment hélas! leur éducation républicaine.

11. Gazette de Lausanne, 14 de novembro⁶³

Copiado praticamente na íntegra do editorial do Journal des Débats da mesma data⁶⁴.

Les dépêches officielles du Brésil ne cessent de nous dépeindre comme excellente la situation de la République. À les en croire, la dictature du maréchal Deodoro a été accueillie avec un enthousiasme universel; le commerce, l'armée et la marine sont également satisfaits et si, dans certaines

⁶³ A 14 de novembro, o editorial debruça-se principalmente sobre a política do czar Alexandre III, deixando um pouco mais de meia coluna para comentar o que se passa no maior país da América do Sul.

⁶⁴ Cf. Cap. 1, Texto 15.

provinces, quelques mécontentements se sont fait jour, il ne s'agit que de dissentiments purement locaux et de troubles sans importance.

Il est difficile de partager cet optimisme de commande. Si son âge d'or était revenu au Brésil, il n'y aurait sans doute aucune raison d'empêcher les particuliers d'en transmettre au monde la nouvelle par voie télégraphique et on ne comprendrait quère que le dictateur eût supprimé les principaux journaux de Rio-de-Janeiro, en ne laissant vivre que quelques feuilles inconnues et sans influence. En outre, ce qu'on sait de ces provinces «où quelques troubles ont éclaté» n'est pas trop fait pour rassurer. Il est vrai que chaque fois qu'un mouvement politique s'est produit au Brésil, on a parlé de tendances séparatistes du Rio-Grande-do-Sul, et certainement il ne faut rien exagérer. Mais il est difficile d'oublier que le Rio-Grande-do-Sul est une des plus riches provinces de la République, et qu'il ne saurait lui être fort agréable d'être attachée à un État dont le crédit est ruiné et dont la politique financière est chaque jour plus détestable, surtout quand sa position géographique lui permet de rompre aisément ces liens pesants. Cette province est habitée par plusieurs centaines de mille Allemands, qui ont peut-être moins de patience que la population brésilienne et qui, s'ils ont subi la déchéance de l'empire et la proclamation de la République, ne doivent avoir aucun goût pour les procédés de gouvernement sud-américains dont on use à Rio depuis deux ans.

Cette séparation du Rio-Grande-do-Sul serait très grave dans les circonstances présentes. Espérons pour l'avenir du Brésil que le dictateur, par

ses coupables folies, ne forcera pas cette province à prendre cette résolution désespérée.

12. «La désagrégation du Brésil», *L'Estafette*, 15 de novembro

As notícias que chegam do Brasil são pouco claras e contraditórias, afirma o editorialista, segundo o qual, nestas condições, é impossível para os jornalistas contar aos leitores o que se passa no Brasil e, nomeadamente, qual foi o papel de Deodoro: salvou a República, é um ditador ambicioso como Boulanger ou quis «restabelecer o império»?

O que parece corresponder à verdade é a revolta independentista do Rio Grande do Sul, que «é brasileiro só de nome», porque «foi colonizado principalmente por imigrantes alemães. Como outros analistas, pensa que se «outras províncias» também se revoltarem, «estamos prestes a assistir à rápida desintegração do Brasil». Mas, mais uma vez, o jornalista sugere uma certa prudência porque não se pode ter confiança nas informações que chegam via cabo.

De tout temps l'histoire a été difficile à écrire. Quand on voit avec quelles divergences les moindres faits sont racontés par les témoins oculaires, on se demande comment les historiens peuvent se reconnaître dans les dédales du passé. Pour les temps présents, c'est parfois encore pire; un voile de brume couvre certains événements et il devient presque impossible de se faire une opinion sérieuse. Il faut plaindre les pauvres journalistes, obligés de tâtonner dans cette obscurité épaisse, pour pouvoir servir à leurs lecteurs des récits d'actualité.

Je faisais ces réflexions en lisant les dépêches d'une clarté douteuse qui nous arrivent du Brésil et je me demandais comment on peut écrire l'histoire, quand on n'a à sa disposition que les sibyllines élucubrations transmises de Rio de Janeiro par le câble transatlantique.

Il y a quelques jours, ce brave câble nous apprenait qu'au nom des immortels principes de 89, interprétés à la brésilienne, Deodoro da Fonseca avait dissout le Congrès et sauvé la République menacée, paraît-il, par une conspiration monarchique. À ce moment-là, on nous représentait le Boulanger de Rio comme un dictateur ambitieux travaillant pour le parti démocratique. Peu de temps après, changement à vue : le câble s'électrise négativement et voilà qu'il nous raconte que Deodoro est tout simplement un Monk américain qui va rétablir l'empire. Aujourd'hui, nouvelle chanson : le maréchal est devenu un intègre républicain des premiers jours et il sauve de plus en plus le nouveau régime.

Voilà avec quels événements il faut confectionner un article historique. Vraiment, c'est bien dommage que le câble n'ait pas été coupé, car au moins nous pourrions suppléer à son manque d'informations par des suppositions d'un caractère plus logique.

Et remarquez que dans un autre domaine, où il semble plus facile de connaître la vérité, les variations du câble sont presqu'aussi nombreuses que celles du *Carnaval de Venise*. On ne peut pas savoir encore quelle est la véritable situation économique du Brésil et quelles mesures financières le gouvernement a prises : un jour le télégraphe nous dit que tout va mal; le

lendemain il nous affirme que tout marche sur des roulettes. Oh! ma tête! ma tête! Et dire que beaucoup de journalistes trouvent moyen d'écrire avec tout cela des articles extrêmement affirmatifs! Ceux-là savent merveilleusement déchiffrer les énigmes.

**

Pourtant, dans le tas de nouvelles contradictoires et impossibles qu'on nous transmet, il en est une qui paraît tout à fait vraisemblable et celle-là est grave : le télégraphe nous dit, en effet, que la province de Rio-Grande do Sul vient de faire sécession, en proclamant son indépendance. Pour qui connaît tant soit peu le Brésil et le manque de cohésion de son corps politique, l'annonce de ce fait doit être vraie. L'immense république de l'Amérique méridionale souffre d'une hypertrophie territoriale qui la rend éminemment propre à la désintégration. Fédéralisée par la nature même, elle n'est pas de ces États que l'on peut maintenir fermement unis pendant les crises politiques intenses. Les provinces quasi-autonomes qui la composent se suffisent parfaitement à elles-mêmes, du moins plusieurs d'entre elles, grandes comme des royaumes européens. D'ailleurs, l'État dont on nous annonce la sécession, n'est brésilien que de nom, car il a été colonisé en grande partie par des immigrés allemands, ce qui fait comprendre son acte séparatiste.

On affirme que d'autres provinces vont suivre l'exemple de Rio-Grande et se proclamer indépendantes. Si cela est, nous assisterons bientôt à la désagrégation rapide du Brésil, qui paraissait devoir, par son immensité, tenir le premier rang dans l'Amérique latine. Mais nous ne savons encore rien d'absolument positif ; jusqu'à plus ample informé, méfions-nous du câble.

12. *Gazette de Lausanne*, 17 de novembro⁶⁵

A revolta no Rio Grande do Sul e a desagregação do Brasil são os temas tratados neste texto. O jornalista, depois de ter descrito a geografia e as riquezas desta província, realça o facto do Brasil ter um imenso território, pouco habitado e com uma fraquíssima rede de comunicações. Por conseguinte, «o governo central tem muitas dificuldades em exercer a sua autoridade nas províncias».

O perigo de desmembramento existe, mas o governo está agora ocupado a preparar os festejos para o segundo aniversário da proclamação da República. Não sabemos «se os credores do Brasil serão convidados» para a festa, ironiza o jornalista que, no fim do editorial, cita uma carta de D. Pedro que se oferece para regressar ao país «se a nação reclamar a sua presença».

Malgré les démentis répétés des dépêches officielles, le mouvement séparatiste dans la province de Rio-Grande-do-Sul paraît avoir une sérieuse importance. Une dépêche affirme que la junte insurrectionnelle dispose déjà de quarante mille hommes, qu'elle a deux monitors et trois canonnières et se dispose à faire une vigoureuse résistance à la flotte du dictateur. Le conflit est imminent.

Placée à l'extrémité sud du Brésil, dans une zone relativement tempérée, composée d'une série de plateaux suffisamment élevés qui s'échelonnent de

⁶⁵ Mais do que metade do editorial de dia 17 de novembro é dedicado ao Brasil.

l'Océan au bassin supérieur de l'Uruguay, dotée par la nature d'une sorte de mer intérieure, la grande lagune dos Patos, à l'extrémité de laquelle se trouve Porto Alegre, ville de 70,000 âmes et capitale de la province, Rio-Grande occupe une superficie qui équivaut presque au tiers de la France, et son développement est de beaucoup supérieur à la moyenne des États confédérés du Brésil.

Cette province a une superficie de 236,000 kilomètres carrés et une population de 650,000 habitants, dont près de 200,000 immigrants allemands. C'est surtout la région du bétail et des céréales. Comme le climat y convient aux Européens beaucoup mieux que dans les régions tropicales du Brésil, c'est surtout de ce côté que s'est portée l'immigration.

Le mouvement de révolte contre le coup d'état de Deodoro ne se bornera peut-être pas à cette seule province. Il n'est pas impossible que le Brésil soit à la veille de se disloquer. On parle de soulèvements analogues à Para, à Bahia, ailleurs encore. L'ancienne monarchie de Dom Pedro a une immense étendue. Sa superficie dépasse huit millions de kilomètres carrés. Elle occupe le cinquième rang dans le monde sous le rapport de la superficie, après l'empire britannique, l'empire russe, la Chine et les États-Unis; elle est seize fois plus grande que la France. Elle occupe presque la moitié de la superficie de l'Amérique du Sud.

Cette immense contrée a une population d'environ quatorze millions d'habitants. Le gouvernement central éprouve de grosses difficultés à faire sentir son autorité dans les provinces, à cause de l'éloignement des localités, du manque de voies de communication, de l'inégalité des provinces sous le double

rapport du territoire et de la population. La tâche de Deodoro ne sera donc pas facile, si on s'insurge sérieusement contre sa dictature.

Le gouvernement du généralissime est absorbé dans ce moment par de grands devoirs. Il prépare de superbes fêtes pour célébrer le deuxième anniversaire de la révolution dont il est issu. On ne dit pas si les créanciers du Brésil y seront invités.

D'après l'agence Havas «des personnes autorisées de la colonie brésilienne de Paris» ont reçu de l'empereur dom Pedro II une déclaration d'après laquelle l'ex-souverain «voyant avec la plus profonde douleur les événements qui conduisent fatalement au démembrement du pays, est prêt à retourner au Brésil, si la nation réclame sa présence, afin de rendre, dans ses vieux jours, un dernier service à l'union, à l'intégrité et à la grandeur de la patrie». Rien n'indique que ce soit là autre chose qu'un vœu pieux.

Capítulo 3

O Golpe de Deodoro na imprensa belga

1. L'Indépendance Belge, 6 de novembro⁶⁶

Das notícias recebidas do Rio, podia-se estar à espera de uma iminente «crise financeira», mas não de um golpe de Estado organizado por um presidente «acamado», sublinha o diário de Bruxelas, que vê na desastrosa situação económica e no conflito entre o Executivo e o Legislativo as duas causas dos recentes acontecimentos na capital brasileira.

O editorialista censura algumas análises jornalísticas que tiraram conclusões precipitadas, afirmando que este imenso país não é maduro para ter as instituições republicanas: «nenhum regime, e sobretudo um regime novo ainda pouco consolidado pelo tempo e pela experiência, está livre de um atentado de um chefe de Estado ambicioso». Para avaliar a situação, os jornalistas e também os que têm investido no Brasil «têm de esperar informações mais precisas».

Un coup d'État, — telle est ni plus ni moins la portée des événements qui nous étaient signalés hier soir par de brèves dépêches de Rio-de-Janeiro et que confirment malheureusement tous les télégrammes arrivés depuis la capitale du Brésil. C'est le 15 novembre 1889 qu'une révolution populaire renversait l'empereur Dom Pedro et amenait l'avènement de la République. Au bout de deux ans, voici compromises, et dans tous les cas faussées, les institutions démocratiques que le Brésil s'était données dans un beau mouvement de

⁶⁶ Na últimas décadas do século XIX, *L'Indépendance Belge* (1820-1926), jornal de referência, tem quatro páginas de seis colunas. O editorial (*«Revue politique»*), que analisa um ou vários temas ou acontecimentos, ocupa em geral entre uma e duas colunas. No dia 6 de novembro, metade é consagrada ao Brasil.

révolte contre le pouvoir personnel. Le premier président de la nouvelle République, le général da Fonseca, abuse de sa situation et transforme en dictature la magistrature qu'il exerçait.

Quelles circonstances précises l'ont amené à cet acte d'usurpation qui rappelle quelque peu, à première vue au moins, l'aventure de l'ex-président du Chili, M. Balmaceda? Nous n'avons encore là-dessus que des renseignements incomplets. Les nouvelles, télégraphiées de Rio dans ces dernières semaines, ne faisaient en rien prévoir un bouleversement politique. Des troubles, rapidement réprimés, avaient éclaté, il est vrai, dans la capitale brésilienne dans les premiers jours d'octobre, mais il s'agissait simplement d'une cabale d'étudiants mélomanes contre un directeur de théâtre qui ne conformait pas ses programmes à leur goût, et la politique n'y entrait, dit-on, absolument pour rien. On signalait une grave indisposition du général da Fonseca. Comment aurait-on pu soupçonner des velléités de coup d'État un président de la République alité para la maladie?

Restait la situation économique léguée par l'empereur Dom Pedro à la jeune République. Elle n'est pas brillante, et des expériences imprudentes, la multiplication des établissements de banque, des émissions excessives de papier-monnaie entraînant une baisse effrayante du change, faisaient bien pressentir quelque grave crise financière, mais nullement une commotion politique du genre de celle qui vient de se produire.

La politique et les finances étant liées dans l'Amérique du Sud plus que partout ailleurs, comme nous l'ont rappelé en ces dernières années les événements de la République Argentine et du Chili, il n'est pas impossible que ces perturbations économiques aient été le prétexte de l'escamotage de pouvoir commis par le général da Fonseca. Les Chambres venaient précisément de voter une loi renfermant dans des limites plus étroites le droit de veto accordé par la nouvelle Constitution au président de la République, — cela, probablement, à la suite de l'opposition que celui-ci aura faite à quelque mesure financière votée par la Législature.

En tout état de cause, quel qu'ait été le prétexte de l'attitude prise par le général da Fonseca, il n'y a point de doutes quant aux faits. Le président de la République a brusquement dissous les Chambres, mis le pays en état de siège et proclamé sa dictature, c'est-à-dire qu'une sorte d'empire déguisé est rétabli, momentanément pour le moins.

Nous n'imiterons pas certains de nos confrères à l'étranger, en tirant de ces événements imprévus la conclusion que le Brésil n'est pas encore mûr pour la République, ou que les institutions républicaines ne sont pas faites pour la population d'un territoire si immense. Aucun régime, et surtout un régime neuf encore insuffisamment consolidé par le temps et par l'expérience, n'est à l'abri des attentats d'un chef d'État ambitieux et sans scrupule, et l'acte d'un président de la République usurpant ses pouvoirs ne prouve rien de plus contre les institutions républicaines que le fait d'un souverain constitutionnel s'arrogeant brusquement le pouvoir absolu ne démontrerait les vices de la monarchie parlementaire.

Avant d'apprécier définitivement les événements du Brésil, il conviendra du reste d'attendre que des renseignements plus précis aient dissipé tout ce que la situation a d'obscur. Ces renseignements on les attendra avec anxiété non seulement à Lisbonne, dans l'entourage de Dom Pedro et à la cour des Bragance, mais encore à Paris, à Berlin, à Londres, à Bruxelles, tous les États européens ayant au Brésil des intérêts commerciaux, financiers et politiques de la plus grande importance.

2. La Réforme, 6 de novembro⁶⁷

Na primeira parte, o artigo põe a nu todos os problemas de fundo das repúblicas sul-americanas: a força do militarismo, o feudalismo das sociedades, a rapacidade da classe dirigente, as populações que vivem na ignorância e na servidão.

Denuncia a seguir a atitude de Deodoro que mandou embora os deputados porque estes queriam retirar-lhe o direito de veto: «O exemplo do Brasil prova como são perigosos os presidentes quando eles não são supérfluos». No fim, resume a opinião dos jornais ingleses: «lamentam este golpe de Estado que abre o caminho para novas desordens».

[...]

Mais c'est surtout l'Amérique du Sud qui préoccupe en ce moment, et à juste titre, le public européen qui y a engagé des centaines de millions,

⁶⁷ La Réforme: organe de démocratie libérale (1884-1907) publica todos os dias um editorial («Bulletin politique») na primeira coluna da primeira página de cinco colunas. A 6 de novembro, fala da importância do continente americano. Citamos unicamente as partes que comentam a situação no Brasil.

compromis par des révolutions désormais chroniques. Que le Chili et le Brésil aient suivi à cet égard l'Argentine — que l'on croyait à jamais sortie de la période des pronunciamientos — ç'a été une surprise pour ceux qui ne se sont pas rendu compte de l'instabilité fatale de ces pays démocratiques en apparence, féodaux en réalité, dotés d'institutions républicaines, mais en même temps de traditions de servitude et d'ignorance dans la masse, d'appétits féroces dans la caste dominante et par-dessus tout d'un militarisme qui est à peu près incompatible avec la République ; [...]

[...] L'exemple du Brésil prouve combien sont dangereux les présidents quand ils ne sont pas superflus.

L'occasion du coup d'État qui vient de discréditer pour longtemps la République brésilienne, déjà compromise par les spéculations financières qu'on voyait se nouer autour de son gouvernement, est, on le sait maintenant, que le Congrès voulait retirer au président le droit de veto. Le Congrès avait raison; le droit de veto, dans une République, ne doit appartenir qu'au peuple. Mais le Congrès avait eu tort de donner à la République un président militaire et de donner à ce président une armée qui le mettait en état de braver au besoin le Parlement... et de le mettre à la porte.

Les journaux anglais déplorent ce coup d'État qui ouvre évidemment la voie à de nouveaux désordres. Le *Times* constate que les cercles financiers anglais sont fort alarmés de cette dictature, tandis qu'en réalité ils avaient accueilli avec faveur la République, dont le crédit fut attaqué avec tant de fureur au début par un syndicat de monarchistes lanceur de fausses nouvelles. Le

Daily News regrette que le véritable fondateur de la République brésilienne, Benjamin Constant, ne soit plus là pour faire prévaloir la cause de la liberté contre le dictateur da Fonseca, comme il l'a fait prévaloir contre les conseillers cléricaux du vieux Dom Pedro.

3. Le Courrier de l'Escault, 6 de novembro⁶⁸

Com a mudança de regime de novembro de 1889, os brasileiros não ganharam mesmo nada, antes pelo contrário: hoje, a situação «torna-se muito crítica», afirma o quotidiano de Tournai.

[...]

— Une dépêche de Rio-de-Janeiro nous a apporté hier la nouvelle que le Congrès du Brésil était dissous, la loi martiale prononcée et la dictature rétablie. Après deux années de régime républicain, le Brésil revient donc au point où il était après le renversement de don [sic!] Pedro. La situation de ce pays était alors excellente sous tous les rapports; elle devient très critique aujourd'hui: voilà tout ce que les Brésiliens auront gagné à leur changement de gouvernement.

⁶⁸ Le Courrier de l'Escault (1829 -) é o mais antigo jornal belga ainda em circulação. Na altura, publicava um pequeno editorial («Bulletin du jour») na primeira página que tinha seis colunas.

4. *La Meuse*, 6 de novembro⁶⁹

As más notícias chegam da América, nomeadamente do Sul, onde europeus têm grandes interesses financeiros e comerciais.⁷⁰

Depuis quelques temps, toutes les mauvaises nouvelles nous viennent d'Amérique et chacune d'elles jette le désarroi dans les Bourses européennes: à Paris, à Berlin, à Bruxelles, à Londres surtout, qui ont au Brésil des intérêts commerciaux et financiers de la plus haute importance.

Une dépêche de Rio-de-Janeiro, reçue mercredi⁷¹ annonce que le maréchal Deodoro da Fonseca a dissous le congrès brésilien. Des renseignements publiés par le *New-York Herald* laissent entendre que l'Assemblée avait voté une loi tendant à limiter l'exercice du droit de veto accordé para la constitution au président, et que celui-ci, considérant ce vote comme une injure personnelle, y aurait répondu par un décret de dissolution. Quoi qu'il en soit, il est certain qu'il ne s'agit là que d'un prétexte : depuis longtemps le président cherchait à se débarrasser de son congrès, quelques faibles obstacles que celui-ci opposait à l'exécution des volontés du gouvernement, et il n'avait qu'un but : établir la dictature. Le décret de

 $^{^{69}}$ La Meuse (1856 -) publica um editorial («Revue politique») na primeira coluna da primeira página.

⁷⁰ Este comentário é quase o mesmo do editorial do *Journal des Débats* do mesmo dia. Cf. Cap. 1, Texto 1.

⁷¹ Quarta-feira dia 4 de novembro.

dissolution proclame celle-ci, suspend les garanties constitutionnelles et établit la loi martiale.

Les documents fournis par la légation du Brésil à Londres aux journaux anglais déclarent que ce coup d'État n'a rencontré aucune résistance, et que tout le pays est absolument calme.

D'après une dépêche de Rio au *Times*, le mouvement révolutionnaire au Brésil aurait un caractère monarchiste. On dit qu'un gouvernement provisoire a été formé avec le commodore Baldona [sic !] de Gama à sa tête.

Bien que les dépêches privées fassent mention des graves précautions prises, telles que l'interdiction au public de l'usage du télégraphe, nous ne croyons pas devoir douter de l'exactitude des renseignements officiels: ni le Parlement ni la population du Brésil n'a jamais fait aucune résistance aux ordres venus d'en haut et un réveil d'énergie in extremis aurait de quoi surprendre. De même que l'on avait laissé renverser sans aucune protestation l'empereur dom Pedro, de même on a laissé le maréchal Deodoro profiter du pouvoir qu'il avait acquis pour s'enrichir et enrichir ses neveux, et nul ne s'est élevé pour s'opposer à tous les abus, à tous les scandales qui ont entraîné en deux ans la ruine du crédit du pays. Le Brésil porte aujourd'hui les conséquences de sa trop longue patience, et nous ne voyons pas comment il pourra sortir indemne de la crise terrible qu'il traverse.

Mais avant d'apprécier définitivement les événements du Brésil, il convient d'attendre que des renseignements plus précis aient dissipé tout ce que la situation a d'obscur.

5. *L'Indépendance Belge*, 7 de novembro⁷²

Faltam as informações para podermos avaliar o que se passa no Brasil, comenta o jornal segundo o qual a censura dos telegramas é uma prova que Deodoro entrou «no caminho da usurpação e da ilegalidade». Para o jornalista belga, o ditador fez exatamente a mesma coisa que Napoleão III a 2 de dezembro de 1851. Porém, ignoramos ainda os objetivos deste golpe: o marechal quer estabelecer uma longa ditadura pessoal ou deseja restabelecer a monarquia?

Les nouvelles positives et sûres du Brésil nous font presque complètement défaut. Les auteurs du coup d'État du 4 novembre empêchent toute version sincère des événements de parvenir en Europe, et nous en sommes réduits à des probabilités et à des conjectures pour apprécier la situation.

Le secret dont M. da Fonseca enveloppe ses actes est, il est vrai, une indication précieuse. La censure qu'il a fait exercer sur les dépêches est le procédé de tous les chefs d'État entrés dans la voie de l'usurpation et de l'illégalité. Un gouvernement ne prend pas tant de soin pour cacher des actes légitimes et qui font honneur. Au reste, les seules dépêches que le

⁷² Pelo segundo dia consecutivo, o editorial começa comentando as notícias vindas do Brasil.

gouvernement dictatorial laisse passer trahissent, dans leur laconisme embarrassé et dans leur phraséologie sans franchise, une situation absolument irrégulière et anarchique.

Elles confirment la proclamation de la dictature qu'elles essayent de motiver par des votes constitutionnels de la représentation nationale. Elles nous montrent le général da Fonseca se posant en «défenseur de la liberté menacée», et se préparant à faire déporter tous les députés et sénateurs qui n'ont pas eu l'heur de lui plaire. L'opinion européenne ne se méprendra pas sur la signification réelle de ces paroles et de ces actes. Ce n'est pas autrement que Louis-Napoléon essayait de justifier son coup d'État du 2 décembre, et les actes du général da Fonseca apparaissent comme la paraphrase de ceux qu'accomplissait en France, il y a près de quarante ans, le chef d'État qui escamotait la République sous prétexte de la protéger contre ses ennemis. Les commissions mixtes qui doivent juger les députés récalcitrants; les déclamations sur la République menacée; l'annonce des prochaines élections en quelque sorte plébiscitaires, — tout y est. On ne peut malheureusement éprouver aucun doute à cet égard.

Ce qui n'est pas encore clair, c'est le but réel de l'auteur du coup d'État et de ses amis. Le général da Fonseca agit-il pour son propre compte, avec l'ambition de nous ne savons quelle dictature militaire qui se prolongerait définitivement ? Travaille-t-il, comme le veut une seconde version, en vue du rétablissement d'un régime impérial ou de quelque monarchie de forme

nouvelle ? L'avenir seul nous le dira. Les dépêches sont trop peu explicites pour nous donner à cet égard une certitude.

Pour l'heure, les effets de la révolution qui a substitué la République à l'Empereur sont complètement détruits; les institutions républicaines sont faussées; le régime démocratique n'existe plus que de nom. Voilà ce que laissent deviner les télégrammes. Reste à savoir si la population brésilienne se soumettra à cet escamotage ou s'il [sic!] se révoltera et rétablira de force ce qu'un coup de force a renversé.

6. La Réforme, 7 de novembro⁷³

O objetivo de Deodoro é de restaurar a monarquia, escreve o articulista. No entanto, segundo o mesmo, «os sentimentos republicanos» são demasiado fortes e enraizados «para que esta tentativa possa ter sucesso»; O ditador tem também de enfrentar manifestações contrárias ao golpe.

No fim do editorial, o jornalista belga relata, citando um jornal português, os detalhes do conflito entre o Parlamento e o marechal acerca do veto presidencial.

Quelques nouvelles ont percé le blocus établi au Brésil par les faiseurs de coups d'État. Nous disons *les*, car le maréchal Deodoro da Fonseca est, depuis longtemps, alité, et ce n'est évidemment ni pour lui seul, ni par lui seul qu'il a pu avoir cette pensée liberticide. Mais il y a les chefs de l'armée et il y a la

⁷³ Neste dia, todo o editorial de meia página comenta a situação política do Brasil.

famille du président qui profite de la situation de son chef pour amasser des millions.

Les dépêches officielles nous disent que tout est tranquille, que la marine, comme l'armée, s'est ralliée à la dictature, que les élections pour le Congrès auront lieu incessamment et que les gouverneurs des États ont félicité le dictateur d'avoir «rétabli l'ordre».

Mais d'autres dépêches semblent prouver que les républicains brésiliens sont en train d'organiser la résistance au coup d'État. Rio de Janeiro et la capitale de l'État de ce nom, sont déclarés en état de siège «par suite des agissements des monarchistes contre les institutions républicaines». C'est le prétexte invoqué par le dictateur dans un manifeste qu'il vient d'adresser à la nation. Or, à New-York, c'est lui qu'on accuse de vouloir rétablir la monarchie, et c'est en effet ce qu'il vient de faire en réalité.

Mais à New-York on croit que les sentiments républicains sont déjà trop vigoureux et trop prédominants pour que cette tentative puisse réussir. Déjà il y aurait eu de sanglantes émeutes dans les rues de Rio; dans la province d'Alegro [sic!] on dit que le peuple refuse de connaître la dictature; à Rio Grande do Sul, les républicains ont déclaré qu'ils ne voulaient pas voir rétablir la monarchie par Fonseca. Et il est probable que nous ne savons encore qu'une partie de la vérité, car les dépêches des correspondants de la presse étrangère ont été censurées et au Brésil même la liberté de la presse est supprimée. En même temps, on a établi des cours martiales sur le modèle de celle qui envoyèrent à

Cayenne et à Lambessa⁷⁴ [sic !] les victimes de juin, de décembre et de mai : elles doivent juger et déporter les «ennemis de la République».

Quant à l'occasion du conflit qui a amené le coup d'État, un journal de Lisbonne nous relate : c'est une loi sur les incompatibilités qui déplaisait à ces messieurs de l'armée et de la famille du président. M. da Fonseca avait déjà usé deux fois de son veto contre cette loi ; pour passer outre au veto présidentiel, il fallait un vote du Sénat, réunissant les deux tiers des voix. Au vote il y eut 29 voix pour passer outre, 15 contre.

Il manquait donc une voix pour infirmer le veto. On s'aperçut en faisant le décompte que le frère du président, personnellement intéressé au rejet de la loi, avait pris part au vote, dont la validité fut contestée. De là, le dépôt d'une loi qui retirait au président le droit de veto.

7. Le Courrier de l'Escault, 7 de novembro

Breve comentário que fala da censura dos telegramas vindos do Rio, duma remota hipótese de uma restauração em favor do neto de D. Pedro e da profunda crise financeira.

Les renseignements précis sur le coup d'État qui vient de s'accomplir au Brésil font toujours défaut jusqu'ici, à cause de l'extrême sévérité de la censure que le dictateur a fait exercer sur tous les télégrammes expédiés du Brésil sur

⁷⁴ Em Caiena, na Guiana francesa, havia uma célebre prisão penal («*bagne*», em francês), tal como em Lambèse, na Algéria.

cet événement. Une dépêche de Rio-de-Janeiro dit que tous les édifices publics sont gardés par la troupe. Un télégramme privé ajoute que les bureaux télégraphiques du Brésil sont fermés au public.

Le *Times*, contenant les dernières nouvelles, dit qu'on parle vaguement de la possibilité de la restauration, non de dom Pedro, mais de son petit-fils. On attribue la crise actuelle à des projets financiers qui aggraveraient encore la situation et qui causeraient de grands dommages aux intérêts du pays.

[...]

8. La Meuse, 7 de novembro⁷⁵

Depois de ter citado o manifesto de Deodoro, o jornal reproduz vários trechos do editorial do parisiense Le Temps do mesmo dia⁷⁶.

Son coup d'État fait, le Président de la République brésilienne a adressé à ses agents diplomatiques à l'étranger une Note destinée à la publicité.

 $[...]^{77}$

⁷⁵ Neste dia, o quotidiano de Liège consagra todo o editorial ao Brasil.

⁷⁶ Cf. Cap. 1, Texto 6.

⁷⁷ O jornal cita aqui a nota oficial de Deodoro na qual justifica o golpe, afirma que o exército e a marinha o apoiam e que o país está tranquilo.

Mais cette dépêche-là est terriblement sujette à caution, les télégrammes de presse et les communications aux journaux étant soumis à une censure rigoureuse.

La vérité, c'est qu'on sait bien peu de choses, pour ne pas dire rien.

La jeune République est entrée à pleines voiles dans l'ère des difficultés graves. Faut-il voir dans la crise qui vient de s'y passer une simple maladie de croissance ? Faut-il y reconnaître le signe avant-coureur de la dissolution d'un établissement politique purement artificiel ? C'est la question qui se pose et à laquelle il faut bien confesser que, jusqu'à présent, vu la disette de renseignements impartiaux et authentiques, nous n'avons pas de réponse prête.

La révolution du 15 novembre 1889 a présenté cette contradiction d'être opérée par une sorte de coup d'État militaire et de prétendre inaugurer un régime de liberté et de démocratie. Il est permis de se demander si le Brésil est bien mûr pour le *self-government* absolu, si ces populations étaient bien en mesure de se placer d'un seul effort au niveau des nations qui tiennent la tête de la civilisation et qui n'en éprouvent pas moins parfois de trop réelles difficultés à se régir elles-mêmes.

Pourquoi ne pas avouer que la bonne renommée des institutions libérales et républicaines a été quelquefois légèrement compromise par les improvisations politiques hâtives de certains États Sud-américains? Le Brésil a d'autant plus couru le risque de s'engager dans cette voie qu'il a eu le malheur

de perdre trop tôt celui qui était à la fois l'inspirateur et le modérateur du nouveau régime, le sage du gouvernement M. Benjamin Constant.

Ce n'est pas tout. La situation financière et économique n'a fait qu'empirer depuis deux ans. Avec l'agio sur l'or à 108 %, les prix ont subi une hausse exagérée. C'est le moment qu'on a choisi pour exalter sur le modèle, pourtant peu encourageant, de la République argentine la fièvre de la spéculation. Tout le monde redoute une catastrophe que personne ne cherche à conjurer.

Assistons-nous au Brésil à un commencement de réaction, voire à une tentative de restauration impérialiste? Un télégramme d'hier le donnait à croire : il n'a pas été confirmé. La vérité est probablement que si dans les hautes sphères et dans l'armée, laquelle est déjà si profondément divisée, il se produisait un schisme, la population subirait avec autant de docilité le rappel de ses anciens maîtres qu'elle a subi naguère leur expulsion.

Seulement ici apparaîtrait un nouvel et redoutable inconnu. Le retour de don [sic!] Pedro serait pour mille raisons hors de question. Qui le Brésil remettrait-il à sa tête, les deux beaux-frères rivaux, le comte d'Eu et le prince de Saxe-Cobourg, qui se disputent pour eux et pour leurs fils un trône encore à terre?

Ce n'est là, du reste, que de la spéculation. Pour le moment, le Brésil garde l'étiquette républicaine et, dessous, les tristes réalités de la dictature militaire.

9. L'Indépendance Belge, 9 de novembro.⁷⁸

As notícias que chegam do Rio são as que dão uma boa imagem do ditador, mas não enganam o editorialista: o que parece certo, é que «a única lei que governa o Brasil é a da absoluta arbitrariedade. A República que surgiu das ruínas do Império já não existe».

Não sabemos, sublinha o jornal, se o marechal agiu «por conta própria» ou para favorecer uma restauração do antigo regime: « por parte de um soldado tão turbulento e tão ambicioso, tudo é possível».

On est toujours sans renseignements définitifs sur ce qui se passe au Brésil. Nous en restons réduits aux nouvelles que le général da Fonseca veut bien laisser passer, et il ne laisse passer, naturellement, que celles qui peuvent suggérer une interprétation favorable à ses actes.

Telles qu'elles se présentent, les dépêches des deux derniers jours, toutes conçues de façon à nous convaincre que le général da Fonseca a sauvé sa patrie de nous ne savons quel terrible péril, et que son coup d'état a l'approbation universelle, — ces dépêches, disons-nous, ne sont pas de nature à modifier nos premières impressions. Elles disent que le calme est complet, mais cela n'a rien d'étonnant quand on songe que l'état de siège a été proclamé et que quiconque protesterait trop ouvertement contre l'établissement de la dictature serait aussitôt frappé par la loi martiale. On nous assure, d'autre part, que M. da Fonseca respectera toutes les lois «sauf celles qui pourraient être contraires au bien-être général ou à la sécurité du gouvernement», — ce qui veut

⁷⁸ Também a 9 de novembro, o Brasil é a primeira notícia tratada no editorial e ocupa quase uma coluna.

dire, en bon français, qu'il violera toutes celles qui pourraient le gêner et que l'arbitraire le plus absolu est devenue la seule loi du Brésil. Tout cela ne comporte pas deux interprétations. Que la population brésilienne s'incline ou ne s'incline pas sous la main de fer du dictateur qui a usurpé le pouvoir absolu, cela ne change rien à l'affaire, et, au surplus, il est beaucoup trop tôt pour rien affirmer à cet égard. La République, telle qui s'est élevée sur les ruines de l'empire n'existe plus; et c'est un maître calqué sur le patron de Louis-Napoléon et de Balmaceda qui gouverne actuellement le Brésil. Toutes les assertions des officiers du général da Fonseca ne modifieront rien à ce fait.

C'est la question de savoir si M. da Fonseca a agi *proprio motu* et pour son compte personnel ou s'il veut préparer une restauration impériale, qui reste encore douteuse. À première vue, cette dernière hypothèse semblerait jurer avec les antécédents du dictateur qui prit une si grande part naguère à l'agitation républicaine et dont l'empereur Dom Pedro connaissait si bien les intrigues anti-impérialistes qu'il le nomma gouverneur de la province de Mato-Grosso pour l'éloigner de la capitale fédérale, quelques temps avant la révolution de novembre 1889. Mais de la part d'un soldat aussi remuant et aussi ambitieux, tout est possible. On parle de conciliabules que le général da Fonseca aurait eu ces jours derniers avec plusieurs personnages restés fidèles à l'ancien régime; et il y a lieu de croire, en tous les cas, que le parti impérialiste n'épargnera rien pour amener le dictateur à travailler en vue d'une restauration, assez facile à préparer aujourd'hui que la Constitution

républicaine est foulée aux pieds et qu'on invite les électeurs à se réunir en janvier pour voter le principe de sa révision.

En tout état de cause, c'est le règne de l'arbitraire et de l'inconnu qui a commencé au Brésil. Il est impossible de prévoir où il aboutira. Et les inquiétudes qui se font jour parmi les gouvernements et peuples européens ayant des intérêts engagés à Rio ne sont malheureusement que trop, beaucoup trop justifiées.

10. «La dictature à Rio», *La Réforme*, 9 de novembro⁷⁹

Na opinião do jornal de Bruxelas, o «Balmaceda brasileiro» quer, no fundo, restaurar a monarquia, como Monk na Inglaterra em fevereiro de 1660. A segunda parte do editorial é inspirada por um texto publicado na véspera pelo parisiense Le Temps.

On se demande de plus en plus si le Balmaceda brésilien va vouloir jouer les Cromwell ou les Monk et beaucoup de gens inclinent pour la seconde hypothèse. Au fond, ce serait plus logique; le coup d'État par lequel l'entourage du maréchal Deodoro a voulu sauver des effets d'indignation publique son régime de spéculations financières et de pillage des deniers et du crédit publics, au profit de quelques familles, est dans les voies qui doivent aboutir à la restauration de la monarchie. Une dépêche que publie le *Herald* dit que le

⁷⁹ Neste dia, o Brasil é o segundo tema tratado pelo editorial e ocupa cerca de um terço da coluna.

dictateur valétudinaire a eu une conférence avec M. de Ouro Preto, l'ancien premier ministre clérical et réactionnaire de dom Pedro, et Joaquim Nabuco, un autre impérialiste de marque. On dit même que si le vieux dom Pedro refusait de courir l'aventure de la restauration, on offrirait la couronne au comte d'Eu, dont le cléricalisme outrancier a été une des causes principales de la révolution d'il y a deux ans.

Le Temps ajoute que le dictateur, très malade, est absolument sous l'influence de sa femme et de son entourage, et que le baron de Lucena, président du conseil, est fort suspect de sympathies impérialistes.

Mais il ajoute que les députés du Congrès dissous ne rentreront dans leurs provinces que pour y appeler le peuple à l'insurrection et que San-Paulo [sic], notamment, n'acceptera à coup sûr ni restauration, ni dictature. Or, le député de cet État a déclaré dernièrement à la chambre, en combattant les concessions arbitraires de voies ferrées faites par le gouvernement fédéral sur le territoire de cet État, que «San-Paulo [sic] pouvait lever 50,000 hommes pour défendre ses droits». Les provinces de Rio-Grande et de Minas-Gerais suivraient certainement ce mouvement, de sorte que le premier résultat de la «restauration de l'ordre» à Rio pourrait bien être de déchaîner la guerre civile dans tout le pays, pour aboutir vraisemblablement au démembrement du Brésil.

11. L'Indépendance Belge, 12 de novembro⁸⁰

O tema principal deste artigo é a revolta no Rio Grande do Sul. O jornalista pergunta-se se este estado, «colonizado sobretudo por alemães», irá conseguir obter a independência e, sobretudo, se outros seguirão o seu exemplo. Seria então «o início da desagregação geral deste imenso país». Se isto acontecer, o governo ditatorial não vai poder evitar uma guerra civil que o editorialista prevê tão grave como «a grande guerra de secessão americana».

Les dernières nouvelles du Brésil confirment le fait télégraphié hier, d'une révolte de la province de Rio-Grande do Sul contre le gouvernement fédéral. Cette importante province agricole, qui forme l'extrémité méridionale du territoire brésilien et dont elle en est en quelque sorte le grenier d'abondance, n'accepte pas la dictature du président Fonseca. Elle s'est abstenue d'adresser à celui-ci les félicitations que d'autres membres de la Confédération lui ont adressées; elle s'est isolée de Rio-de-Janeiro, par la rupture des communications télégraphiques avec la capitale fédérale, et on la dit sur le point de se proclamer en République indépendante, peut-être sous la présidence de Silverio Martinez [sic], un des hommes d'État impérialistes qui furent exilés, lors de la révolution où succomba Dom Pedro, mais qui ont été autorisés à rentrer depuis.

C'est là évidemment un fait fort grave. Les dépêches officieuses répandues en Europe par le soin de M. da Fonseca lui-même s'étaient efforcées

⁸⁰ A 12 de novembro, o Brasil é o tema da segunda parte do editorial e ocupa meia coluna.

de nous persuader que le sentiment des provinces approuvait d'une façon unanime le nouvel ordre des choses, ou tout au moins s'y résignait philosophiquement. Le gouvernement dictatorial se proposait surtout, à ce qu'on affirmait, de remettre de l'ordre dans les finances — troublées précisément par sa propre politique qui n'a cessé, contre l'avis du Congrès, de combattre les émissions excessives de papier-monnaie — et la perspective d'un meilleur régime économique compensait à tous les yeux les inconvénients du régime provisoire de l'arbitraire politique.

Il en faut rabattre et de beaucoup aujourd'hui. En supposant même que la scission de la province de Rio-Grande do Sul ne devienne pas le signal du désagrègement général d'un pays si immense, et composé d'éléments si disparates, elle suffit, néanmoins, à ébranler gravement l'autorité dont s'est investie le président du pouvoir fédéral et à créer une situation presque critique.

La province de Rio-Grande do Sul est surtout colonisée par les Allemands et pourrait mettre au besoin cinquante mille hommes d'origine allemande sur pied pour la défendre contre les forces du général da Fonseca. Celui-ci osera-t-il engager une lutte armée qui pourrait offrir, toutes portions gardées, la gravité de la grande guerre de sécession américaine? Ce serait une grosse partie. Et, cependant, il semble difficile que le gouvernement dictatorial puisse l'éviter, si la province récalcitrante persiste à revendiquer son indépendance; car il serait accusé, alors, d'avoir été l'ouvrier d'un démembrement du pays, et c'est un résultat qu'on ne pardonnerait pas à la dictature.

Ceux-là même qui accordent à M. da Fonseca les intentions les plus honorables et expliquent son coup d'État par son patriotisme devront avouer que son aventure menace de tourner mal et de ne pas assurer au pays les bienfaits que ses auteurs prétendent en avoir attendu.

12. *Le Courrier de l'Escault*, 12 de novembro

Com três estados secessionistas, uma guerra civil no Brasil parece inevitável.

Au Brésil, la situation se complique: après le Rio-Grande do Sul, deux autres provinces se sont proclamées indépendantes. C'est la guerre civile en perspective.

13. *La Réforme*, 14 de novembro⁸¹

O Rio Grande do Sul revoltou-se e o Pará decidiu «apoiar o Congresso contra o ditador», afirma o editorialista que fala também do envio de navios por parte de «várias potências nas águas brasileiras para proteger os seus compatriotas». Ao mesmo tempo, os despachos asseguram que as tropas no Rio apoiam o marechal, cujo governo afirma que há dinheiro nas caixas do Estado.

Il est maintenant avéré qu'une insurrection contre la dictature du maréchal Deodoro da Fonseca a éclaté dans la province de Rio Grande do Sul;

⁸¹ Neste dia, o breve editorial de meia página é todo dedicado ao Brasil.

conservateurs et libéraux ont été d'accord pour organiser la résistance au coup d'État, ce qui fait dire, dans certaines dépêches, qu'on ne sait si le mouvement n'est pas impérialiste.

Dans trois villes de la province, les troupes ont immédiatement fait cause commune avec les insurgés; à Santa-Ana, les insurgés se sont emparés de la ville et y ont fait de nombreux prisonniers. Personne n'a été tué ni blessé, dit la dépêche, ce qui permet de croire que les troupes n'ont pas résisté. Les insurgés ont dès à présent cinq régiments et un de cavalerie, qui devaient combattre contre eux et combattront avec eux. Ils enrôlent en outre de nombreux volontaires et sont déjà complètement maîtres de la province. Une dépêche ajoute même que le gouvernement et le Parlement de la province de Para ont décidé d'appuyer le Congrès contre le dictateur.

À Rio de Janeiro, les troupes de terre et de mer veulent déclarer le maréchal da Fonseca dictateur à vie, ce qui montre bien le caractère de la guerre civile qui s'engage au Brésil, absolument semblable à celle qui a désolé le Pérou⁸². Le gouvernement du dictateur fait annoncer qu'il y a de l'argent en caisse, que son budget s'équilibre par un boni de 30,000 *contos* de reis et que M. Mayrink, le financier à qui le dictateur a livré la République, cesse d'être directeur de la Banque du Brésil, mais qu'il continue à faire partie de la direction.

⁸² Trata-se da guerra civil de 1884-1885 entre Miguel Iglesias e Andrés Cáceres, depois da Guerra do Pacífico, ganha pelo Chile contra o Peru e a Bolívia (1879-1883).

Enfin plusieurs puissances se préparent à envoyer des bateaux dans les eaux brésiliennes pour protéger leurs nationaux et une correspondante particulière nous demande de mettre nos lecteurs en garde contre les manœuvres d'un syndicat de baissiers qui se serait constitué, comme au moment de la proclamation de la République, pour avilir les fonds brésiliens.

C'est complet et le dictateur peut se vanter d'avoir «rétabli l'ordre» par son coup d'État.

P.-S. D'après une dépêche de Santiago au *Times* en date de ce jour, les provinces intérieures et septentrionales se joignent également au mouvement contre Fonseca.

14. Le Courrier de l'Escault, 14 de novembro⁸³

O golpe de Deodoro não foi aceite em todo o território como o prova a revolta do Rio Grande do Sul. O editorialista acredita que Fonseca — «que inaugurou um regime de terror» poderia esmagá-la, mas só se não houver mais nenhum outro estado que tomasse a mesma decisão que os riograndenses, «conhecidos pela sua coragem e pela sua valentia». Se houver mais revoltas estaduais, «o Brasil estaria perante uma longa guerra civil».

Les nouvelles du Brésil sur les conséquences du coup d'État n'arrivent que tardivement, mais elles permettent de supposer que la situation nouvelle et la dictature Fonseca ne sont pas admises sans difficulté dans toute la

⁸³ Nesse dia, mais do que metade do editorial é dedicado à crise brasileira.

république. L'importante province de Rio Grande do Sul est en révolution. C'est l'État qui a toujours manifesté le plus grandes velléités d'indépendance. Il ne comprend, il est vrai, que la vingtième partie environ de la population brésilienne, mais ses habitants sont renommés pour leur bravoure et leur tempérament énergique. Et le voisinage de la République Argentine rend le mouvement plus dangereux encore.

Le dictateur voudrait faire croire que le conflit entre son autorité et l'opposition est localisé sur quelques points du Rio-Grande, mais les dépêches privées nous montrent que les insurgés sont parfaitement organisés : ceux-ci auraient à leur tête les généraux Fernandes et Santa-Ana. Chaque jour une nouvelle garnison adhère au mouvement, qui est également suivi par l'artillerie. Si l'insurrection n'éclate pas dans d'autres États de la République, le général da Fonseca aura raison sans doute du soulèvement du Rio-Grande. Mais si l'exemple de cet état était suivi, ce qui est vraisemblable, le Brésil se trouverait devant une longue guerre civile.

Le général-président a nommé une commission spéciale chargée de juger sommairement ceux qu'il qualifie d'insurgés. Le dictateur, on le voit, a inauguré un régime de terreur : aussi annonce-t-il que les membres du Congrès brésilien cherchent asile dans les légations de Rio-Janeiro.

D'autre part, le gouvernement de l'Uruguay, alarmé à la suite de la situation menaçante du Brésil, a concentré des troupes à la frontière.

15. La Meuse, 14 de novembro⁸⁴

Les dépêches officielles du Brésil ne cessent de nous dépeindre comme excellente la situation de la République : à les en croire, la dictature du maréchal da Fonseca aurait été accueillie avec un enthousiasme universel ; le commerce, l'armée et la marine seraient également satisfaits et si, dans certaines provinces, quelques mécontentements se sont fait jour, il ne s'agit que de dissentiments purement locaux et de troubles sans importance.

Les nouvelles de tous les États du Brésil affirment que la tranquillité la plus complète règne partout.

La Législature des États fonctionne régulièrement dans les divers services publics et administratifs.

La magistrature locale est organisée dans presque tous les États.

Il nous paraît impossible de partager cet optimisme de commande. Si une sorte d'âge d'or était revenu au Brésil, il n'y aurait sans doute aucune raison d'empêcher les particuliers d'en transmettre au monde la nouvelle par voie télégraphique et nous ne voyons pas pourquoi le dictateur aurait supprimé les principaux journaux de Rio-de-Janeiro, en ne laissant vivre que quelques

⁸⁴ Neste dia, o quotidiano de Liège consagra uma grande parte do seu editorial ao Brasil. No mesmo dia, excluindo três pequenos parágrafos, a *Gazette de Lausanne* publica o mesmo texto que, na realidade, é copiado quase na íntegra do editorial do *Journal des Débats* do mesmo dia. (Cf. Cap. 1, Texto 15)

feuilles inconnues et sans influence. De plus, ce que nous savons de ces provinces «où quelques troubles ont éclaté» n'est pas trop fait pour nous assurer. Sans doute, nous nous souvenons que chaque fois qu'un mouvement politique s'est fait jour au Brésil, on a aussitôt parlé des tendances séparatistes de Rio-Grande-do-Sul, et certainement il ne faut rien exagérer. Mais il est difficile d'oublier que le Rio-Grande-do-Sul est une des plus riches provinces de la République et qu'il ne saurait lui être fort agréable d'être attaché à un État dont le crédit est ruiné et dont la politique financière est chaque jour plus détestable, surtout quand sa position géographique lui permet de rompre aisément ses liens pesants; rappelons-nous, d'ailleurs, qu'il est habité par plusieurs centaines de mille d'Allemands, qui ont peut-être moins de patience que la population brésilienne et qui, s'ils ont subi la déchéance de l'empire et la proclamation de la République, ne doivent avoir aucun goût pour les procédés de gouvernement sud-américains dont on use à Rio depuis deux ans.

Cette séparation de Rio-Grande-do-Sul serait très grave dans les circonstances présentes. Espérons pour l'avenir du Brésil que le dictateur, par ses coupables folies, ne forcera pas cette province à prendre cette résolution désespérée.

16. *La Réforme*, 15 de novembro⁸⁵

É provável que Deodoro tenha de enfrentar «um movimento análogo ao que mandou embora o usurpador Balmaceda» no Chile, afirma o editorialista, que prevê um grande movimento de resistência das províncias brasileiras do Norte e do Sul contra o marechal. É este o «verdadeiro rebelde», porque violou a Constituição.

Le mouvement de résistance au coup d'État paraît en train de se généraliser au Brésil comme naguère au Chili, et le maréchal da Fonseca pourrait bien se trouver à bref délai en présence d'un mouvement analogue à celui qui chasse l'usurpateur Balmaceda. Les Républiques d'Amérique du Sud, dont on a dit beaucoup de mal, et à bon droit, donneraient ainsi aux États européens, qui ont souvent subi les coups d'État et les violations de leur Constitution avec une passivité déplorable, un exemple salutaire.

L'insurrection pour la défense de la Constitution — car le véritable *rebelle* est da Fonseca, et ceux qu'on devrait appeler insurgés sont ceux qui défendent son usurpation — est victorieuse dans le Rio-Grande do Sul; le général Gonçalves est prisonnier et cinq mille congressistes s'avancent vers le Nord. Trois villes de cette province seulement sont encore au pouvoir du dictateur.

Celui-ci a destitué le gouverneur. Les dépêches officielles disent que tout est calme à Rio et qu'on se prépare à y fêter — amère dérision — le second anniversaire de la proclamation de la République. Mais, comme avec

⁸⁵ Também a 15 de novembro, *La Réforme* dedica o seu breve editorial unicamente à crise brasileira.

Balmaceda, il faut remarquer que les dépêches officielles sont les plus sujettes à caution, car le gouvernement du dictateur exerce sur les dépêches une censure sévère.

Mais les dépêches privées parvenues aux États-Unis portent que le mouvement de résistance se généralise, comme il fallait le prévoir, et que les provinces du Nord se soulèvent contre l'usurpateur comme les provinces du Sud.

17. Le Courrier de l'Escault, 18 de novembro

Nota irónica sobre o facto dos telegramas oficiais falarem da tranquilidade geral «na República brasileira» em pleno movimento de revolta no Rio Grande do Sul.

L'insurrection fait de grands progrès dans le Rio-Grande du Brésil; cela n'empêche pas le dictateur da Fonseca de faire télégraphier en Europe que tout est tranquille dans la République brésilienne. Singulière tranquillité, vraiment!

18. La Réforme, 19 de novembro⁸⁶

«Os despachos do Brasil são relativamente confusos», lamenta o jornal. Este afirma que os congressistas estão cada vez mais fortes, mas, ao mesmo tempo, no Rio, continua a vigorar o estado de sítio.

⁸⁶ Brevíssimo editorial que fala praticamente só da crise brasileira.

Les dépêches du Brésil sont assez confuses; d'une part, on signale les succès croissants des congressistes, qui auraient 30,000 hommes armés de bons fusils, quatre canons et une partie au moins de la flottille. Le dictateur aurait déjà commencé à emprunter 13 millions de *milreis* pour la guerre civile.

Enfin une dernière dépêche dit qu'un état de siège rigoureux est maintenu à Rio et que le service postal même est suspendu. Les congressistes ne voulaient nullement suivre l'exemple des insurgés de Buenos Aires et trahir une cause qui paraît devoir être bientôt victorieuse. Une bataille serait imminente.

19. Le Courrier de l'Escault, 20 de novembro

Com a oposição nas províncias e, nomeadamente, no Rio Grande do Sul, o marechal «com o seu golpe de Estado não ganhou nada, só inquietações e perigos»

La situation devient menaçante au Brésil, et l'insurrection prend chaque jour de l'extension. On a de mauvaises nouvelles de San-Paulo [sic !], et, d'autre part, une dépêche annonce que les insurgés ont fortifié la ville de Rio-Grande. Vraiment, da Fonseca n'aura rien retiré de son coup d'État qu'inquiétudes et dangers.

20. L'Indépendance Belge, 20 de novembro.⁸⁷

Os despachos que chegam do Chile e da Argentina, tal como os telegramas oficiais, não permitem aos jornalistas europeus saber exatamente o que se passa no Brasil, lamenta o editorialista belga, segundo o qual é preciso esperar o desfecho dos acontecimentos para, talvez, saber a verdade. O que é certo é que «a situação é muito complicada» e grave.

Il ne peut plus, pensons-nous, y avoir de doute sur la gravité des événements qui s'accomplissent au Brésil. Les dépêches arrivant par voie de Santiago et de Buenos-Aires exagèrent peut-être l'étendue de l'insurrection que se poursuit dans la province de Rio-Grande do Sul et l'effervescence qui se manifeste dans les provinces du Nord, notamment à San-Paulo [sic]. Mais, en dépit de toutes ces réticences, le gouvernement de M. da Fonseca lui-même est obligé d'avouer qu'une situation insolite existe dans la province de Rio-Grande ; il envoie des forces sur plusieurs points, soit pour empêcher tout soulèvement contre la dictature, soit pour réprimer les explosions qui se sont déjà produites. Voilà ce que les nouvelles directes laissent transpirer, encore qu'elles soient soumises à une rigoureuse censure et que nous ne sachions que tout juste ce que les autorités de Rio veulent bien nous laisser savoir. On peut juger de ce qui se passe réellement par le peu qu'on nous permet d'en deviner. Il nous est impossible, naturellement, de démêler au milieu de violentes contradictions que présentent les dépêches, si les révoltés de Rio-Grande et les mécontents des autres provinces sont, comme on le prétend à Rio, des monarchistes

⁸⁷ No editorial desta sexta-feira dia 20 de novembro, a última parte é consagrada ao Brasil.

intrigant pour renverser la République, ou se séparer d'elle, des républicains luttant contre les graves abus de pouvoir commis par le dictateur. De même que lors de la révolution du Chili, présentée au début de façons si diverses, on ne connaîtra l'absolue vérité qu'un peu plus tard, lorsque l'un ou l'autre des partis en présence commencera à avoir le dessus. Mais, en attendant, il est certain que la situation est très compliquée, très tendue, et les soins qu'on prend à Rio pour en dissimuler les détails ne peuvent qu'accroître et que justifier les anxiétés qu'elle suscite.

Capítulo 4

A Queda de Deodoro na imprensa francesa

1. «La question brésilienne», Le Siècle, 23 de novembro⁸⁸

O autor quer explicar as causas profundas da crise atual e começa por narrar a história do Brasil a partir da tomada de poder do último imperador, cuja política foi «inconstitucional», «pessoal», sem grande visões a longo prazo. Além disso, D. Pedro queria controlar tudo, exercendo, na prática, um «poder ditatorial».

«Três coisas» tinham abalado o trono: o descontentamento das Forças Armadas, a impopularidade de D. Isabel e a abolição da escravatura, além da propaganda do partido republicano, realça o autor. Por conseguinte, a 15 de novembro de 1889, não havia ninguém para defender o regime.

No entanto, com a República, não ocorreram as mudanças desejadas, também porque se quis copiar a constituição dos Estados Unidos: o poder pessoal está agora nas mãos de Deodoro, não houve uma separação entre os verdadeiros republicanos e os que aderiram por conveniência à República, a corrupção e o nepotismo continuam a fazer parte da vida política.

Com o governo do barão de Lucena, a situação piorou ainda, devido à «insuficiência do primeiro ministro, agravada pela inconsciência do presidente», para não falar da desastrosa política financeira. Por conseguinte, surgiu o violento conflito entre o executivo e o Congresso que levou ao golpe do marechal.

No fim do longo artigo, o jornalista parisiense espera que a partir do Rio Grande do Sul possa começar uma revolta dos «defensores da legalidade contra a ditadura». Desejando que «o triunfo dos patriotas do Rio Grande seja tão deslumbrante como o dos congressistas chilenos», dá um conselho à oposição brasileira: «tem de pensar em criar na Europa um agente acreditado junto dos governos para que possa ter a autoridade de os defender contra as intrigas da diplomacia do ditador».

⁸⁸ Este longo artigo ocupa quase a metade de toda a primeira página.

L'opinion européenne s'est émue avec raison des événements qui se déroulent en ce moment au Brésil. En outre des intérêts engagés par les rapports financiers et commerciaux qui sont établis depuis longtemps déjà entre les places d'Europe et les principales villes de ce vaste pays, c'est toujours avec un sentiment pénible que l'on voit un peuple qui avait atteint un haut degré de liberté publique, replongé tout à coup dans une dictature arbitraire, et quelle dictature, la pire des dictatures, la dictature militaire. Rien n'a égalé d'ailleurs la surprise de l'Europe en apprenant le coup d'État du maréchal da Fonseca, si ce n'est celle qu'elle a éprouvé quand le télégraphe lui annonça le renversement du trône impérial. Cela tient à ce qu'en général, sauf dans un cercle très limité de personnes s'occupant assidûment de politique internationale, on ne connaissait pas assez la situation brésilienne avant comme après la révolution du 15 novembre 1889.

Il nous a donc paru utile d'en faire ici une exposition complète, quoique aussi succincte que possible.

Les peuples tendent toujours dans leur évolution politique vers les formes supérieures de l'organisation sociale, à moins qu'ils ne soient frappés d'une de ces déchéances profondes qui arrêtent tout progrès. C'est là une vérité que personne ne conteste plus depuis que le génie d'Auguste Comte assigna à la sociologie des lois aussi fatales que celle de la physique moléculaire ou du système solaire. Aussi est-ce presque affirmer un axiome que de dire d'un peuple qu'il aspirait vers la forme républicaine sous la monarchie. Quand même des faits positifs ne l'auraient pas démontré, la seule marche du progrès

latent qui s'accomplit incessamment au sein de la société suffirait à l'affirmer. Mais au Brésil ce travail intime s'est révélé plus d'une fois depuis les temps coloniaux par des révolutions dont le but n'a pas pu être dissimulé par les historiens monarchistes qui en ont fait le récit. L'aspiration s'y est affirmée plus d'une fois par des conspirations, par des révolutions dont le souvenir est resté vivant dans le cœur des populations.

En vérité, la monarchie s'est établie dans ce pays en vertu de circonstances fortuites en tant qu'étrangères à son évolution propre. Tout le monde sait comment la famille Bragance fuyant devant les armées de Junot qui envahissaient le Portugal, vint s'établir à Rio-de-Janeiro et y créer un nouvel empire. Tout le monde sait encore comment quelques patriotes crurent pouvoir se servir de l'ambition d'un prince pour réaliser l'indépendance plus sûrement et plus rapidement.

Quoi qu'il en soit, la monarchie eut à lutter avec le sentiment républicain, et bientôt le premier empereur, sous la pression des émeutes d'avril 1831, après avoir abdiqué en faveur de son fils, se voyait obligé de prendre le chemin de l'exil. On peut affirmer même que la république aurait été établie dès cette époque si déjà il ne s'était trouvé un général pour la trahir.

Nous n'avons évidemment à faire ici l'histoire de l'établissement de l'empire brésilien, mais il était indispensable de rappeler les origines de l'institution pour montrer combien peu elle avait de racines dans le pays. Ceci une fois bien connu, l'évolution ultérieure du Brésil se trouve éclairée d'une intense lumière.

Le second règne, comme disent les Brésiliens, ne commence en réalité qu'au moment où le jeune empereur qui était à peine âgé de cinq ans quand son père avait dû quitter le Brésil, put prendre en mains le gouvernement de la nation.

La politique impériale s'est montrée de suite telle qu'elle devait toujours être; politique inconstitutionnelle, politique personnelle, politique au jour le jour, sans une seule pensée généreuse et vraiment grande.

Au lieu de s'enfermer dans les modestes attributions d'un souverain constitutionnel, dom Pedro se croyant encyclopédique, se mêlait de tout, examinait toutes les affaires, décidait de toutes choses, gênait tout le monde. Presque tous ceux qui ont été appelés à un moment donné aux conseils de la couronne ont dénoncé en maintes occasions publiquement le pouvoir personnel et inconstitutionnel que l'empereur entendait exercer et contre lequel venaient se briser toutes les volontés et toutes les initiatives. M. Silveira Lobo disait un jour en plein Sénat : «Seuls les domestiques du régime et les sots méconnaissent l'existence du pouvoir dictatorial.» MM. Saraiva, Cotegipe, Paulinho de Sousa et d'autres encore parmi ceux-là même que Dom Pedro avait élevés et dont il avait fait ses ministres ne lui épargnaient pas le blâme.

Les deux partis conservateur et libéral dans lesquels s'étaient rangés les hommes politiques de la monarchie furent tour à tour appelés au pouvoir, suivant le caprice de l'empereur, qui congédiait les premiers pour prendre les seconds, ou réciproquement, sans se préoccuper des indications parlementaires, sans tenir compte des vœux de l'opinion. Le monarque ne

disposait-il pas de la dissolution et ne savait-il pas que le ministère gagnait toujours les élections? À ce jeu de bascule les partis étaient devenus des syndicats d'intérêts qui ne représentaient plus des écoles rivales, des principes politiques opposés correspondant aux aspirations autonomiques d'ordre et de progrès que leurs noms semblaient indiquer si bien que tel homme politique du parti conservateur se trouvait défendre souvent les causes les plus libérales, et tel libéral soutenait les principes les plus arriérés.

C'est un ministre conservateur qui contresigna la loi de l'abolition immédiate et inconditionnelle de l'esclavage alors que des ministres du parti libéral n'avaient pas osé aller au-delà de l'affranchissement progressif. On a vu un député conservateur, et un curé, terminer un discours prononcé au sein du Parlement par le cri de vive la République! et ce jour-là, dit-on, toute une grosse fraction du parti était disposée à pousser le même cri.

Le désarroi était donc complet, l'anarchie politique existait sous les apparences de l'ordre et de la stabilité.

Trois choses surtout avaient ébranlé les faibles assises du trône impérial : l'impopularité de la princesse héritière, l'abolition de l'esclavage et le mécontentement de l'armée.

L'impopularité de la princesse royale, née de sa bigoterie excessive, de son mariage avec un prince de la famille d'Orléans et de mille petites choses encore, avait refroidi le zèle de beaucoup de monarchistes eux-mêmes à un tel point que certains songèrent à mettre en avant l'idée de l'avènement d'un des jeunes princes de la famille impériale pour sauver les institutions.

L'abolition décrétée à la suite d'un mouvement d'opinion qui avait passionné le pays laissait après elle le mécontentement des planteurs lésés dans leurs intérêts matériels et l'exemple de ce que pouvait une campagne populaire. La monarchie avait trop tardé à faire l'abolition. L'agitation créée par la propagande des abolitionnistes avait trop duré pour pouvoir cesser tout à coup.

Le mécontentement de l'armée provoqué par les mesures arbitraires dont elle avait été souvent victime dans la personne de ses chefs les plus estimés et surtout les tracasseries dont elle avait été l'objet de la part du dernier président du conseil, devait avoir fatalement pour conséquence de faire naître parmi ceux là même qui auraient dû être les défenseurs du trône une grande désaffection de la monarchie.

Sans racines dans le pays, ne pouvant pas compter sur la confiance des hommes politiques, ayant contre celle l'antipathie populaire, l'irritation des classes agricoles et l'hostilité de l'armée, la monarchie se trouvait à la merci de la première commotion.

D'autant plus que depuis 1870 la propagande républicaine avait été poursuivie dans la presse par des écrivains de grand talent comme Quintino Bocaiuva, Ferreira de Araujo, José do Patrocinio, Deodoro da Fonseca, Rangel, Pestana, Sampaio Ferraz, Anibal Falcao et tant d'autres, sans parler de la

campagne de meetings et de conférences populaires de Silva Jardim qui restera comme un exemple de ce que peut un grand cœur au service d'une noble cause.

Habile autant que hardie, cette propagande avait su s'emparer de l'agitation abolitionniste, la prolonger au-delà de son but primitif et la détourner à son profit; elle avait aussi insufflé, chose plus dangereuse, mais peut-être indispensable, l'indiscipline dans l'armée, plaidant la cause des militaires insubordonnés, comme celle des victimes de l'arbitraire ministériel.

Voilà pourquoi il a suffi d'un homme jouissant d'assez de prestige dans l'armée pour entraîner supérieurs et inférieurs, possédant assez de sens politique pour associer au mouvement les chefs civils du parti républicain, ayant assez de prudence et de fermeté pour combiner, conduire, diriger et mener à bonne fin une conspiration pour que le trône fût renversé.

Si Benjamin Constant a pu faire la révolution pacifique du 15 novembre, c'est qu'en face de ceux qui assiégeaient la monarchie, il n'y avait plus rien.

Est-il besoin après cela de dire que toute restauration est impossible au Brésil? Elle ne pourrait être faite évidemment que par un coup d'État. Est-ce là le but de celui dont le maréchal da Fonseca vient de prendre la triste responsabilité devant le monde et devant l'histoire? Lui-même ne le sait peut-être pas à l'heure qu'il est.

Mais poursuivons.

Au lendemain de la proclamation de la République le maréchal Deodoro da Fonseca se trouva investi de la présidence. Il était fatal que cette haute fonction fût dévolue à un militaire étant données les conditions dans lesquelles s'est accomplie la révolution du 15 novembre. Seulement on pouvait espérer que celui qui en avait été investi aurait assez de patriotisme pour résigner ses fonctions dès que le congrès constituant aurait voté la nouvelle loi fondamentale des États-Unis du Brésil.

Il n'en a rien été. La maréchal da Fonseca fut candidat à la présidence légale et il fut élu à une faible majorité contre M. Prudente de Morais, candidat républicain.

Peu de temps avant, le ministère qui composait le gouvernement provisoire s'étant trouvé encore une fois en désaccord avec le maréchal da Fonseca et estimant qu'il n'y avait plus les mêmes inconvénients à rendre publique cette divergence, lui avait remis sa démission collective.

Un ministère dont M. le baron de Lucena a été l'organisateur en sa qualité d'ami personnel du maréchal prit en mains les affaires. Pas un nom connu du pays n'y figurait; un seul républicain en fait partie, M. Chermont, ancien attaché de la légation impériale du Brésil à Washington.

Les hommes éminents des anciens partis qui avaient adhéré à la République et les membres du parti républicain ne furent pas invités à en faire partie ou invités refusèrent en termes particulièrement significatifs, comme M. Assis Brasil. Le ministère Lucena a donc été organisé avec les pires

éléments des anciens partis, c'est un ministère d'*adhérents* comme on dit au Brésil.

Dès le lendemain de la proclamation de la République, il était facile de prévoir ce qui est arrivé. Triomphant sans réticences, la révolution se trouva débordée par la marée montante des appétits par ceux qui ayant toujours eu les positions et les sinécures, les emplois bien rétribués et la haute main dans les affaires, s'empressèrent d'adhérer à la République pour les conserver.

Les anciens partis, en effet, ne tenaient pas à la monarchie, nous l'avons vu, du moment qu'il n'y avait pas eu lutte, ils n'avaient pas à opter entre le maître de la veille et le triomphateur du jour; aucun classement n'a donc été possible; les chefs eux-mêmes crurent habile et patriotique d'adhérer. En un mot, la République sortait de l'anarchie qui caractérisait la fin de l'Empire et la dictature militaire par ses fautes allait aggraver dans des proportions inouïes, sans que les hommes éclairés comme MM. Benjamin Constant, Quintino Bocaiuva, Demetrio Ribeiro, qui faisaient partie du gouvernement provisoire, aient pu l'empêcher.

Au lieu que la haute direction du gouvernement incombât à M. Quintino Bocaiuva qui, comme chef élu du parti républicain, avait plus que tout autre qualité pour parler au nom de ce parti, ou à M. Benjamin Constant qui, ayant été le véritable organisateur du mouvement, pouvait seul prétendre à en diriger la politique, si même l'on voulait qu'un militaire restât le maître de la situation pour donner satisfaction à l'armée, on inventa la théorie d'après laquelle M. Deodoro da Fonseca était, comme président, seul responsable devant le

pays, d'après une formule empruntée à la Constitution des États-Unis de l'Amérique du Nord.

Cet engouement pour tout ce qui porte le cachet nord-américain devait conduire à des conséquences plus graves encore en faisant adopter une constitution absolument impraticable pour un peuple de race latine, chez lequel le sentiment civique est heureusement trop développé pour que les citoyens renoncent à toute action de contrôle sur les actes du pouvoir et se passent d'avoir au moins l'illusion qu'ils peuvent renverser de temps à autre un petit ministère, histoire de le rappeler au sentiment des convenances.

Les républicains qui pendant l'empire avaient crié contre le pouvoir personnel du monarque se semblent pas s'être aperçus qu'ils créaient un pouvoir personnel, plus dangereux parce qu'il était revêtu des apparences de la légalité, en donnant au président la faculté de choisir ses ministres comme bon lui semblerait, sans tenir compte en aucune façon de l'avis des Chambres. Ils devaient bientôt en faire la triste expérience.

Le nouveau ministère une fois au pouvoir, la réaction commença aussitôt, violente, effrénée, contre tous ceux qui étaient suspects de ne pas professer une suffisante admiration pour le maréchal et son ami le baron. Ce fut un 16 mai avec l'incapacité et la prévarication par dessus le marché. L'insuffisance du premier ministre aggravée de l'inconscience du président s'étala imperturbablement, compromettant le crédit du pays à l'intérieur et à l'étranger malgré une situation qui eût été foncièrement bonne, n'était le peu de confiance que pouvait inspirer la gestion financière d'un tel gouvernement.

En vain, le congrès essaya de ramener le ministère à une politique plus sage, à des formes d'administration moins fantaisistes; armé du veto présidentiel, le baron de Lucena se croit au-dessus de la Constitution, au-dessus du pays lui-même, qui souffrait dans ses éléments de vie les plus fondamentaux par la gêne apportée au commerce en raison de la baisse du change, en raison de la cherté des prix, qui en résultait, menaçant les riches, et jetant les classes travailleuses dans la misère.

Dès lors, le conflit était ouvert et l'on pouvait prévoir que le maréchal en viendrait tôt ou tard au coup d'État et que le pays se verrait dans l'obligation de faire une révolution comme au Chili, pour défendre les droits politiques dont on voulait le déposséder pour secouer le joug de ceux qui menaçaient de le ruiner si l'on ne mettait un terme à leurs tripotages.

On pouvait même s'attendre à voir éclater tout d'abord la résistance dans cette province de Rio-Grande du Sud qui a toujours été le boulevard de la liberté. Par sa proximité de la frontière, par les luttes qu'elle a eues à soutenir, par ses traditions, par sa prospérité, par le genre même de vie de ses habitants, par ses conditions topographiques qui la rendent presque inexpugnable, elle était tout naturellement désignée pour servir de quartier-général aux défenseurs de la légalité contre la dictature.

Elle n'a pas failli à sa mission. On en a aujourd'hui la certitude.

De longue date, des patriotes s'y étaient préparés à toute éventualité, de telle façon qu'aussitôt le coup d'État commis, la résistance a pu être organisée.

C'est ce qui avait fait croire d'abord à un soulèvement séparatiste qui n'a jamais été dans la pensée des chefs du mouvement nationaliste actuel.

Une junte a été organisée qui tient sous ses ordres plusieurs régiments d'infanterie, de cavalerie et d'artillerie, en outre des volontaires qui ont constitué le premier noyau de légalistes. On se trouve en présence, en effet, d'un mouvement populaire auquel les troupes ont adhéré. Cette junte vient d'envoyer aux autres États une circulaire pour les inviter à joindre leurs efforts au sien dans le but de renverser l'aventurier qui détient les pouvoirs publics et de mettre à sa place un gouvernement légalement élu, constitutionnel et non militaire.

Nos sympathies sont et ne peuvent être en France qu'avec les représentants des principes républicains contre les fauteurs de coups d'État. Nous souhaitons vivement que le triomphe des patriotes de Rio-Grande soit aussi éclatant que celui des congressistes chiliens.

Jusqu'ici, ils ont fait preuve d'une fermeté et d'un tact qui nous permettent de bien augurer de l'issue de leur noble entreprise. Qu'ils nous permettent cependant de leur donner, en terminant, un conseil. Il est indispensable qu'ils songent au plus tôt à créer en Europe un agent accrédité auprès des gouvernements qui puisse prendre avec autorité leur défense contre les intrigues de la diplomatie du dictateur. Le succès de leurs émules au Chili a été dû, en grande partie, à ce qu'ils ont eu dans MM. Ross et Matté, à Paris, des représentants dévoués et actifs qui ont facilement paralysé l'action du ministre de M. Balmaceda.

Il y a eu à Paris un républicain connu et estimé qui a déjà rendu, officieusement, les plus grands services à leur cause; qu'ils s'empressent de lui confier officiellement la mission de porter la parole en leur nom, et nous croyons pouvoir leur assurer le succès.

2. Journal des Débats, 24 de novembro⁸⁹

O jornalista, contrariamente à maioria dos seus colegas, não estava à espera da demissão do antigo presidente que, perante a oposição da população do Rio, da marinha, e das «províncias mais influentes», decidiu resignar.

Le maréchal Deodoro da Fonseca vient de donner sa démission de Président de la République du Brésil. Cette nouvelle est singulièrement inattendue et l'on n'imaginait guère que le dictateur dût se démettre si tôt du pouvoir : hier encore, il publiait un décret fixant les élections pour le Parlement brésilien au 29 février, et la réunion du Congrès au 3 mai, et annonçait que les attributions du pouvoir exécutif seraient accrues et le droit de veto du Président étendu, tandis que les prérogatives du Congrès devaient être diminuées. Tout cela ne marquait pas trop l'intention de se retirer; mais il semble, autant les événements nous sont connus, que cette sorte de nouveau coup d'État ait eu enfin raison de la longue patience des Brésiliens, la

⁸⁹ A 24 de novembro, o editorial de uma coluna do *Journal des Débats* comenta dois temas: a queda de Deodoro no Brasil e a crise ministerial em Espanha.

population de Rio-de-Janeiro aurait manifesté des intentions de révolte, les officiers de marine se seraient prononcés contre le dictateur, bref, celui-ci, ayant contre lui et la capitale et les provinces les plus influentes, s'est décidé à la retraite. Il fait publier un Manifeste par lequel il déclare que, pour éviter la guerre civile, il remet le pouvoir au général Floriano Peixoto, vice-Président de la République. On annonce enfin que la populace a saccagé les bureaux de deux journaux gouvernementaux.

3. *Le Temps*, 25 de novembro⁹⁰

Deodoro caiu graças à intervenção da marinha, insatisfeita com as vantagens que tinha o exército, mas também porque ninguém o defendeu. Na população, formou-se «uma coligação de descontentes» com os métodos usados pelo «marechal-presidente»: um «nepotismo absolutamente escandaloso», a péssima gestão financeira, uma «especulação desenfreada», realça o analista francês. Esta coligação é heterogénea, mas suficientemente forte para dissuadir qualquer veleidade de resistência por parte da «camarilha» do antigo chefe de Estado.

La révolution qui couvait sous les cendres au Brésil, et sur la préparation de laquelle la correspondance de Rio-Janeiro que *Le Temps* publiait hier donnait des détails si intéressants et si topiques, a fini par éclater. Deux ans et huit jours après la date du *pronunciamiento* militaire qui renversait la monarchie de dom Pedro et expulsait la dynastie de Bragance, un mouvement insurrectionnel a mis fin à la dictature du maréchal Fonseca.

⁹⁰ Todo este editorial de uma coluna fala da queda de Deodoro.

Ce régime a vécu sans gloire : il tombe sans honneur. Ce n'est même pas une protestation civique qui rend à la vie privée le président de la soi-disant république du Brésil. Il semblerait qu'il s'agît avant tout d'une revanche de l'une des branches de la force armée sur l'autre. La marine trouvait apparemment avec quelque raison que l'armée de terre jouissait d'une insolente supériorité dans la distribution des avantages issus d'une révolution militaire à laquelle, après tout, la première avait pris sa part tout comme la seconde.

Sans doute, cette irritation naturelle plutôt que légitime n'aurait trouvé à se satisfaire aussi aisément sans l'existence d'un mécontentement aussi profond que général dans les rangs de la population civile. Il a fallu que le maréchal-président violât les libertés dont l'établissement ou la consolidation avait été le prétexte de la révolution du 15 novembre 1889, qu'il compromît l'unité nationale, qu'il pratiquât avec une désinvolture tout argentine un système de gestion financière qui met en péril le crédit même du Brésil, qu'il laissât s'implanter dans son entourage immédiat des habitudes de népotisme qui eussent scandalisé l'Œil-de-Bœuf lui-même — il a fallu tout cela pour que la flotte trouvât l'occasion de braquer ses canons sur Rio-Janeiro, de débarquer ses équipages et de provoquer dans les rues de la capitale une insurrection victorieuse.

La lutte ne paraît avoir été ni vive ni longue. Le fameux cercle du *Gremio Militar*, qui devait servir de cadres à une sorte de garde prétorienne du président, ne semble pas avoir jeté dans la balance avec beaucoup d'ardeur le poids de ses épées. Même c'est son chef, le vice-président de la République, le

général Floriano Peixoto, qui a été appelé à succéder au maréchal da Fonseca. Cette circonstance, qui a dû singulièrement faciliter la révolution du 23 novembre, puisqu'elle laisse supposer une entente préalable avec des membres influents de l'état-major présidentiel, fait planer de grandes incertitudes sur le caractère réel du mouvement qui vient de triompher.

Si la marine seule avait agi, les opinions connues de certains de ses chefs, particulièrement du commodore Saldanha da Gama, donnerait à supposer que des arrière-pensées de restauration monarchique pourraient bien n'être pas tout à fait étrangères à cette entreprise. Sans doute, il faudrait toujours tenir compte que l'opposition au régime du maréchal da Fonseca comptait dans ses rangs, non seulement des monarchistes avérés, mais aussi des libéraux soi-disant ralliés du vicomte d'Ouro-Preto et même des républicains professants, voire des hommes politiques compromis dans la révolution du 15 novembre 1889. C'est même ce caractère composite, presque hétérogène de cette armée qui donne sa signification et toute sa portée à la bataille victorieuse qu'elle vient de livrer, surtout si l'on ne perd pas de vue les tendances dissolvantes qui se sont fait jour dans certaines provinces de la République sous l'action délétère du gouvernement Fonseca.

Pour le moment, tout ce que l'on peut dire avec quelque assurance, c'est que la dictature militaire, surtout mise au service d'une spéculation effrénée, a provoqué dans le Brésil une coalition de mécontentements dont tous les éléments n'ont certes pas la même valeur, mais qui n'en semble pas moins trop forte pour que la coterie ait pu lui opposer une résistance efficace ou puisse

espérer prendre sa revanche sur elle. Quant à l'avenir ou même quant à ce qui touche aux conceptions d'avenir que se forment les vainqueurs du jour, il vaut mieux confesser franchement qu'à cette distance des hommes et des événements il est difficile de s'en faire une idée nette.

Que sortira-t-il de ces convulsions ? Le gouvernement futur sera-t-il *Dieu, table ou cuvette ?* Sera-ce la monarchie ou la République, l'une ou l'autre sous la forme unitaire ou sous la forme fédérative, qui l'emportera ? L'unité nationale résistera-t-elle aux tendances centrifuges des provinces ou y succombera-t-elle ?

Chi lo sa? pas même probablement les auteurs de la dernière révolution brésilienne

4. «La contre-révolution au Brésil», Le Gaulois, 25 de novembro

Depois de ter apresentado Floriano Peixoto e Prudente Morais, dois «candidatos» a um eleição que, apesar da Constituição, nunca se chegará a realizar, o jornal monárquico francês constata que a «população tem saudade do Império, cujo regresso parece-lhe a única maneira de evitar a desagregação das várias províncias do Brasil».

La contre-révolution qui vient de renverser le général Deodoro da Fonseca va-t-elle clore, au Brésil, l'ère des *pronunciamientos?* On peut en douter.

La crise, d'ailleurs, n'est pas terminée, car le général Floriano Peixoto ne peut conserver le pouvoir que lui a transmis le général da Fonseca.

En effet, d'après la nouvelle Constitution qui régit le Brésil, le vice-président ne devient *ipso facto* président, que si celui-ci l'a cessé de l'être, par une raison quelconque, deux ans après sa nomination. Or, il n'y a pas un an que le maréchal da Fonseca a été nommé président.

Une élection présidentielle est donc indispensable.

Il est deux hommes qui vont se présenter aux suffrages des électeurs brésiliens avec des chances égales: le vice-président actuel, M. Floriano Peixoto, et M. Prudente Morais.

Sur le général Peixoto, les renseignements sont absolument contradictoires.

Des dépêches de Rio-Janeiro le représentent comme un des officiers les plus distingués de l'armée brésilienne, capable, instruit, sérieux et respecté, s'étant toujours tenu éloigné des coteries politiques, et ne devant qu'à son propre mérite la haute position qu'il occupe.

D'autre part, de hautes personnalités de la colonie brésilienne à Paris nous ont parlé du même général comme d'un militaire sans valeur, sans passé, sans prestige; manquant d'autorité, de crânerie et même de bravoure; elles ajoutent que, adjudant général de l'armée lors de la révolution qui renversa l'Empire, il fut un des premiers metteurs en scène de cette révolution.

M. Prudente de Morais, député républicain sous l'Empire, a été nommé, pendant la dictature du général da Fonseca, gouverneur de la province de Saint-Paul.

Président du Congrès, lors du vote de la Constitution, il a eu, bien qu'il ne fût pas candidat à la présidence de la république, presque autant de voix que le général da Fonseca.

Du général Peixoto ou de M. Morais, il est difficile de dire qui l'emportera, aujourd'hui que l'élection appartient au suffrage universel et que la nation est profondément écœurée de tous ces bouleversements qui l'appauvrissent et l'oppriment.

Aussi la population regrette-t-elle l'Empire, dont le retour lui apparaît comme le seul moyen d'empêcher la désagrégation des différentes provinces du Brésil.

L'empereur D. Pedro se porte aujourd'hui à merveille ; il assistait, il y a deux jours, à la séance de l'Institut, et se promenait hier à Saint-Cloud.

Nul doute que, si on le rappelait, il ne se fît un devoir d'assumer à nouveau, dans des circonstances difficiles, les charges du pouvoir.

5. Commines, «Choses d'Outre-Mer», *Le XIX^e Siècle*, 26 de novembro⁹¹

Deodoro caiu com a mesma facilidade com a qual chegou ao poder. O autor lamenta que o Brasil tenha «imediatamente e com naturalidade adotado os maus hábitos das outras repúblicas sul-americanas».

Contrariamente ao outros países do subcontinente, no Brasil o papel dos imigrantes não parece tão marginal, afirma o autor que se interroga — embora admita que se desconhece na Europa a realidade da situação por falta de informações fidedignas — sobre as possibilidades da colónia alemã no Rio Grande do Sul proclamar ou não a independência.

No fim, nota «dois sintomas poucos tranquilizadores»: «a facilidade com a qual os governos nascem e morrem no meio de uma população dócil»; a grande importância que «as questões financeiras tiveram nessa crise». Com efeito, este golpe de Estado foi encarado pela opinião pública como um meio para «favorecer ou garantir a emissão de notas de banco».

Il y a deux ans que les Brésiliens se sont mis en République, ou plutôt qu'on les y a mis. Le maréchal da Fonseca a renversé la monarchie, comme on fait tomber un fruit mûr en secouant l'arbre, sans grande peine et sans grand péril. Puis, avec une sage lenteur, il a fait élire une Constituante dont l'œuvre n'a subsisté que quelques mois. Comme il ne pouvait pas s'entendre avec le pouvoir législatif, il a eu recours au coup d'État et s'est emparé de la dictature. Aux dernières nouvelles, il vient d'être renversé à son tour par une révolution où la marine paraît avoir joué un rôle prépondérant. La part que le peuple a prise à ses événements semble bien insignifiante. Son plus éclatant exploit

⁹¹ É o editorial desse dia que ocupa uma coluna e meia.

avait consisté à saccager les bureaux de deux journaux qui soutenaient le dictateur. Comme celui-ci avait supprimé les feuilles d'opposition, la liberté de la presse se trouve ainsi vengée. Beaucoup de libéraux jugeront sans doute qu'un principe ainsi vengé ne s'en porte pas mieux.

Le télégraphe nous apprend que les habitants de Rio-de-Janeiro se réjouissent cordialement de la chute de Fonseca, comme il nous apprenait naguère que le coup d'État rencontrait une approbation générale. Attendons, pour savoir la vérité, des renseignements sur lesquels le gouvernement du jour n'exerce pas un contrôle aussi absolu que sur les dépêches. Il est probable que les Brésiliens se sentent plus à l'aise que sous le sabre du dictateur. Ont-ils le droit d'être fiers de ce dénouement, si tant est que ce soit un dénouement ? Il est beau de reconquérir la liberté perdue, mais il eût été plus glorieux de ne pas la perdre si facilement. Toute cette histoire manque de barricades, du moins à notre gré. L'humanité y trouve son compte et les philanthropes loueront cette façon expéditive et anodine d'opérer des révolutions. Pour nous, nous sommes tentés d'appliquer au Brésil ce que Tocqueville disait de nous avec une sévérité excessive : «Dans ce pays, les gouvernements s'élèvent parce que rien ne leur résiste et tombent parce que rien ne les soutient.» Ou bien, nous dirons plus simplement que les peuples apprécient mal ce qui leur coûte si peu.

Depuis quelques années, l'Amérique latine, qu'on s'était un peu hâté de croire arrivée à l'âge viril, recommence à faire parler d'elle, et d'une façon peu flatteuse. En entrant dans le cœur de ces jeunes républiques, le Brésil a adopté sur-le-champ et sans effort leurs plus fâcheuses traditions. Il a eu tout de suite

une Constitution éphémère et un dictateur à plumet; il ne lui a manqué que la guerre civile et la sécession. Encore allait-il faire connaissance avec ces deux fléaux, et il n'est pas sûr qu'il y ait définitivement échappé.

Il y a, en effet, bien des chances que les provinces se lassent de recevoir de la capitale des gouvernements tous faits. Quand les révolutions sont à si bon marché, on ne voit pas pourquoi une seule ville en aurait le monopole. Il se trouvera hors de Rio des généraux qui se sentiront l'étoffe d'un dictateur et qui rêveront de goûter à leur tour des douceurs du pouvoir absolu. Il est heureux pour le Brésil que Fonseca soit tombé si vite; son exemple aurait été contagieux. Encore se demande-t-on si cette prompte chute va être immédiatement suivie de la restauration des lois, si c'est la fin du désordre ou le commencement d'une nouvelle période de convulsions.

Dans les républiques espagnoles, les immigrants européens n'exercent qu'une influence restreinte sur les fluctuations de la politique. Ils pourront jouer au Brésil un rôle moins effacé, parce qu'ils y sont groupés en masses assez compactes. Il y a de véritables colonies, et surtout des colonies allemandes, qui seront tentées de s'assurer une existence quasi indépendante pour conserver leur langue, leurs mœurs et leur caractère. Quand on apprit que le Rio-Grande du Sud s'était soulevé, on s'était demandé si l'on n'allait pas assister à la naissance d'une république germanique dans le Nouveau-Monde. C'eût été un fait intéressant et instructif, surtout au point de vue de l'ethnographie. Il est presque inutile d'ajouter que dans aucun cas les États-Unis, fidèles à la doctrine Monroe, n'auraient permis à l'empire allemand

de prendre sous sa protection une portion quelconque du territoire américain. Si les descendants d'Arminus⁹² parviennent à s'assurer une existence séparée à l'ouest de l'Atlantique, ce ne sera ni comme sujets ni comme vassaux de Hohenzollern

Nous ne savons si les habitants du Rio-Grande poseront les armes en apprenant la chute du dictateur, ou si, une fois entrés dans le chemin qui mène à l'indépendance, ils voudront pousser jusqu'au bout. Toute prédiction serait téméraire au sujet d'un pays qui a été presque séquestré pendant quelques semaines et dont la situation actuelle est si mal connue. Car nous ne savons pas jusqu'à quel point la révolution qui vient de s'accomplir est un retour à l'ordre légal; peut-être n'est-ce qu'un coup d'État de plus.

Nous ne pouvons que noter deux symptômes qui n'ont rien de bien rassurant pour l'avenir du Brésil, du moins pour son prochain avenir. L'un, c'est la facilité avec laquelle les gouvernements naissent et meurent au milieu d'une population docile. L'autre, c'est l'importance de la place que les questions financières ont tenue dans cette crise. Le différend entre le maréchal et le Congrès portait principalement sur les affaires de la banque, et le coup d'État a passé pour être inspiré par le désir de favoriser ou de garantir des émissions de billets. Autrefois, les chefs de parti se disputaient surtout le pouvoir ; maintenant, on se dispute encore plus la caisse ou la planche aux assignats. Ce n'est pas un progrès.

⁹² Armínio (Arminus) (17 aC- 21 d.C) é um chefe germano.

6. *Journal des Débats*, 26 de novembro⁹³

Foi «a atitude da marinha» que acabou com a ditadura do marechal, realça o jornal, segundo o qual, abandonando o poder, Deodoro «prestou o maior serviço da sua vida ao país». No entanto, o editorialista não fica muito entusiasmado com o facto do sucessor ser também um militar: mesmo se «os comerciantes do Rio estão particularmente contentes» e se os jornais proibidos por Deodoro voltaram a aparecer, é preciso ter cuidado porque «a era das prescrições ainda não acabou», como o prova a prisão do financeiro Fiqueiredo.

Il semble bien que c'est l'attitude de la marine qui a mis fin à la nouvelle dictature du maréchal da Fonseca. Devant le mécontentement évident de ce corps, qui a toujours eu plus de cohésion et de fermeté que l'armée de terre, et la menace d'une action énergique — on parle même d'une conspiration de quelques amiraux, parmi lesquels l'amiral Vandenkolk, ancien membre du gouvernement provisoire, peu satisfait, sans doute, d'avoir été réduit, après une année de pouvoir, à n'être plus qu'un simple sénateur, et l'amiral Custodio de Melo, qui s'était depuis longtemps mis à la tête des mécontents de l'armée et de la marine, — le dictateur Deodoro, se voyant à la veille d'être bombardé dans Rio-de-Janeiro, a jugé plus prudent de se retirer. C'est sans doute le plus grand service qu'il ait jamais rendu à son pays.

Le vice-Président, général Floriano Peixoto, car ces malheureuses républiques sud-américaines n'échappent à un «général» que pour tomber entre les mains d'un autre, a, semble-t-il, rétabli un régime plus humain. Il vient de

⁹³ Pequeno artigo na 3ª página.

publier un Manifeste dans lequel il déclare la légalité rétablie, la dissolution du Congrès annulé [sic !], l'état de siège levé. Le Congrès est convoqué pour le 18 décembre. En même temps, des renseignements particuliers nous permettent de croire que les journaux suspendus par Deodoro ont recommencé à paraître.

Il ne faudrait pas cependant trop se hâter de se réjouir; l'ère des proscriptions se serait pas close, si l'on en croit une dépêche adressée de Santiago au *Times*, et qui annonce que le comte de Figueiredo, le financier bien connu en Europe, ancien président de la Banque nationale du Brésil, rival de M. Mayrink, aurait été emprisonné à Rio-de-Janeiro. Si cette nouvelle est postérieure à la chute de Deodoro, elle serait de nature à faire croire que le règne du financier Mayrink n'est pas fini.

La démission du maréchal da Fonseca a d'ailleurs été accueillie avec une satisfaction générale. Les commerçants de Rio sont particulièrement heureux de cette solution qui préserve le pays d'une guerre imminente. Le change à Rio est de 12 1/8 et celui de Para de 12 1/2, soit une hausse d'environ 6 % sur les cours les plus bas cotés depuis le jour où le maréchal da Fonseca a proclamé sa dictature.

[...]

7. «La crise brésilienne», *Le Figaro*, 28 de novembro

Na opinião deste amigo de Le Figaro, a causa principal do golpe de Estado de Deodoro foi a «má gestão financeira» do marechal e dos seus ministros. Da Fonseca organizou o golpe para poder ter toda a margem de manobra e, dessa forma, poder emitir as notas que queira, sem ter de passar pelo voto do Parlamento.

O autor é muito otimista e pensa que, a pouco e pouco, com o regresso à normalidade, as cotações dos fundos brasileiros e o câmbio irão subir e recuperar uma grande parte das perdas subidas durante o governo do marechal.

Un de nos amis, M. Wagner, chevalier de la Légion d'honneur, que tous les Brésiliens habitant Paris et que beaucoup de Parisiens connaissent, a bien voulu nous donner quelques notes sur les derniers événements qui se sont passés au Brésil.

«La cause principale du renversement du maréchal da Fonseca est évidemment la propension du président de la nouvelle République à répudier le régime parlementaire et à vouloir imposer au Brésil le régime personnel, en quelque sorte dictatorial.

L'une des causes, et non la moindre de la révolution récente, est la mauvaise gestion financière du président et de ses ministres.

On sait que, au moment de la chute de l'Empire, le billet de banque brésilien était reçu au pair et même faisait prime. Depuis le nouvel état de choses, le change s'était de jour en jour avili ; si bien que le billet de banque, dont le pair unitaire est de 27 deniers, ne valait plus que 12 deniers ; la perte de ce change atteignait plus de 55 %.

Avec les idées de M. Lucena, ministre des finances et de M. Mayrink, gouverneur de la Banque des États-Unis du Brésil, sur la circulation fiduciaire, on pouvait craindre que, l'émission fiduciaire du Brésil augmentant sans cesse, la perte du change ne prît des portions plus considérables, exactement comme dans la République Argentine.

Tout dernièrement, le pouvoir exécutif avait proposé au Conseil d'élever à 600,000 *contos* (1,700 millions de francs environ) l'émission des billets de banque; le Congrès était, au contraire, parfaitement résolu à ne pas autoriser d'émission nouvelle au-dessus du chiffre légal actuel, de plusieurs centaines de millions de francs inférieur.

D'autre part encore, le commerce brésilien se plaignait de l'accaparement par le Trésor de tout l'or brésilien, dont la disette se faisait rudement sentir dans les opérations commerciales avec l'étranger.

Le président de la République et ses ministres, depuis longtemps agacés par les diverses lois votées par le Congrès, malgré le veto présidentiel, et désespérant d'obtenir le vote de la loi relative à l'augmentation de la circulation fiduciaire, tranchèrent la difficulté par le coup d'État du 4 novembre qui dissolvait le Congrès et conférait au maréchal da Fonseca des pouvoirs dictatoriaux.

On connaît les suites de cette mesure, le renversement du président par un nouveau coup d'État pacifique, à la tête duquel s'est placé le corps de la marine, le retour au régime légal, les fonctions de président confiées provisoirement au vice-président de la République, le général Peixoto, et le rappel du Congrès dissous.

Pendant les quelques semaines de la dictature du maréchal da Fonseca, on a pu craindre un mouvement séparatiste, notamment de la province de Rio-Grande-do-Sul. Maintenant que la légalité a de nouveau triomphé, ce mouvement n'a plus aucune raison d'être et n'est plus à appréhender; d'ailleurs, la province de Rio-Grande-do-Sul vient de donner son adhésion au gouvernement du général Peixoto.

Certes, la gestion du maréchal da Fonseca aura causé au Brésil de grandes pertes; mais du moins elles sont actuellement closes; leur chiffre est connu, et la nouvelle République possède assez de richesses naturelles et acquises pour les réparer avec le temps.

Ce sur quoi il faut surtout insister, c'est sur l'esprit d'honnêteté absolue du peuple brésilien. Jamais il n'a été question, jamais il ne sera question pour le Brésil de manquer aux engagements contractés en son nom; du reste, sa dette extérieure est relativement peu considérable et les ressources de l'État sont largement suffisantes pour y faire face, quoi qu'il arrive.

Si les opérations financières, engagées sous la présidence du maréchal da Fonseca, si surtout la perte de change, qui s'en est suivie, ont eu pour conséquence une baisse considérable des fonds Brésiliens, la seule annonce du renversement du dictateur a suffi pour faire remonter à la fois les rentes Brésiliennes et le change.

Évidemment, on ne peut s'attendre à voir les cours des rentes Brésiliennes se relever immédiatement à leur niveau sous l'Empire, mais on doit espérer que la reprise se produira successivement, comme il convient aux fonds d'un État qui se ressaisit.»

Toutefois, il ne faudrait pas, comme le bruit en a couru, qu'un nouveau coup d'État succédât au dernier.

8. *La Liberté*, 28 de novembro

O jornal cita uma mensagem do presidente brasileiro antes do golpe de Estado, na qual propõe aumentar, como medida de represálias, as taxas alfandegárias sobre os produtos franceses. «Eis a justa recompensa pelos adiamentos feitos pelos nossos radicais e pela pressa do nosso governo em reconhecer a nova ordem criada pela revolução de 15 de novembro de 1889», ironiza o quotidiano católico parisiense.

Le dernier acte constitutionnel du président de la République du Brésil, avant son coup d'État, a été un Message demandant des représailles commerciales contre la France et la République Argentine. Voilà ce qui nous concerne :

La France frappe le café brésilien de manière à l'exclure également des marchés français où, comme sur ceux de toute l'Europe, il a toujours été injustement déprécié, car, par l'effet d'une spéculation abusive, on y fait passer comme provenance brésilienne les basses qualités fournies par les autres pays, en même temps que l'on vend sous des noms étrangers les

bonnes qualités provenant du nôtre. L'impôt existant en France grève le café brésilien de plus de 100%, tandis que les tarifs brésiliens sur les articles de production française ne dépassent pas 40%. Après avoir épuisé les moyens de conciliation, qui ailleurs ont une limite tracée par la dignité nationale, il ne nous reste plus qu'à recourir à la modification de notre tarif, en mettant les articles de l'industrie de ces pays dans les mêmes conditions qu'ils ont été créés pour ceux de notre industrie, et dans la proportion des compensations indispensables.

Voilà la juste récompense des avances de nos radicaux et l'empressement de notre gouvernement à reconnaître l'ordre de choses créé par la révolution du 15 novembre 1889.

9. *La Liberté*, 30 de novembro

A única coisa que mudou é o nome do ditador, Peixoto em vez de da Fonseca, ironiza o jornal. Quanto ao Parlamento não vai poder restaurar ninguém, porque não há nenhum membro da família de D. Pedro que queira meter-se em «aventuras exóticas e equatoriais».

Jusqu'à présent, le Brésil ne semble pas avoir beaucoup gagné au change. Le dictateur s'appelle Peixoto au lieu de da Fonseca, et c'est à peu près tout ce qu'il y a de nouveau. Si l'on jugeait le nouveau *podestat* brésilien par le manifeste qu'il a adressé au pays, on en aurait une opinion peu avantageuse, car on y retrouve tous les sophismes ressassés par son prédécesseur. Cependant, cette proclamation contient une phrase qui sort du domaine de l'utopie positive :

Rendant hommage à la loi fondamentale et résumant les buts de la révolution triomphante, dit ce document, je proclame la nullité de l'acte qui décréta la dissolution du Congrès national et je déclare, dès ce moment, rétablies toutes les lois suspendues en vertu de l'état de siège sous lequel furent placées cette capitale et la ville de Niteroi.

Voilà donc la représentation du sentiment qui domine ne fait pas de doute. L'assemblée va vouloir restaurer. Mais qui va-t-elle restaurer? Dom Pedro est âgé et ses ayants droit ne sont peut-être pas hiérarchiquement disposés à courir des aventures exotiques et équatoriales.

10. «Lettres du Brésil», Le Temps, 22 de dezembro⁹⁴

Nesta carta, o correspondente na capital carioca explica as medidas tomadas logo depois do golpe para cativar o apoio dos católicos, do exército e da massa da população em séria dificuldade por causa da inflação galopante. Descreve a seguir o recrutamento forçado e as medidas policiais contra membros da oposição. No fim, relata os acontecimentos de 22 e 23 de novembro, que levaram às demissões do marechal-ditador, e à formação do novo executivo.

Rio de Janeiro, 30 de novembro

La réaction contre le gouvernement personnel du maréchal da Fonseca n'a pas tardé à se produire. Les Brésiliens, en général, bien que très démonstratifs et exubérants, sont ennemis de la violence et M. da Fonseca,

⁹⁴ Esta carta do correspondente no Brasil ocupa cerca de uma coluna e meia na primeira página. A segunda parte é publicada, também na primeira página, quatro dias depois.

ainsi de M. de Lucena, n'ont point suffisamment tenu compte de ce sentiment de leurs compatriotes, en faisant le coup d'État du 4 novembre.

Pendant vingt jours à peine, la capitale fédérale, ainsi que Niteroi, capitale de l'État de Rio-Janeiro, sont restées en état de siège et la presse a été complètement bâillonnée. Dans ce court espace de temps, le gouvernement s'était occupé de mettre à l'exécution ses projets, auxquels le Congrès dissous était opposé. C'est ainsi qu'il s'est empressé de décréter l'affermage des chemins de fer de l'État et que, pour gagner l'appui des catholiques, il ordonnait le maintien de la légation brésilienne près du Vatican, supprimée par le Congrès, et exprimait l'intention de laisser libre la célébration du mariage religieux avant celle du mariage civil. On ajoutait même que le gouvernement dictatorial voulait assurer aux communautés religieuses la pleine possession et administration de leurs biens, en établissant sur ces bases les rapports de l'Église et de l'État, séparés par la Constitution.

Puis, pour retrouver quelque popularité dans les masses, accablées par la cherté des subsistances, due à l'accaparement exercé par des syndicats de spéculateurs, il décrétait l'exemption d'impôts ainsi que le transport gratuit, sur les chemins de fer de l'État, du bétail destiné à l'approvisionnement de Rio, où la viande, le pain, le bois, etc., sont arrivés à des prix exorbitants. Plusieurs des principaux banquiers, qui ont à se faire pardonner la grande part prise par eux dans les dernières extravagances financières qui ont abouti à la crise actuelle, ont secondé les mesures du gouvernement en faisant aux nécessiteux des distributions de vivres: viande sèche, riz, farine, sucre, feijoes, etc., etc. Le

Sénat de l'État de Rio-Janeiro a vu d'un mauvais œil ces générosités étendues à la ville de Niteroi, et plusieurs de ses membres se sont élevés hautement contre cette charité exagérée autant qu'humiliante pour l'État et la population, et qui ferait encore croire que le peuple brésilien n'est qu'une masse de faméliques, alors qu'en réalité ce ne seront que des vagabonds et des gens sans aveu qui profiteront de ces libéralités.

Tandis que le gouvernement cherchait à gagner ainsi les catholiques et la population, il tournait également son attention vers l'armée, afin de la préparer à toute éventualité. D'abord, il décrétait un crédit de 13,000 *contos* pour les dépenses militaires, et, afin de remplir les vides existant parmi les troupes de terre et de mer, il faisait procéder au recrutement forcé, en l'absence de toute loi d'enrôlement. Rien de plus irrégulier et de plus arbitraire que ce recrutement fait par la police, devant laquelle tout homme valide doit se présenter et subir un interrogatoire. S'il n'est point marié et n'a pas d'occupation avouée, il est incorporé dans la troupe.

Les agents arrêtent aussi dans les rues et amènent par bandes aux subdelegados, des citoyens, parmi lesquels il se trouve parfois même des étrangers, qui ne sont relâchés qu'en fournissant des preuves satisfaisantes, et quelques fois après avoir subi la détention comme des vagabonds. Avec un pareil mode de recrutement, ces abus et ces vexations sont inévitables et, d'autre part, les troupes ne peuvent être guère mieux composées que lorsque jadis, le général vicomte de Pelotas déclarait au Parlement que la moitié de l'armée était sous les verrous.

Quant à des arrestations politiques, il y en a eu un certain nombre depuis le matin du 4 novembre, où la force armée occupa les locaux de la Chambre. On a appréhendé, entre autres, mais pour les relâcher bientôt, les députés Sampaio Ferraz et Augusto Vinhais; ce dernier représente, au Congrès, les idées socialistes, c'est lui que M. Mayrink avait traité, à la Chambre, de pétroleur. Le comte de Figueiredo a simplement été surveillé par la police. On le prétendait de connivence avec une banque anglaise pour produire la baisse du change, et l'on voulait l'empêcher de s'embarquer pour l'Europe. Du reste, personne ne pouvait quitter Rio et Niteroi sans un sauf-conduit, et, pour juger sommairement et déporter les perturbateurs de l'ordre et les suspects, une commission militaire, ayant à sa tête le général Almeida Barreto, avait été instituée.

Cette situation, qui impliquait la dictature de fait, paraissait devoir se maintenir jusqu'à la réunion du nouveau Congrès, convoqué pour le 3 mai, comme sous l'empire, afin de réviser la Constitution sur plusieurs points. Les élections devaient avoir lieu le 29 février, sous le régime d'un nouveau règlement électoral préparé par le gouvernement, bien qu'une loi spéciale eût été élaborée par le Congrès dissous.

Mais l'arrestation de l'amiral Vandenkolk, le 22 novembre au soir, et l'ordre d'arrêter également l'amiral Custodio de Melo et le général José Simeao de Oliveira mit le feu aux poudres. Depuis plusieurs jours, la marine mécontente se tenait prête à engager la lutte armée, l'amiral Custodio de Melo ayant gagné l'adhésion presque complète des marins et ayant organisé le plan

d'attaque pour le moment venu. Le gouvernement du maréchal da Fonseca se méfiait bien des forces de mer, car il venait de décider de répartir l'escadre en trois divisions navales, dont une serait envoyée à l'extrême Nord, une autre au Rio de la Plata et la troisième à Santa Catarina, cette dernière commandée par M. Saldanha da Gama, passé contre-amiral. La marine a prévenu ce plan, et aussitôt que fut connue l'arrestation de l'amiral Vandenkolk, la flotte commença ses manifestations hostiles qui firent même craindre un moment le bombardement de Rio, mais le changement de gouvernement s'opéra sans aucun trouble.

Les amis du maréchal, en présence de la scission de la force armée et de l'attitude de la marine, jugèrent en effet, la résistance inutile. En conséquence, le maréchal da Fonseca fit relâcher l'amiral Vandenkolk et résigna immédiatement son mandat entre les mains du vice-président, le maréchal Floriano Peixoto, en adressant, le 23, un court manifeste où il justifie de nouveau la dissolution comme une mesure de salut public et déclare ne se retirer que pour épargner au pays les horreurs de la guerre civile.

Le peuple, ayant à sa tête plusieurs députés, se rendit à l'intendance municipale et déposa le conseil municipal, en vertu d'un acte par lequel «la population de Rio déclarait, solidairement avec la marine et l'armée, restaurer la république et la légalité». Puis la populace excitée s'en alla détruire les imprimeries des journaux de la dictature : les *Novidades* et le *Diário do Comércio*.

Le ministère Lucena suivait dans sa retraite le chef de l'État ; puis le maréchal Peixoto prenait la possession du pouvoir, rétablissant la liberté de la presse, organisait le nouveau ministère. révoquait les inconstitutionnels du 3 novembre qui avaient dissous le Congrès, suspendu les garanties individuelles et créé une cour martiale. Le nouveau chef de l'État adressait alors un manifeste à la nation, annonçant le rétablissement du régime constitutionnel et demandant le concours de tous les Brésiliens. Le dissous voyait ses pouvoirs rétablis et était convoqué Congrès extraordinairement le 18 décembre, afin de voter les lois organiques en suspens, le budget, la loi électorale, etc., etc.

La composition du ministère du 23 novembre révèle le triomphe complet de l'opposition congressiste. Le docteur José Higino Duarte Pereira, ministre de l'intérieur, sénateur de Pernambuco, M. Rodrigues Alves, ministre des finances, député de São Paulo, M. Fernando Lobo Leite Pereira, ministre des affaires étrangères, député de Minas Gerais, le contre-amiral Custodio José de Melo, ministre de la marine, député de Bahia, le maréchal José Simeao de Oliveira, ministre de la guerre, sénateur pour Pernambouc, le docteur Antao Gonçalves de Faria, ministre de l'agriculture, député de Rio-Grande do Sul, enfin, le nouveau commandant en chef de l'escadre, l'amiral Vandenkolk, sénateur, sont les *leaders* de ce parti d'opposition constitutionnel que le maréchal da Fonseca avait cru réduire à l'impuissance en dissolvant le Congrès, mais qui l'a, au contraire, renversé avec l'appui de la marine, laquelle domine la situation. On ne dit plus aujourd'hui l'armée et la marine, mais d'abord la marine et l'armée.

11. Charles Laser, «La démission de M. Da Fonseca», *Gil Blas*, 26 de novembro

Artigo muito crítico e irónico contra Deodoro que quis governar sozinho, «sem ter em conta o espírito de independência que caracteriza a imensa maioria de uma nação trabalhadora». O Rio Grande do Sul, o «celeiro de abundância» do Brasil, revoltou-se e outras províncias também.

Agora, o marechal, quase sem apoios, teve de se demitir, evitando ao país uma guerra civil. Charles Laser espera que o Parlamento tenha a sabedoria de não escolher um militar como novo chefe de Estado.

Le maréchal da Fonseca s'est résigné à donner sa démission; il a renoncé à jouer plus longtemps les Balmaceda, et tout fait espérer que le Brésil ne connaîtra pas, une fois de plus, les détestables excès de la guerre civile.

Dans les derniers jours du mois d'octobre, le maréchal da Fonseca avait brusquement dissous le Congrès brésilien et, sans faire appel aux électeurs, il avait constitué, sous sa présidence, un ministère de résistance. Comme au 16 mai, le maréchal voulait «faire marcher» le pays ; il avait compté sans l'esprit d'indépendance qui caractérise l'immense majorité d'une nation laborieuse. Les habitants de la province de Rio Grande do Sul avaient répondu à l'acte illégal de M. da Fonseca en chassant ses fonctionnaires et en organisant, eux aussi, un gouvernement provisoire. Comme nous l'avons dit alors, la province de Rio Grande do Sul est «le grenier d'abondance» de la République brésilienne. D'ailleurs, le mouvement s'était étendu; d'autres provinces avaient suivi l'exemple qui leur était donné; le Brésil allait être coupé en deux, et c'est en vain que M. da Fonseca tentait de représenter ses adversaires comme des

séparatistes. Le patriotisme n'était pas en jeu dans cette querelle purement politique, et les prétendus insurgés de Rio Grande do Sul étaient tout simplement les défenseurs courageux de la Constitution. Cette Constitution ne date que de l'an dernier; franchement, le maréchal da Fonseca s'était trop hâté de la réduire en miettes!

Inquiet, le maréchal avait fait une concession à ses ennemis ; il avait fixé au 29 février la date des élections législatives. Le choix de cette date témoigne des préoccupations astronomiques de cet émule de Balmaceda ; il avait sans doute le vif désir d'apprendre à ses compatriotes que 1892 était une année bissextile. Les Brésiliens n'ont pas été sensibles à cette attention! ils n'ont même pas attendu jusqu'au 30 novembre pour signifier congé au maréchal da Fonseca. Ce n'est pas que le dictateur ait accepté volontiers le «bonsoir, monsieur» de ses amis eux-mêmes ; il a réuni quelques régiments, annoncé qu'il allait envoyer quelques navires contre les *insurgés* de Rio-Grande do Sul. Il allait boucler son ceinturon et partir en campagne contre ses concitoyens, quand les officiers de marine ont refusé d'obéir à ses ordres. Il paraît que les artilleurs avaient donné le signal de cette levée de boucliers et qu'ils avaient détruit la voie ferrée dans les environs de Rio-Janeiro. Sans soldats, sans argent, sans crédit, le maréchal da Fonseca n'avait plus qu'à se démettre.

C'est le général Floriano Peixoto, ancien ministre de la guerre, qui succède au maréchal da Fonseca. Sans doute, il se dépêchera de convoquer le Congrès. La jeune République brésilienne sortira saine et sauve de cette aventure; mais le Congrès sera bien avisé en choisissant le futur président

ailleurs que dans les rangs d'une armée où la discipline ne brille que… par son absence.

12. «Lettres du Brésil», *Le Temps*, 26 de dezembro

O correspondente de Le Temps começa por relatar a opinião dos jornais brasileiros, os quais parecem criticar muito mais Lucena que o marechal. Os mesmos tentam justificar a passividade do povo carioca durante as três semanas de estado de sítio.

A seguir, analisa o que se passa nos vários estados do país onde se quer afastar os dirigentes nomeados por Deodoro: Peixoto não concorda com a deposição dos governadores. Outro problema tem a ver com o novo presidente que, segundo a Constituição, devia ser eleito porque Deodoro ainda não tinha ficado dois anos no poder (24 de fevereiro - 22 de novembro de 1891)

O jornalista espera que o Congresso possa resolver esta situação e que o Legislativo — que se reunirá a 18 de dezembro — consiga sobretudo travar a excessiva emissão de notas, causa principal da inflação.

Rio de Janeiro, 30 de novembro

L'opinion publique, telle qu'elle s'est manifestée, après la chute de la dictature, par la voix des journaux, semble indulgente au maréchal et impitoyable à M. de Lucena, qui s'est, d'ailleurs, complètement éclipsé depuis le 23 novembre et a repris son poste de juge fédéral. Le maréchal da Fonseca reste, aux yeux de tous, le brave soldat, l'homme probe, circonvenu par les intérêts louches qui s'agitaient autour de lui, et enfin sans éducation politique, livré entièrement à l'influence du baron de Lucena, homme entier, entêté, n'ayant pas la souplesse nécessaire pour servir de tampon entre le

maréchal-président et un Congrès composé en partie d'hommes peu maniables, brouillons et désordonnés.

Cependant, d'aucuns affirment que le baron de Lucena était opposé au coup d'État et qu'il avait offert, à plusieurs reprises, la démission du ministère pour résoudre le conflit. Mais le maréchal, faisant de ce conflit une question personnelle et hésitant entre sa propre démission ou le renvoi du Congrès, opta pour ce dernier parti, après avoir consulté les principaux chefs de l'armée et refusé la démission du ministère.

La presse s'applique aussi à prouver que le peuple brésilien est loin d'avoir assisté à la suppression de la légalité avec la même indifférence qu'au renversement de l'empire, qu'il regarda, selon l'expression d'un député du Congrès, comme *bestialisado* (hébété). S'il s'est soumis pendant trois semaines à la violence et à l'arbitraire, il ne l'a fait que parce qu'il savait que son heure viendrait bientôt, par cette simple réaction qui a produit la révolution pacifique du 23 novembre.

Cette réaction et cette révolution s'étendent maintenant à tous les États. Bien que le maréchal Peixoto ait déclaré vouloir y maintenir le *statu quo* actuel, il sera obligé d'assister impuissant à la déposition des gouverneurs, tous plus ou moins inféodés au gouvernement da Fonseca et imposés par lui à la tête des États.

Déjà, le vice-gouverneur d'Alagoas, M. Araujo Goes, faisant fonctions de gouverneur depuis que le colonel Pedro Paulino da Fonseca, frère de

l'ex-président de la République, avait donné sa démission, a été déposé par un bataillon d'infanterie, et le gouvernement confié à une junte.

Dans l'État de Rio-Grande do Sul, qui avait renvoyé son gouverneur et pris les armes pour protester contre le coup d'État du 3 novembre, le maréchal Peixoto prétendait rétablir M. Julio Castilhos, mais les Rio-Grandenses ne veulent plus en entendre parler et ont suspendu le désarmement qui avait commencé à la suite de sa démission et de la constitution d'une junte composée du général Rocha Osorio et des docteurs Antao de Faria et Barros Cassal.

À Rio-Janeiro, le maréchal-président a ordonné aux intendants municipaux, qui avaient été déposés, de se maintenir à leur poste.

De même, il a proposé au gouverneur de l'État de Rio-Janeiro, le docteur Francisco Portela, menacé de déposition, de lui fournir des troupes de ligne; mais celui-ci a refusé, comptant sur les éléments locaux.

Dans l'État de São-Paulo, le gouverneur Americo Brasiliense qui, dès le 12 novembre, songeait à dissoudre la législature de l'État, a reçu de l'opposition, le lendemain de la retraite du maréchal da Fonseca, l'intimidation de se retirer, mais il a résisté.

Au Paraná, le gouverneur ne s'est maintenu que grâce à l'appui de la garnison.

Le mouvement est le même dans presque tous les États, mais les gouverneurs tiennent encore bon, encouragés par le nouveau président de la République, qui a même déclaré que les gouverneurs déposés seraient réintégrés dans leurs fonctions.

Le maréchal Peixoto s'efforce de contenir la réaction et d'éviter la désorganisation des gouvernements d'État dans un moment si difficile. Mais il ne pourra faire face de tous les côtés à la fois et devra laisser s'opérer tous ces mouvements locaux qui ne sont que la conséquence forcée, inévitable, du changement du gouvernement fédéral.

Sa situation à lui-même n'est pas des plus faciles. Il n'est là que grâce à une transaction entre l'armée et la marine, décidées à soutenir jusqu'ici le régime constitutionnel et dans l'attente de la réunion du Congrès et de l'élection d'un président de la République. Le mandat de M. Peixoto est purement intérimaire et, quant au Congrès, il est question qu'il résigne lui-même ses pouvoirs, une fois votées les lois en suspens.

En effet, aux termes de l'article 42 de la Constitution du 24 février 1891, le vice-président ne peut terminer la période présidentielle en cours que dans le cas où le président qui laisse le pouvoir a déjà accompli deux années de son mandat. Autrement il en faut élire un autre. Or, le maréchal da Fonseca n'était président constitutionnel que depuis le 24 février dernier.

Mais on a agité la question de savoir si — tous les actes de la dictature ayant été légalisés par la Constituante — on ne pourrait, pour la première fois, faire une dérogation, en comprenant, dans la période présidentielle en cours, la durée de la dictature du gouvernement provisoire (du 15 novembre 1889 au 24

février 1891). En ce cas, le gouvernement du maréchal da Fonseca, compterait, jusqu'au 22 novembre dernier, deux ans et huit jours, et le maréchal Peixoto pourrait régulièrement terminer la période. C'est la manière de voir de tous ceux qui craignent, dans un moment si troublé, de nouvelles élections présidentielles, qui, de même que les législatives, se font par le suffrage universel.

Il est impossible de prévoir dans quel sens cette question délicate pourrait être résolue par le Congrès, qui se réunira le 18 décembre. L'élément civil se décidera-t-il à accepter purement et simplement le maintien au pouvoir de l'élément militaire qui l'occupe et dont dépend l'existence et la stabilité de la République? Cherchera-t-il, au contraire, se souvenant des 97 voix données au docteur Prudente de Morais, à profiter d'une nouvelle élection pour tenter d'arriver à son tour au gouvernement? C'est ce que la session extraordinaire nous apprendra. Tout en ne pouvant apprécier exactement les nouvelles dispositions dans lesquelles les événements qui ont suivi le coup d'État vont ramener le Congrès, on a tout lieu de penser qu'il marchera d'accord avec le nouveau pouvoir exécutif qui l'a rappelé et fera toutes les concessions possibles pour éviter de nouveaux conflits, ou une transmission du pouvoir dans des circonstances aussi difficiles pour la jeune république.

On a ajourné jusqu'à la réunion du Congrès les problèmes financiers très embrouillés légués par le gouvernement da Fonseca et qu'il se disposait à résoudre par des décrets pourvoyant à la fixation d'un maximum d'émission, à la réforme de la Banque de la république et autres mesures propres, disaient les

journaux officieux *O Correio do Povo* et *O Diario do Comercio,* à relever le taux de change, à améliorer les conditions d'existence de la population, etc.

Les banques avaient été invitées à joindre leurs efforts à ceux du gouvernement, pour donner une solution aux présentes difficultés. Naturellement, les banques d'émission se sont bien gardées d'attribuer la baisse du change à l'accroissement de la circulation fiduciaire. Cette baisse est due, prétend-on toujours, à des manœuvres de spéculation et à l'excès d'importation.

Le Congrès extraordinaire viendra, heureusement, mettre bientôt le holà aux nouvelles émissions. Mais, en attendant, les banques se hâtent de prévenir la loi qui doit limiter l'émission de billets à la circulation existante le jour de la promulgation. Déjà, pendant la discussion de ladite loi, en octobre, la seule Banque de la République a élevé sa circulation jusqu'à 276,292 *contos* et il était encore question, à la mi-novembre, d'une nouvelle émission de 27,000 soit 67,500,000 francs de papier. De ce train-là, on arrivera à avoir émis le maximum de 600,000 *contos*, avant que le Congrès ait voté la loi limitant la circulation autorisée, et les partisans de l'émission continue de papier, qui paraissaient avoir perdu la partie avec la chute du maréchal da Fonseca et du baron de Lucena, pourraient bien, en définitive, l'avoir gagnée.

13. Charles de Mazade, «Chronique de la quinzaine», *Revue des Deux Mondes*, 1 de dezembro de 1891, p. 715-716⁹⁵

Deodoro não conseguiu na sua tentativa e abandonou o poder, nota o jornalista francês, segundo o qual o golpe do almirante tenha talvez sido «um caso financeiro».

De Mazade adverte no entanto que o país não saiu da crise: esta «nova utilização da força para estabelecer uma bem equívoca legalidade, não chega para garantir ao Brasil uma ordem regular e uma paz douradora ».

Les révolutions ont leur destin, surtout dans le nouveau monde. On ne sait jamais ce qu'elles deviendront, où elles conduiront. Évidemment la révolution qui a fait du vaste empire brésilien une république n'a pas été heureuse jusqu'ici. On peut dire que la crise qui a décidé il y a deux ans cette hasardeuse transformation n'a pas cessé un seul instant, et ce n'est pas fini, puisqu'en quelques jours le Brésil est passé d'une pseudo-légalité au régime militaire, d'une dictature à une autre dictature par une sédition nouvelle. Les coups d'État s'enchaînent. Au premier moment, il y a trois semaines, lorsque le président Deodoro da Fonseca s'est décidé, sans plus de façon, à dissoudre militairement le congrès et à suspendre toutes les libertés, il a paru avoir réussi. On a pu le croire, d'autant plus que dans le silence de l'état de siège on ne pouvait plus savoir ce qu'il en était. La vérité cependant n'a pas tardé à se faire jour, les mécontentements et la résistance ont commencé à se manifester un peu de toutes parts. Une véritable insurrection a éclaté dans l'immense

⁹⁵ Neste artigo de doze páginas, o comentário sobre a queda de Deodoro ocupa uma página.

province de Rio-Grande do Sul, qui confine à l'Uruguay. Elle s'est rapidement propagée et elle est restée bientôt à peu près maîtresse de la région du Sud, tandis que dans le Nord l'agitation gagnait les provinces de Para, de Saint-Paul. Tout faisait prévoir un vaste mouvement provincial. D'un autre côté, à Rio-de-Janeiro même, l'adhésion au coup d'État restait fort douteuse. On s'était soumis par habitude ou par crainte. L'armée, qui était le seul appui du dictateur, paraissait elle-même ébranlée et peu sûre. La marine particulièrement, et ses chefs, ne cachaient pas leurs sentiments d'hostilité contre le nouveau régime. Il y avait, en un mot, tous les éléments d'une révolution nouvelle. Qu'est-il arrivé? La marine a fait, sans plus attendre, son pronunciamiento, avec l'appui d'une partie de la population de Rio, et sans rencontrer une résistance bien sérieuse dans l'armée de terre. On s'est fort peu battu. Devant cette manifestation, le général Deodoro da Fonseca n'a trouvé rien de mieux que d'abdiquer le pouvoir, et on s'est hâté de lui donner pour successeur le vice-président de la république, le général Floriano Peixoto. La dictature de M. Deodoro da Fonseca avait duré dix-huit jours ; elle a disparu sans éclat, ne laissant d'autre souvenir que celui d'un coup d'État, qui n'était peut-être qu'une affaire financière.

Comment tout cela va-t-il finir, maintenant? Sans doute, le nouveau président, le général Floriano Peixoto s'est hâté de rappeler le congrès, de lever l'état de siège, de rétablir toutes les libertés supprimées, et à la nouvelle de ces événements, l'insurrection de Rio-Grande do Sul paraît avoir déposé les armes. C'est une chance de moins de guerre civile. Peut-être cependant serait-ce une singulière illusion de croire que tout est fini, que cette intervention nouvelle de

la force pour rétablir une légalité bien équivoque elle-même, suffit pour assurer un ordre régulier et une longue paix au Brésil.

14. «Brésil», L'Illustration, 5 de dezembro

«A ditadura do presidente da Fonseca durou pouco tempo», sublinha o semanário francês. Este resume dos acontecimentos que sublinha o papel da marinha, da revolta do Rio Grande do Sul e de uma parte da população do Rio na queda de Deodoro.

La dictature du président da Fonseca n'aura pas été de longue durée. Au lendemain de la dissolution du Congrès, on apprenait que l'une des provinces les plus importantes, le Rio-Grande du Sud, était en insurrection. Cette province est la plus méridionale du Brésil, c'est à dire la plus éloignée de l'Équateur, et par conséquent celle qui jouit du climat le plus tempéré. C'est aussi celle où les émigrants européens, allemands surtout, ont le plus afflué; c'est enfin la plus prospère.

Le gouvernement dictatorial s'empressa d'envoyer en Europe des dépêches optimistes, cherchait à enlever tout caractère de gravité à ce mouvement. On n'en apprenait pas moins, d'une manière indubitable, que les insurgés disposaient de forces considérables et s'organisaient d'une façon sérieuse sous la direction du Dr. Brasil, mis à la tête de la junte révolutionnaire.

En même temps l'escadre brésilienne, hostile au dictateur, faisait connaître son mécontentement et ses tendances libérales, par une grande manifestation qui ne pouvait laisser aucun doute à M. da Fonseca sur les difficultés qu'il rencontrerait à poursuivre son entreprise.

Enfin à Rio-Janeiro même un mouvement révolutionnaire commença à se dessiner. Les insurgés, bien qu'en très petit nombre, s'emparèrent de l'arsenal maritime. La résistance des troupes avait été presque nulle.

Dans ces conditions, le président comprit que toute lutte était impossible et il publia un manifeste par lequel il déclarait que, pour éviter la guerre civile, il remettait le pouvoir au général Floriano Peixoto, vice-président.

Celui-ci a publié immédiatement une proclamation dans laquelle il était dit que la légalité était rétablie, que la dissolution du Congrès était annulée, enfin que l'état de siège était levé. La convocation du Congrès a été fixée au 18 décembre.

Capítulo 5

A Queda de Deodoro na imprensa da Suíça francesa

1. Journal de Genève, 22 de novembro⁹⁶

No Brasil, contrariamente ao Chile, a situação não está a voltar à normalidade. Fonseca — acusado pelo editorialista de ter plagiado Balmaceda — não tem os meios militares para enfrentar todas essas revoltas nas províncias, escreve o editorialista genebrino. Por conseguinte, aumenta a probabilidade de assistirmos a uma «próxima e completa desagregação» do país.

Les affaires du Chili s'améliorent; le gouvernement qui avait donné sa démission à la suite de certains dissentiments avec le parti libéral l'a retirée, et M. Monti vient d'être nommé président définitif de la république. Tout le monde s'accorde à reconnaître que c'est un excellent choix et que soutenu par la confiance publique il est l'homme qu'il faut pour remettre l'administration au point où elle était avant que tout eût été bouleversé par son prédécesseur.

Quant au Brésil, c'est tout différent : bien qu'il soit extrêmement difficile de savoir la vérité sur ce qui s'y passe, il paraît certain que les embarras de la dictature augmentent chaque jour et que l'insurrection des provinces fait de continuels progrès. Elle paraît être maîtresse du Rio Grande do Sul et avoir gagné la province de Sao Paulo, après celle du Para. Il est difficile que le dictateur ait sous la main des forces de terre et de mer nécessaires pour réprimer une révolte aussi formidable éclatant à la fois sur des points très éloignés l'un de l'autre. De plus en plus, on s'attend à la désagrégation

⁹⁶ O editorial desse dia trata de seis temas. A parte sobre o Brasil ocupa cerca de um quarto de coluna.

prochaine et complète de l'énorme empire. Ce qui se passe sur la côte occidentale paraît être la reproduction presque textuelle de ce qui vient de se passer sur l'autre versant des Andes, et da Fonseca n'être que le plagiaire de Balmaceda. Les débuts étant les mêmes, il sera curieux de voir s'ils aboutiront au même dénouement.

2. Gazette de Lausanne, 23 de novembro⁹⁷

O editorialista debruça-se sobre um outro aspecto: as influências inglesas e americanas no sul do continente e as rivalidades comerciais entre Londres e Washington. Na opinião dos jornais americanos, a Inglaterra tudo faz para contrariar os planos pan-americanos do Secretário de Estado de Washington: é por isso, «afirmam os amigos de James Blaine», que, no Chile, os ingleses estavam contra Balmaceda e que no Brasil, fomentam uma agitação filo-monárquica, sendo Deodoro favorável ao «pan-americanismo económico». Segundo a mesma fonte, «a propaganda inglesa constitui o principal obstáculo à consolidação da República brasileira».

Não podemos esquecer, que, antes de eleições, há quase sempre ataques da imprensa ianque contra os seus antigos colonizadores, relembra o jornal liberal suíço. Este acusa o «intrigante ministro do presidente Harrison» de ter escandalosamente apoiado o ditador chileno e de estar talvez por trás dos recentes acontecimentos em terras brasileiras.

Les journaux des États-Unis, ceux surtout qui défendent la doctrine de Monroe interprétée par M. Blaine, ont une explication à eux des événements qui viennent ébranler coup sur coup les républiques de l'Amérique du Sud :

⁹⁷ A 23 de novembro, a análise da situação brasileira ocupa metade do editorial de duas colunas e meia.

L'Angleterre, disent-ils, est décidée à empêcher, coûte que coûte, la réalisation du programme panaméricain. Tout ce qui se passe au Chili, au Brésil et ailleurs est le résultat d'une agitation systématiquement fomentée par le cabinet de Londres.

Au Chili, le président Balmaceda était le champion de cette réciprocité dont M. Blaine voudrait faire la base de la politique future du Nouveau Monde. Il n'est pas démontré que le panaméricanisme économique de M. Balmaceda ait été la principale cause du soulèvement congressiste, mais il est certain que les adversaires de l'ex-président ont été soutenus pas des influences anglaises. Cette alliance tacite ne pouvait avoir d'autre but que de rétablir la prépondérance commerciale de l'Angleterre au Chili, et les congressistes actuellement au pouvoir favorisent les intérêts britanniques, tandis que leurs journaux ne cessent de dénoncer et de ridiculiser la politique des États-Unis.

D'un autre côté, d'après les amis de M. Blaine, la «conspiration monarchiste» qui a «motivé» le coup d'état de M. da Fonseca est le premier acte d'un drame analogue à celui qui s'est dénoué au Chili par le suicide du dictateur. Au Brésil, c'est M. da Fonseca qui représente le panaméricanisme économique; il s'agit pour les Anglais d'étouffer dans le germe un mouvement qui menace de leur fermer le marché brésilien. Sous l'ancien régime, ce marché était entièrement livré aux Anglais, et les commerçants britanniques ne sont pas de ceux qui renoncent sans lutte aux avantages d'une situation privilégiée. Aussi, les politiciens de l'entourage de M. Blaine se disent persuadés que la propagande anglaise est le principal obstacle à la consolidation de la

République brésilienne. Pour reconquérir le marché brésilien, il faut que la République soit renversée et que les éléments hostiles à la politique du cabinet de Washington reprennent le dessus. Sans doute, les Anglais préféreraient le rétablissement de la monarchie qui leur offrirait des garanties plus sérieuses dans les relations commerciales, mais, faute de mieux, ils se contenteraient d'une anarchie prolongée qui briserait l'unité nationale du Brésil et rendrait impossible toute entente avec les États-Unis.

Faut-il croire à ces combinaisons machiavéliques? Les articles qui les dénoncent au chauvinisme yankee viennent fort à point pour échauffer les esprits contre l'Angleterre, à la veille des élections. Or, en Amérique, la haine de la ci-devant métropole a toujours été le grand levier électoral de tous les partis. Il n'est pas impossible que les républicains aux abois se disposent à en user à grand orchestre pour consolider leur pouvoir vacillant.

Et puis rappelons-nous le proverbe sur la première poule qui chante. «Intrigues anglaises», dit-on à Washington; «intrigues américaines», pourrait-on répondre à Londres avec au moins autant de vraisemblance. Le congrès panaméricain, bien que promené en train de luxe du nord au sud et de l'est à l'ouest des États de l'Union par le gouvernement de M. Blaine, à travers des fêtes splendides dont on n'a pas perdu le souvenir, n'avait pas réussi. Mais l'intrigant ministre du président Harrison n'a pas pour cela renoncé à son but. Il n'est pas délicat sur les moyens. Les républiques du Sud répugnant à accepter un programme qui les annexe économiquement aux États-Unis et prépare leur annexion politique, rien n'est plausible comme de supposer que le

gouvernement de Washington a employé vis-à-vis de gouvernants comme Balmaceda et Fonseca, les arguments les plus propres à briser leur résistance. L'appui prêté au dictateur du Chili par la flotte et la diplomatie américaine a fait scandale. C'est sans doute que Balmaceda était gagné au plan de M. Blaine. Et s'il en est ainsi avec le Brésil, n'est-on pas fondé à supposer que les intrigues des États-Unis ne sont pas étrangères aux événements de l'Amérique du Sud ?

En tout cas l'explication de ces faits par une lutte d'influence commerciale entre l'Union et l'Angleterre mérite qu'on s'y arrête.

3. Journal de Genève, 25 de novembro⁹⁸

O marechal foi afastado da mesma maneira que ele utilizou para destituir D. Pedro II: com um golpe de Estado. O editorialista ironiza com Deodoro que quis ser o Napoleão do Brasil: «um Bonaparte não pode estar doente antes de se ter tornado Napoleão». É um outro militar que está agora no poder, o que não parece suscitar um grande entusiasmo no jornal liberal, segundo o qual «as revoluções pretorianas criaram e mataram mais imperadores do que fizeram repúblicas».

Quanto ao futuro, o mesmo não acredita numa restauração do império e pensa que a experiência republicana vai continuar com o novo presidente.

Patere legem quam ipse fecisti !⁹⁹ L'auteur du coup d'État militaire qui a renversé l'empire du Brésil pour mettre à sa place une république fédérative ou

⁹⁸ O editorial do *Journal de Genève* deste dia trata de quatro temas. O primeiro, de meia coluna, debruça-se sobro a queda de Deodoro.

⁹⁹ Sofre as consequências da lei que tu próprio criaste!

soi-disant telle, le maréchal Deodoro da Fonseca, vient d'être victime à son tour d'un coup d'État militaire. Il avait essayé de faire son Dix-huit brumaire ou son Deux décembre, et il a tout d'abord paru réussir, en ce sens qu'il a mis les députés à la porte selon la règle classique et qu'il a pu faire proclamer sa dictature par l'armée et la flotte présentes à Rio-Janeiro. Peut-être aurait-il été heureux jusqu'au bout si le mauvais état de santé n'était pas venu paralyser ses forces et lui apprendre qu'un Bonaparte n'a pas le droit d'être malade avant d'être devenu Napoléon.

Tandis qu'il était cloué sur son lit d'angoisses par une crise du cœur, les provinces proclamaient leur droit à l'insurrection, et le désordre se mettait parmi ses complices de la première heure. Il n'a jamais été parfaitement sûr, tant le télégraphe était discret et circonspect, que l'armée et la marine fussent acquises à la dictature. Il faut croire qu'elles ne l'étaient guère puisqu'une dépêche, très laconique pour un si gros événement, nous annonce ce matin que les officiers de l'escadre et de l'armée de terre viennent de destituer le dictateur, de le remplacer par un autre militaire, le général Floriano Peixoto, et de lever l'état de siège; on ajoute que l'on va rappeler le Congrès dissous par le coup d'État, et que les élections fixées au 29 février seront contremandées. Enfin, on a, dit-on, rendu la liberté de parole à la presse et au télégraphe étroitement bâillonnés.

Tout cela aurait pu être annoncé à l'avance : le *pronunciamiento* militaire est une maladie dont les crises sont périodiques, et les bonnes âmes qui, jugeant sur l'étiquette, s'étaient réjouies, au lendemain de la chute de l'empire,

en apprenant que le monde comptait une république de plus, auraient dû réserver leur enthousiasme, car les révolutions prétoriennes ont créé et tué plus d'empereurs qu'elles n'ont fait de républiques.

Maintenant, que va-t-il se passer? Y a-t-il là, comme on le disait il y a quelques jours sans que ce bruit ait été confirmé, un mouvement de restauration en faveur de l'empire? Ou bien va-t-on remettre les choses au point où elles étaient avant le coup d'État et continuer l'expérience républicaine sous un nouveau président? C'est ce que nous ignorons complètement, mais la dernière alternative semble la plus probable. Une restauration monarchique aurait été droit au but et n'aurait pas commencé par nommer un président.

4. «Les événements au Brésil», *Feuille d'Avis de Lausanne*, 25 de novembro

Copiado em parte do editorial de Le Temps do mesmo dia.

La révolution qui couvait sous les cendres au Brésil a fini par éclater. Deux ans et huit jours après la date du «pronunciamiento» militaire qui renversait la monarchie de Dom Pedro et expulsait la dynastie de Bragance, un mouvement insurrectionnel a mis fin à la dictature du maréchal Fonseca.

Ce régime a vécu sans gloire : il tombe sans honneur. Ce n'est même pas une protestation civique qui rend à la vie privée le président de la soi-disant république du Brésil. Il semblerait qu'il s'agît avant tout d'une revanche de l'une des branches de la force armée sur l'autre. La marine trouvait apparemment avec quelque raison que l'armée de terre jouissait d'une insolente supériorité dans la distribution des avantages issus d'une révolution militaire à laquelle, après tout, la première avait pris sa part tout comme la seconde.

Sans doute, cette irritation, — naturelle plutôt que légitime — n'aurait pas trouvé à se satisfaire aussi aisément sans l'existence d'un mécontentement aussi profond que général dans les rangs de la population civile. Il a fallu que le maréchal-président violât les libertés dont l'établissement ou la consolidation avait été le prétexte de la révolution du 15 novembre 1889, qu'il compromît l'unité nationale, qu'il pratiquât avec une désinvolture tout argentine un système de gestion financière qui met en péril le crédit même du Brésil, qu'il laissât s'implanter dans son entourage immédiat des habitudes de népotisme absolument scandaleuses, — il a fallu tout cela pour que la flotte trouvât l'occasion de braquer ses canons sur Rio-Janeiro, de débarquer ses équipages et de provoquer dans les rues de la capitale une insurrection victorieuse.

Les amis du général da Fonseca n'ont pas essayé de le défendre, et le dictateur, abandonné de tout le monde, a dû remettre le pouvoir.

On ne connaît pas très bien encore les causes directes de l'insurrection. Ce que l'on peut dire avec assurance, c'est que la dictature militaire, surtout mise au service d'une spéculation effrénée, a provoqué dans le Brésil une coalition de mécontents dont tous les éléments n'ont certes pas la même valeur, mais qui n'en semble pas moins trop forte pour que la coterie

présidentielle ait pu lui opposer une résistance efficace ou puisse espérer prendre sa revanche sur elle.

**

Le premier acte des insurgés, pendant la matinée de lundi, a été d'attaquer l'arsenal maritime, qu'ils prirent facilement en tuant un ouvrier. Un boulet a frappé l'église Candelaria; il n'y pas eu d'autres dégâts. Très peu de coups de feu ont été tirés. Aussitôt, la panique a éclaté. Les magasins et les bureaux furent fermés.

L'agitation a été très grande. Deux journaux dévoués au gouvernement ont vu leurs bureaux envahis et pillés par la populace.

5. *Gazette de Lausanne*, 26 de novembro¹⁰⁰

Copiado do editorial do Journal des Débats da mesma data¹⁰¹.

Il semble bien que c'est l'attitude de la marine qui a mis fin à la nouvelle dictature du maréchal da Fonseca. Devant le mécontentement évident de ce corps, qui a toujours eu plus de cohésion et de fermeté que l'armée de terre, et la menace d'une action énergique — on parle même d'une conspiration de quelques amiraux, parmi lesquels l'amiral Vandenkolk, ancien membre du gouvernement provisoire, peu satisfait, sans doute, d'avoir été réduit, après une

¹⁰⁰ Na 2ª página, o quotidiano liberal dedica uma coluna ao Brasil. Citamos unicamente o comentário da redação.

¹⁰¹ Cf. Capítulo 4, Texto 6.

année de pouvoir, à n'être plus qu'un simple sénateur, et l'amiral Custodio de Melo, qui s'était depuis longtemps mis à la tête des mécontents de l'armée et de la marine, — le dictateur Deodoro, se voyant à la veille d'être bombardé dans Rio-de-Janeiro, a jugé plus prudent de se retirer. C'est sans doute le plus grand service qu'il ait jamais rendu à son pays.

Le vice-président, général Floriano Peixoto, car ces malheureuses républiques sud-américaines n'échappent à un «général» que pour tomber entre les mains d'un autre, a, semble-t-il, rétabli un régime plus humain. Les journaux suspendus par Deodoro ont recommencé à paraître.

Il ne faudrait pas cependant trop se hâter de se réjouir; l'ère des proscriptions ne serait pas close, si l'on en croit une dépêche adressée de Santiago au *Times*, et qui annonce que le comte de Figueiredo, le financier bien connu en Europe, ancien président de la Banque nationale du Brésil, rival de M. Mayrink, aurait été emprisonné à Rio-de-Janeiro. Si cette nouvelle est postérieure à la chute de Deodoro, elle serait de nature à faire croire que le règne du financier Mayrink n'est pas fini.

M. Figueiredo avait été fait comte par dom Pedro la veille du jour où l'empereur fut détrôné, il se rallia immédiatement à la république. Ses entreprises financières ne lui gagnèrent que peu de sympathies. Les financiers français, d'ailleurs, contrecarrèrent beaucoup ses projets.

La démission du maréchal da Fonseca a d'ailleurs été accueillie avec une satisfaction générale. Les commerçants de Rio sont particulièrement heureux de cette solution qui préserve le pays d'une guerre imminente. Le change à Rio est de 12 1/8 et celui de Para de 12 1/2, soit une hausse d'environ 6 % sur les cours les plus bas cotés depuis le jour où le maréchal da Fonseca a proclamé sa dictature¹⁰².

6. «Les événements au Brésil», *Feuille d'Avis de Lausanne*, 26 de novembro

Os três primeiros parágrafos deste texto são inteiramente copiados do artigo anterior. Na altura, a Gazette de Lausanne e o Journal de Genève, eram os quotidianos de referência também para a imprensa regional que, às vezes, reproduzia uma parte dos seus artigos, nomeadamente as análises da política internacional.

Il semble bien que c'est l'attitude de la marine qui a mis fin à la nouvelle dictature du maréchal da Fonseca. Devant le mécontentement évident de ce corps, qui a toujours eu plus de cohésion et de fermeté que l'armée de terre, et la menace d'une action énergique, le dictateur Deodoro, se voyant à la veille d'être bombardé dans Rio-de-Janeiro, a jugé plus prudent de se retirer. C'est sans doute le plus grand service qu'il ait jamais rendu à son pays.

Le vice-président, général Floriano Peixoto, car ces malheureuses républiques sud-américaines n'échappent à un «général» que pour tomber entre les mains d'un autre, a, semble-t-il, rétabli un régime plus humain.

¹⁰² O jornal publica a seguir uma pequena nota biográfica de Floriano e informações sobre o fim da revolta no Rio Grande do Sul e no Pará.

La démission du maréchal da Fonseca a d'ailleurs été accueillie avec une satisfaction générale. Les commerçants de Rio sont particulièrement heureux de cette solution qui préserve le pays d'une guerre imminente. Le change à Rio est de 12 1/8 et celui de Para de 12 1/2, soit une hausse d'environ 6 % sur les cours les plus bas cotés depuis le jour où le maréchal da Fonseca a proclamé sa dictature.

Des dépêches privées annoncent le rétablissement des communications postales et télégraphiques.

À Rio Grande, la révolution est terminée. Les chefs des insurgés ont dispersé leurs troupes et la barre du port a été rouverte au commerce. L'État a donné son adhésion au gouvernement du général Peixoto.

7. «Brésil», L'Impartial, 27 de novembro

«Mais uma revolução na América do Sul» comenta o jornalista, nada surpreendido com os acontecimentos. O mesmo nota que a marinha filomonárquica destituiu o ditador, mas é um «colaborador de Deodoro» que está agora na presidência. O regime é o mesmo e para o Brasil os problemas não acabaram com a queda do marechal, conclui o articulista.

Pour ne pas en perdre l'habitude, on signale une nouvelle révolution dans l'Amérique du Sud, et c'est au Brésil qu'elle a éclaté.

Le 15 novembre 1889, une révolte de l'armée amena le maréchal Deodoro da Fonseca au pouvoir ; le 23 novembre 1891, une révolte de la marine a obligé le

maréchal à donner sa démission. Il a été remplacé par le général Floriano Peixoto, qui était jusqu'à présent vice-président de la République — et c'est ce choix qui déroute un peu le jugement qu'on peut porter à distance sur les incidents de la politique brésilienne.

La flotte est monarchiste. Si un marin était arrivé à la présidence, c'eût été à plus ou moins bref délai le retour de Pedro ou d'un de ses héritiers. Mais la nomination d'un général collaborateur de Deodoro fait presque croire que la marine a perdu la direction du mouvement qu'elle a organisé et que, si l'homme est changé, le régime reste le même. En tous cas, ce serait se tromper que croire que le Brésil en a fini avec les difficultés intérieures. Les événements qui viennent de se passer dans la capitale sont de nature à donner à d'autres provinces que le Rio-Grande do Sul, l'envie de se séparer, et les Brésiliens ne sont pas encore à la fin du cycle révolutionnaire.

8. «CHRONIQUE HEBDOMADAIRE. Les convulsions de l'Amérique du Sud», *L'Estafette*, 29 de novembro¹⁰³

Na América do Sul, as revoltas militares acontecem com tal frequência que nenhum observador da vida política deste subcontinente fica surpreendido. O editorialista considera que os militares abusam: «deviam deixar as pessoas honestas um pouco em paz». No entanto, agora as coisas parecem estar a mudar: «seja no Chile, no Brasil ou no Paraguai, as tentativas dos Boulangers sul-americanos fracassaram miseravelmente», regozija-se o jornalista suíço que parece muito otimista. Com efeito, acredita que agora os

¹⁰³ Este comentário ocupa a metade do editorial de duas colunas.

golpistas «vão pensar duas vezes antes de repetir as suas tentativas» porque terão de «enfrentar cidadãos e não miseráveis escravos, como antigamente».

C'est une série : après la République Argentine, le Chili, après le Chili, le Brésil, après le Brésil, le Paraguay ; tous les États de l'Amérique du Sud y passeront successivement, pour peu que cela continue. On nous annonce, en effet, que la dernière tentative révolutionnaire qui s'est produite au Paraguay aura son contrecoup ailleurs et que l'Uruguay pourrait bien lui-même entrer bientôt en danse.

De tous temps la révolte militaire a été à l'état endémique dans le continent sud-américain; dans ces bienheureux pays, l'armée est comme le sabre de M. Prud'homme; elle sert à défendre les institutions et au besoin à les renverser, surtout à les renverser. Ce n'est pas pour rien que les Argentins, les Brésiliens, les Paraguayens sont d'origine ibérique; ils ont gardé de l'ancienne domination espagnole un goût particulier pour les *pronunciamientos*; on pourrait dire, jouant sur ce dernier mot, que là-bas fidélité militaire se *prononce* révolte. Nous sommes habitués à ces convulsions soldatesques qui reviennent périodiquement; cependant nous commençons à trouver que les rastaquouères de l'Amérique du Sud abusent un peu du droit qu'ont les militaires mécontents de se prononcer; ils devraient bien laisser les honnêtes gens tranquilles; la masse laborieuse et probe des Sud-Américains se passerait très bien de leurs services.

Ce qui console toutefois, au milieu de ce débordement de viles passions ambitieuses, c'est l'attitude nouvelle des populations que les Césars de rencontre s'obstinent à prendre comme champs d'expériences de leurs tentatives. Il fut un temps qui n'est pas très éloigné où le premier colonel venu pouvait se payer le luxe d'une révolution prétorienne heureuse; il lui suffisait de réunir quelques centaines d'hommes, de s'emparer par trahison du siège du gouvernement et le tour était joué, le nouveau dictateur s'installait dans l'appartement de l'ancien et y restait jusqu'à ce qu'un autre vint l'en déloger par des procédés analogues; le bon peuple, lui, courbait la tête, acceptait le fait accompli; peu lui importait que son nouveau chef s'appelât Pablo ou Juan, qu'il fût un Bolivar ou un Soulouque.

Nous constatons aujourd'hui avec joie que tout cela a changé et c'est un spectacle consolant de voir que, soit au Chili, soit au Brésil, soit au Paraguay, les tentatives des Boulangers américains ont échoué misérablement. La démocratie des États jadis gangrenés par les prétoriens prend peu à peu les mœurs de la liberté; elle ne veut plus de ces sauveurs de rencontre qui lui imposaient naguère leur camarilla dévoratrice; elle entend l'appliquer dans le sens de l'adage cicéronien: *Cedant arma togae*¹⁰⁴.

C'est un grand bien pour l'Amérique latine, que Balmaceda ait été obligé de mourir pour fuir le châtiment, que Deodoro da Fonseca se soit démis avant qu'on l'ait contraint à se soumettre et que les rastaquouères du Paraguay aient été étrillés d'importance. Il est probable que désormais les faiseurs de coups d'État y regarderont à deux fois, avant de renouveler leurs tentatives. En tout

¹⁰⁴ Que as armas cedam o lugar à toga.

cas, s'ils recommencent, ils trouveront maintenant devant eux des citoyens au lieu des vils esclaves d'autrefois.

9. *Gazette de Lausanne*, 1 de dezembro¹⁰⁵

A saída de Deodoro parece ter afastado, «pelo menos por algum tempo», o perigo duma guerra civil, observa o jornal que lamenta, mais uma vez, que estas mudanças sejam provocadas por «pronunciamentos militares», perante uma população «impassível». Quanto ao seu sucessor, adverte o editorialista, é preciso esperar para ver se irá respeitar ou não o parlamento e a constituição.

La démission forcée de M. Deodoro da Fonseca a subitement modifié la situation au Brésil. Le danger de la guerre civile paraît conjuré, du moins pour quelques temps, s'il est vrai que les insurgés du Rio-Grande do Sul ont reconnu le nouveau gouvernement et que celui-ci est décidé à rentrer dans les voies légales.

Ce qui est d'un mauvais goût pour l'avenir du Brésil, c'est que ce changement est dû à un *pronunciamento* militaire. Quelques officiers généraux de l'armée de terre ont renversé l'empire; aujourd'hui la marine entre en scène et renverse à son tour le dictateur des soldats. Dans la capitale, la population assiste impassible à ces péripéties qui ne semblent pas avoir le moindre rapport avec les évolutions de l'opinion publique.

¹⁰⁵ O editorial de três colunas trata de quatro temas. O comentário sobre o Brasil ocupa cerca de meia coluna.

On assure que le parti de dom Pedro est encore puissant dans les provinces du nord, notamment à Bahia, et dans la marine. Cependant rien n'autorise à supposer que les impérialistes aient exercé une influence appréciable sur la marche des événements qui ont amené la chute du dictateur.

Son successeur, le général Peixoto, est un ancien ministre de la guerre, un conspirateur camarade de Fonseca. De pareils antécédents justifieraient un certain scepticisme à l'égard de la politique future de M. Peixoto qui se pose actuellement en défenseur de la légalité constitutionnelle. Le rétablissement de la tranquillité au Brésil dépend de la sincérité de la conversion de M. Peixoto. Si ce personnage, renonçant aux velléités dictatoriales qui ont coûté le pouvoir à M. da Fonseca, consent à s'effacer devant le futur congrès, l'unité nationale sera peut-être maintenue, malgré le conflit des intérêts matériels; sinon, le pronunciamento maritime n'aura servi qu'à aggraver le précédent créé par M. da Fonseca, et le séparatisme ne tardera pas à reprendre le dessus dans la région du Rio-Grande do Sul.

Capítulo 6

A Queda de Deodoro na imprensa belga

1. L'Indépendance Belge, 24 de novembro. 106

O editorialista retifica a interpretação dada até então na Europa da revolta do Rio Grande: é «contra a ditadura do marechal da Fonseca», «uma guerra civil provocada pelos abusos do poder» do presidente. Porém, tudo pode mudar rapidamente e quando o ditador for deposto, os vencedores poderão entrar em conflito violento entre eles.

De qualquer forma, está-se a preparar uma luta brutal, porque, tal como Balmaceda no Chile, Deodoro não está disposto a recuar. E da guerra civil que se está a preparar, pode resultar uma secessão, uma restauração monárquica ou, também, a permanência da atual ditadura.

On commence à y voir un peu plus clair dans un côté des événements du Brésil. L'insurrection du Rio-Grande do Sul n'avait ni le caractère purement local qu'on lui avait attribué récemment, ni le caractère ouvertement séparatiste qu'on lui avait prêté généralement au dehors. C'est une révolte soulevée par et contre la dictature du maréchal da Fonseca. Elle vise directement à amener la déposition de celui-ci et le retour au régime républicain libéral qui existait avant la récente dissolution du Congrès et l'établissement du pouvoir personnel. Pour le moment, la situation des insurgés est donc celle des congressistes chiliens, peu après les premiers actes inconstitutionnels du président Balmaceda. Il ne s'agit pas pour le moment d'un mouvement de sécession, mais d'une guerre civile amenée par les abus de pouvoir du premier magistrat de la Confédération.

¹⁰⁶ Este editorial é dividido em duas partes: a primeira comenta a visita a Paris do ministro russo dos Negócios estrangeiros; a segunda, de quase uma coluna, analisa a crise brasileira.

La situation du Brésil est telle, toutefois, que l'aspect des choses y pourrait changer d'un moment à l'autre. Cet immense territoire, presque aussi vaste que tous les États de l'Europe réunis, et peuplé à peine de quinze millions d'habitants, manque totalement d'homogénéité, et c'est un miracle que les divers États qui le composent, tous plus ou moins jaloux de leur autonomie, soient restés si longtemps unis, malgré tant d'intérêts et la distance qui les séparent. S'il est vrai que plusieurs des États du Nord partagent le sentiment qui arme actuellement le Rio-Grande do Sul contre le maréchal da Fonseca et que d'autres ont conservé un reste d'attachement monarchique, une entente commune s'établira peut-être contre le dictateur. Mais une fois le mouvement accompli, rien ne garantit que les vainqueurs ne se querelleraient pas violemment entre eux, chacun visant à la prépondérance, les provinces du Sud sur celles du Nord, et vice-versa, et chacun menaçant de l'ériger en République indépendante, si la haute main ne lui est pas reconnue.

En tout état de cause, une lutte violente semble se préparer; car le maréchal da Fonseca paraît aussi peu disposé que le fut M. Balmaceda à obéir aux sommations des insurgés qui le mettent en demeure d'abdiquer le pouvoir. Le dictateur procède comme si sa dictature était la chose la plus régulière du monde et comme si personne n'en contestait la légalité. Il vient de fixer au 29 février les élections pour la constitution d'un nouveau Congrès, s'accordant ainsi à lui-même plus de trois mois de pouvoir absolu, et dictant, de plus, au futur et lointain Congrès les changements qu'il devra apporter à la Constitution républicaine et qui auraient pour résultat la confiscation de l'indépendance

législative au profit du pouvoir exécutif, une sorte de transformation de la dictature provisoire en dictature définitive et permanente. C'était un peu la façon d'agir de M. Balmaceda.

Nous ignorons encore si le dictateur du Brésil a plus de chances de réussir que celui qui a si tristement fini à Santiago. Quoi qu'il en soit, on ne peut plus guère douter des périls que fait courir l'attitude du maréchal à son pays. Une guerre civile semble se préparer qui peut se dénouer par une sécession, peut-être par une réaction monarchique. Si elle aboutissait au maintien du statu quo, c'est-à-dire de la dictature, cela ne vaudrait guère mieux que l'une ou l'autre de ces événements.

2. L'Indépendance Belge, 25 de novembro¹⁰⁷

Sem nenhuma possibilidade de resistir, perante a «explosão do descontentamento da população» da capital, «apoiada pela marinha», Deodoro pediu a demissão, evitando dessa forma uma guerra civil ao Brasil, felicita-se o editorialista, nada surpreendido com o desenrolar dos acontecimentos.

Mas nem tudo fica resolvido, sublinha o jornal belga: ignora-se qual será a atitude do sucessor e, também, se «a província do Rio Grande ficará satisfeita» com a queda do marechal ou irá «proclamar a sua independência».

Les événements se précipitent au Brésil. La dictature a déjà cessé, d'être du moins dans la personne du dictateur lui-même. Ainsi que nous

¹⁰⁷ Também este editorial é dividido em duas partes: a primeira comenta a queda de Deodoro; a segunda, de quase uma coluna, a remodelação do executivo espanhol.

l'annonçaient les dépêches publiées dans notre première édition de ce soir, le maréchal da Fonseca a brusquement, mais très prudemment donné sa démission de président de la République devant l'impopularité de son coup d'État et du projet réactionnaire de révision constitutionnelle lancé par lui. Ne voulant pas et ne pouvant plus guère se soumettre, il a résolu se démettre, adoptant sagement le mémorable exemple d'un président d'une République européenne, plutôt que celui de M. Balmaceda.

Cela n'a rien qui puisse nous étonner. Dès le premier jour, nous avions signalé le caractère absolument illégal du coup de force par lequel le maréchal da Fonseca avait dissous le Congrès, et nous persistions dans la croyance que son coup d'État devait soulever l'opinion contre lui, malgré les efforts que faisaient les dépêches officielles pour nous induire à croire que le pays acceptait tranquillement et même avec satisfaction le nouvel ordre des choses.

On sait que le gouvernement insurrectionnel de la province de Rio-Grande do Sul — la seule, prétendait-il, qui blâmât l'attitude de la dictature — avait sommé M. da Fonseca de déposer le pouvoir usurpé par lui. Ce n'est pas à cette injonction que le maréchal a obéi; il a cédé devant l'explosion du mécontentement de la population de Rio-de-Janeiro, qui s'est soulevée contre lui, avec l'appui de la marine, ce qui atteste bien le caractère général de l'irritation provoquée par l'établissement de la dictature. Si le président de la République ne s'était hâté d'abdiquer le pouvoir, c'était une guerre civile aussi sanglante que celle du Chili qui éclatait sûrement.

Il s'en faut que la paix soit entièrement assurée encore, ou du moins, il s'en faut qu'un journal européen puisse la certifier. D'après la loi constitutionnelle, c'est le vice-président de la République, l'ex-ministre de la guerre Floriano Peixoto qui a pris possession de la présidence, en remplacement du maréchal da Fonseca. Nous ne savons, naturellement, quelles dispositions il apporte au pouvoir, quelles mesures il prendra pour rétablir les choses dans leur ancien ordre, ou ce qu'il adviendra des intrigues provoquées et de certaines aspirations monarchistes réveillées par le trouble et la confusion des dernières semaines. La province de Rio-Grande se déclara-t-elle satisfaite ou les velléités séparatistes qui ont pu y être excitées par les derniers événements, l'amèneront-elles à proclamer son indépendance ou à revendiquer une influence exagérée dans la direction des affaires fédérales? Autant de questions dont nous n'aurons apparemment pas la solution avant quelques jours.

Ce qui est certain, c'est que la crise brésilienne entre dans une nouvelle phase qui a plus de chances de se terminer heureusement que la précédente, mais qui est susceptible aussi de complications, si le nouveau chef du pouvoir exécutif n'est pas résolu à observer la légalité et la volonté nationale plus fidèlement que le dictateur aujourd'hui démissionnaire.

3. A.S., «LA RÉVOLUTION AU BRÉSIL», *La Réforme*, 25 de novembro¹⁰⁸

Para explicar os recentes acontecimentos, o jornal resume os últimos vinte anos da história brasileira. Este texto é muito tendencioso: nomeadamente, denigre o papel tido por D. Pedro II e atribui ao partido republicano todos os méritos da abolição da escravatura. Dá também uma visão muito redutora e simplista do 15 de novembro de 1889.

Na última parte, critica o militarismo e Deodoro que considera como um homem «pouco inteligente». Lamenta também o desaparecimento de Benjamin Constant. Exclui um regresso da monarquia e prevê a médio prazo, depois da proclamação da independência de cada província, a formação de «uma federação à semelhança dos Estados Unidos da América do Norte».

Pour comprendre les événements qui se passent actuellement au Brésil, il est nécessaire de rappeler l'histoire des vingt dernières années, car les faits actuels sont la conséquence logique de la campagne menée par les libéraux et les républicains contre les conservateurs, possesseurs d'esclaves, dont le sort était étroitement lié au maintien de ce monstrueux abus.

L'ESCLAVAGE

Dès 1826, le gouvernement anglais demanda au Brésil d'abolir l'esclavage : il conclut même avec l'empire une convention pour réprimer la traite des nègres. Mais elle resta lettre morte et les négriers parvinrent à échapper à la vigilance des croiseurs anglais.

¹⁰⁸ Este artigo ocupa quase 30 % da primeira página.

La quantité de nègres enlevés d'Afrique et transportés au Brésil s'éleva officiellement à 325,615 individus, de 1842 à 1851. En plein Congrès, le baron de Maua avoua, en 1857, sans que personne ne songeât à protester, que jusqu'à cette date, le Brésil avait importé annuellement, malgré la convention, environ 54,000 Africains. On vota une loi assimilant les nègres à des pirates : mais on ne l'appliqua pas ; elle fut audacieusement violée par ceux-là mêmes qui devaient la faire respecter : le gouvernement, les fonctionnaires, les planteurs, les négociants, tout le monde s'entendait pour continuer le honteux trafic de chair humaine.

LA LOI DU VENTRE LIBRE

Le parti libéral continua cependant une active propagande pour abolir l'esclavage. Le triomphe de sa cause aux États-Unis lui donna une grande force morale. En 1871, il y avait encore 1,500,000 esclaves sur une population de onze millions d'habitants. À cette date, la *loi du ventre libre*, proposée par le ministre libéral Juan Alfredo [sic!] déclara libres les enfants nés d'une femme esclave, affranchit les esclaves appartenant aux successions en déshérence et ceux que leurs maîtres délaissaient. Un fonds de dix millions fut créé pour hâter l'émancipation: mais le gouvernement ne l'utilisa guère, de peur de troubler la sécurité des planteurs. Les possesseurs d'esclaves ne prirent plus aucune mesure pour protéger la vie des nègres nouveaux-nés et la mortalité parmi ceux-ci devint effrayante.

La loi était donc insuffisante, inefficace. Pour arrêter le progrès du parti républicain qui commençait à s'affirmer et qui demandait l'abolition radicale, l'empire songea à abolir l'esclavage en indemnisant les propriétaires. Ce moyen terme ne fut pas admis par le parti avancé dont le mot d'ordre fut l'abolition immédiate et sans indemnité.

Des conservateurs puissants firent entendre des protestations et des menaces : l'abolition même avec indemnisation était considérée par eux comme une spoliation.

LA GRÈVE GÉNÉRALE DES ESCLAVES

Sur ces entrefaites, un événement imprévu jeta le désarroi dans le parti conservateur: la grève générale des esclaves. Un beau jour, les trois cents esclaves d'une fazenda (ferme), réunis le matin pour recevoir les ordres du maître, lui déclarèrent qu'ils refusaient dorénavant de lui obéir et qu'ils reprenaient leur liberté. Et ils s'en allèrent tous! Le même fait se produisit dans bon nombre de fazendas. Il y avait là évidemment un mot d'ordre qui venait du parti républicain, car, pour empêcher les esclaves de se rencontrer le dimanche, de temps immémorial les propriétaires des fazendas voisines s'entendaient pour choisir chacun un jour différent pour le repos hebdomadaire. Le gouvernement envoya des troupes pour rétablir l'ordre. Mais l'armée elle-même était acquise au mouvement antiesclavagiste. Le club militaire de Rio de Janeiro fit savoir au gouvernement qu'il ne fallait pas compter sur les officiers ni sur les soldats pour la répression.

Les abolitionnistes du reste recueillaient et protégeaient les esclaves qui avaient abandonné leurs maîtres. Ils organisèrent en outre un système d'échanges fort habile : ils envoyèrent les anciens esclaves d'une localité dans une autre où les bras manquaient pour la culture et les y firent engager comme ouvriers libres. La répression violente que les conservateurs avaient espérée fut donc rendue impossible.

DOM PEDRO EN VOYAGE

Ceci se passa en 1888. L'empereur, au milieu de cette agitation, ne sut prendre de résolution virile et digne. Il partit en voyage, laissant la princesse régente le soin des affaires. Les abolitionnistes lui conseillèrent, pour calmer le pays, de révoquer le ministère de la réaction qui ne voulait rien céder et réprimer violemment l'émeute. Elle tomba dans le piège, en se montrant favorable aux esclaves qui fuyaient et en maltraitant le chef du parti de la réaction, le baron Cotegipe, lequel se retira furieux. Il y eut un successeur Juan Alfredo [sic!] qui était l'auteur de la loi de 1871 de l'émancipation par le ventre. Il forma un ministère d'abolition sans indemnisation. La loi qu'il proposa fut discutée et votée en moins de huit jours, et la comtesse d'Eu la promulgua sur l'heure. De ce jour, l'empire fut condamné au Brésil: il avait perdu l'appui des conservateurs.

En effet, le parti républicain avait en réalité aboli illégalement, révolutionnairement, l'esclavage, en provoquant l'abandon des fazendas et en prenant sous sa protection les esclaves qui fuyaient leurs maîtres. Les esclaves émancipés par le décret de la régente n'avaient aucune gratitude pour le gouvernement auquel leur émancipation avait été arrachée; c'est au parti républicain qu'ils devaient leur liberté. Quant aux conservateurs, leur

ressentiment contre l'empire fut des plus violents : ils l'accusaient de les avoir abandonnés et d'avoir consommé une iniquité à leur égard en ne les indemnisant pas. Telle fut la première phase de la lutte du parti républicain contre le régime impérial.

PROPAGANDE RÉPUBLICAINE

L'esclavage aboli, l'abolition du régime impérial devint le mot d'ordre des libéraux qu'inspirait un homme d'une grande envergure, Quintino Bocaiuva, rédacteur politique du journal le *Pays*. Pour réussir, il fallait avoir l'armée avec soi. La propagande se fit donc avec persévérance et habileté parmi les officiers et les soldats. Benjamin Constant professait à l'école militaire et à l'école polytechnique : par son caractère élevé et sa science, il exerçait sur les élèves une grande influence. Il était républicain et ne s'en cachait pas. Du reste, tous les hommes indépendants et de quelque valeur étaient dès cette époque des adversaires de l'empire.

L'empereur, sur le compte duquel on s'est fort trompé en Europe, n'a jamais agi d'une manière franche et loyale. Il ne voulait autour de lui que des courtisans et son grand moyen de gouvernement était la corruption. Dès qu'il voyait un homme s'élever par sa propre valeur, il le redoutait et cherchait par des moyens détournés à l'abaisser ou à le déshonorer. Benjamin Constant, qui avait été le précepteur du prince héritier, avait envoyé jadis sa démission parce que l'empereur n'admettait pas qu'il fît des observations à son élève. Depuis, Dom Pedro avait en diverses circonstances chercher à humilier Benjamin Constant.

Dans l'armée, ces pratiques de corruption, de favoritisme avaient provoqué bien des mécontents et fait naître l'indiscipline. L'empereur, prévoyant que cette force allait lui échapper, eut le projet de dissoudre indirectement l'armée en exilant dans les provinces éloignées les officiers connus comme républicains. Fonseca, ami de Benjamin Constant, fut mis par celui-ci au courant des mesures qui allaient être prises et se décida à renverser et à proclamer la République. C'est ce qui eut lieu le 15 novembre 1889.

LE MILITARISME

Le général Fonseca n'est pas un esprit supérieur, un républicain de principe. Son intelligence est fort médiocre. Il ne fut dans toute la campagne qu'un instrument : Benjamin Constant et Quintino Bocaiuva voulaient une vraie république, libérale et antimilitariste. Le militarisme surtout leur paraissait comme incompatible avec un régime de liberté. Le général Fonseca n'y put rien comprendre. Il devint un embarras et un danger pour la République. Malheureusement, Benjamin Constant mourut en janvier 1891. Il eût peut-être évité au pays les dangers qu'il court actuellement et qui n'ont d'autre cause que l'ambition inintelligente de Fonseca.

La Chambre voulut mettre un terme aux prétentions de Fonseca et au système militaire. Elle vota des lois limitant le droit de veto du président. Le frère de Fonseca faisait partie de la Chambre, contrairement à la loi défendant le cumul des fonctions de gouverneur et de membre de la législature. Comme il votait contre la loi limitant le veto présidentiel, et qu'il manquait une voix pour

qu'elle passât, la Chambre annula son vote. Le lendemain, le président Fonseca faisait le coup d'État et se proclamait dictateur.

LES ÉTATS-UNIS DU BRÉSIL

Cette contre-révolution ne pouvait réussir. Les Brésiliens ont horreur du militarisme. Aussi avons-nous vu la province la plus importante de ce pays, Rio-Grande-do-Sul, refuser de reconnaître l'autorité usurpée du dictateur et tenir celui-ci en échec. D'autres provinces ont suivi ce mouvement de résistance. Aujourd'hui da Fonseca est renversé et le vice-président, Fl. Peixoto a repris ses pouvoirs. C'est probablement la fin de ce mouvement. Une restauration impériale, rêvée par quelques-uns, souhaitée naturellement par Dom Pedro et surtout par la princesse d'Eu, est impossible: le principe monarchique est mort en Amérique. Mais il est dans la nature des choses que les provinces du Brésil proclament leur indépendance et constituent dans un avenir peu éloigné une fédération à l'instar des États-Unis de l'Amérique du Nord.

Ce sera la dernière phase de la révolution du Brésil, dont la chute de Fonseca assure heureusement le triomphe.

4. *Le Courrier de l'Escault*, 25 de novembro¹⁰⁹

Afinal, «a insurreição do Rio Grande do Sul é contra a ditadura de Fonseca» que, aliás, já teve de se demitir perante a revolta da esquadra no Rio.

¹⁰⁹ Este artigo ocupa cerca de um terço de coluna na primeira página.

On avait bien raison de n'ajouter aucune foi aux nouvelles officieuses du Brésil donnant à l'insurrection du Rio-Grande un caractère purement local : on ne peut nier aujourd'hui que ce soit une révolte contre la dictature de Fonseca, qui n'est, du reste, déjà plus dictateur ni même président : une dépêche nous annonce en effet qu'il a dû se démettre de ses fonctions devant le soulèvement de la province de Rio-Janeiro, soulèvement qui a à sa tête l'escadre brésilienne.

5. *La Meuse*, 25 de novembro¹¹⁰

«Uma coligação de descontentamento» acabou por obrigar o marechal a sair da cenário político, escreve o jornalista que, contrariamente à maioria dos seus colegas, não estava à espera da demissão do antigo presidente.

Quanto ao futuro, ninguém sabe o que será do Brasil, «nem sequer os que fizeram esta última revolução brasileira».

Le Brésil s'est donné pour mission de préparer chaque jour une surprise à l'Europe.

Le maréchal Deodoro da Fonseca vient de donner sa démission de Président de la République.

Cette nouvelle est singulièrement inattendue et l'on n'imaginait guère que le dictateur dût se démettre si tôt du pouvoir : avant-hier encore, nous

¹¹⁰ Este editorial, que ocupa a primeira coluna, é quase todo dedicado à queda de Deodoro da Fonseca.

publiions un décret de lui fixant la date des élections pour le futur Congrès brésilien et annonçant toutes sortes de réformes autoritaires de la Constitution. Tout cela ne marquait pas trop l'intention de se retirer; mais il semble, autant les événements nous sont connus, que cette sorte de nouveau coup d'État ait eu enfin raison de la longue patience des Brésiliens; la population de Rio-de-Janeiro aurait manifesté des intentions de révolte; quelques coups de fusils auraient été tirés, des bureaux de rédaction des journaux gouvernementaux saccagés et l'arsenal maritime occupé par les mécontents; enfin, les officiers de marine se seraient prononcés contre le dictateur. Bref, celui-ci, ayant contre lui et la capitale et les provinces les plus influentes, s'est décidé à la retraite. Il fait publier un Manifeste par lequel il déclare que, pour éviter la guerre civile, il remet le pouvoir au général Floriano Peixoto, vice-Président de la République.

Voilà exposé, par ce que la censure veut bien laisser passer des dépêches, la révolution nouvelle.

[...]

Pour le moment, tout ce que l'on peut dire avec quelque assurance, c'est que la dictature militaire, surtout mise au service d'une spéculation effrénée, a provoqué dans le Brésil une coalition de mécontentements dont tous les éléments n'ont certes pas la même valeur, mais qui n'en semble pas moins trop forte pour que la coterie présidentielle ait pu lui opposer une résistance efficace ou puisse espérer prendre sa revanche sur elle. Quant à l'avenir ou même quant à ce qui touche aux conceptions d'avenir que se forment les

vainqueurs du jour, il vaut mieux confesser franchement qu'à cette distance des hommes et des événements il est difficile de s'en faire une idée nette.

Que sortira-t-il de ces convulsions ? Le gouvernement futur sera-t-il *Dieu, table ou cuvette ?* Sera-ce la monarchie ou la République, l'une ou l'autre sous la forme unitaire ou sous la forme fédérative, qui l'emportera ? L'unité nationale résistera-t-elle aux tendances centrifuges des provinces ou y succombera-t-elle ?

Chi lo sa ? pas même probablement les auteurs de la dernière révolution brésilienne¹¹¹.

6. *L'Indépendance Belge*, 26 de novembro¹¹²

As notícias que chegam do Brasil parecem «tranquilizantes», nota o jornalista, com o novo presidente que parece querer voltar à via constitucional, e com o fim da revolta no Rio Grande do Sul. «Não podemos ainda afirmar que a crise esteja completamente resolvida» e pode ainda haver algumas tentativas dos monarquistas, mas talvez «o atentado do marechal da Fonseca contra as liberdades» tenha «servido para consolidar e não para abalar a República», conclui o jornal de Bruxelas.

Les dernières nouvelles du Brésil sont des plus rassurantes. Il semble que le successeur du maréchal da Fonseca à la présidence, le général Floriano

¹¹¹ Os três últimos parágrafos deste artigo são copiados do editorial de *Le Temps* da mesma data. Cf. Cap. 4, Texto 3.

¹¹² A 26 de novembro, *L'Indépendance Belge* publica um longo editorial; meia coluna é dedicada ao Brasil.

Peixoto, soit inspiré des intentions les plus libérales et décidé à rétablir le *statu quo ante*, à effacer au plus vite les traces de la dictature de son prédécesseur, pour rentrer dans le droit constitutionnel. Il a déjà rendu la liberté à la presse que le maréchal da Fonseca avait si complètement bâillonnée; il a levé l'état de siège et formé un ministère qui paraît composé d'éléments populaires.

Ce qui est de meilleur augure encore, c'est que la province de Rio-Grande do Sul a désarmé et reconnu le général Peixoto comme président de la République. La rébellion de cette partie du Brésil ne cachait donc pas une arrière-pensée de sécession, comme on avait pu le penser. Elle visait uniquement le régime dictatorial établi par le maréchal da Fonseca et n'eût dégénéré en mouvement séparatiste que si celui-ci était resté le chef du gouvernement fédéral. Le dictateur écarté, les insurgés se déclarent satisfaits et rentrent eux-mêmes dans la stricte légalité; et il en sera probablement de même des mécontents de la province de Para, qui commençaient à s'agiter contre la dictature, au moment où elle est tombée.

Nous ne pouvons prétendre encore que la crise soit absolument terminée. Il est vraisemblable, dans tous les cas, que l'ancien parti impérialiste, encouragé par les derniers événements à douter de l'invulnérabilité de la République, ne perdra plus une seule occasion de chercher à l'affaiblir, peutêtre avec la complicité du groupe de faux républicains qui a fait le coup d'État avorté. Mais, dès aujourd'hui, la situation a pris une tournure infiniment meilleure; et si le nouveau gouvernement sait profiter sagement de la leçon qui découle de l'attentat du maréchal da Fonseca aux libertés publiques, cette crise

aura peut-être servi à consolider plutôt qu'à ébranler la République ; ç'aura été pour elle une sorte de baptême du feu qui l'aura aguerrie pour les luttes futures contre les partis d'opposition.

7. «La nouvelle révolution du Brésil», *Le Courrier de l'Escault*, 26 de novembro¹¹³

Talvez com «algumas segundas intenções de restauração monárquica», a marinha, com o apoio da opinião pública, obrigou Deodoro a demitir-se. Ninguém o defendeu, nem sequer a sua «guarda pretoriana», nota o jornal, segundo o qual os brasileiros devem estar agora cansados da sua República «que só lhes trouxe ruínas e misérias».

La révolution qui couvait sous les cendres au Brésil a fini par éclater. Deux ans et huit jours après la date du *pronunciamiento* militaire qui renversait la monarchie de dom Pedro et expulsait la dynastie de Bragance, un mouvement insurrectionnel a mis fin à la dictature du maréchal da Fonseca.

Ce régime a vécu sans gloire: il tombe sans honneur. Le mécontentement était aussi profond que général dans les rangs de la population civile. Le maréchal-président violait les libertés dont l'établissement ou la consolidation avait été le prétexte de la révolution du 15 novembre 1889; il compromettait l'unité nationale, qu'il pratiquait avec une

¹¹³ Este artigo, largamente inspirado e em parte copiado do editorial de *Le Temps* da véspera, ocupa cerca de um terço de coluna na primeira página.

désinvolture tout argentine un système de gestion financière mettant en péril le crédit même du Brésil.

Poussée par l'opinion publique, la flotte a braqué ses canons sur Rio-Janeiro, débarqué ses équipages et provoqué dans les rues de la capitale une insurrection victorieuse.

La lutte ne paraît pas avoir été ni vive ni longue. La fameux cercle du *Gremio militar*, qui devait servir de cadres à une sorte de garde prétorienne du président, ne semble pas avoir jeté dans la balance avec beaucoup d'ardeur le poids de ses épées. Même c'est son chef, le vice-président de la République, le général Floriano Peixoto, qui a été appelé à succéder au maréchal da Fonseca.

Les opinions de certains des chefs de la marine qui ont pris part au mouvement, notamment du commodore Saldanha de Gama, donnent à supposer que des arrière-pensées de restauration monarchique pourraient bien n'être pas étrangères à cette entreprise.

Les folies les plus courtes sont les meilleures : les Brésiliens doivent avoir maintenant assez de leur République, qui ne leur a apporté que ruines et misères.

Periódicos consultados

França:

Croix, La Suíça :

Écho de Paris, L' Estafette, L'

Figaro, Le Feuille d'Avis de Lausanne

Gaulois, Le Gazette de Lausanne

Gil Blas Impartial, L'

Illustration, L' Journal de Genève

Journal des Débats Liberté, La

Justice, La Nouvelliste Vaudois, Le

Liberté, La Revue, La

Matin, Le

Petit Journal, Le

Petit Parisien, Le Bélgica:

Rappel, Le Courrier d'Escault, Le

Revue des Deux Mondes Indépendance Belge, L'

Siècle, Le Meuse, La

Temps, Le Réforme, La

Univers, L'

XIX^e siècle, Le

Résumé en français



À gauche, Deodoro da Fonseca (1827-1891), premier président du Brésil du 15 novembre 1889 au 23 novembre 1891; à droite, Floriano Peixoto (1839-1895), premier vice-président du Brésil du 25 février au 23 novembre 1891 et ensuite président jusqu'au 15 novembre 1894.

Le maréchal Deodoro da Fonseca, déjà à la tête du gouvernement provisoire mis en place après la chute de D. Pedro II en novembre 1889, est élu président de la République le 25 février 1891 par l'Assemblée constituante¹¹⁴, le lendemain de la promulgation de la Constitution. Celle-ci, largement inspirée par celle des Etats-Unis d'Amérique, institue le fédéralisme, la séparation entre l'Église et l'État, les trois pouvoirs (exécutif, législatif et judiciaire), le suffrage masculin limité (les analphabètes en sont exclus) et un régime présidentiel. À l'époque, le président des États-Unis du Brésil est élu pour un mandat unique de quatre ans.

Assez rapidement surgissent des conflits entre le Parlement et Deodoro. En effet, celui-ci supporte difficilement les interventions des députés qui souhaitent limiter le pouvoir de l'exécutif. Ils l'accusent notamment d'autoritarisme, de favoriser les intérêts de ses amis et parents et de mener une politique économique et surtout financière catastrophique, marquée par une inflation galopante.

Le 3 novembre 1891, par un coup d'État, le maréchal dissout le Congrès. Afin de justifier son acte dictatorial, le président publie ensuite un manifeste. Dans ce long document, il accuse le Parlement d'attitude hostile à l'égard de l'exécutif, de vouloir s'arroger des attributions réservées au gouvernement, de provoquer l'anarchie et de travailler à une restauration de l'ancien régime.

¹¹⁴ Il obtient 129 voix contre 96 attribuées à Prudente de Morais (1841-1902). Celui-ci sera à la tête de l'État de 1894 à 1898.

Les congressistes répondent par un autre manifeste, «À la Nation brésilienne». Les députés rejettent toute connivence avec les monarchistes et considèrent ce coup de force comme totalement injustifié. Ils censurent par conséquent cet acte despotique et tyrannique, en exhortant l'opinion publique à réagir afin de renverser cette dictature.

La tentative autoritaire du maréchal fait long feu. Le 23 novembre, face à la révolte de certains États, et notamment du Rio Grande do Sul, au manque de soutien de l'Armée, à l'hostilité de la Marine et de l'opinion publique, il quitte le pouvoir. Il est remplacé par le vice-président Floriano Peixoto.

* * *

Dans ce livre, nous avons choisi de présenter les éditoriaux et les commentaires des principaux journaux français ainsi que ceux des quotidiens francophones belges et suisses. Cette crise brésilienne suscite de nombreuses réactions et les principaux périodiques consacrent plus d'un éditorial à cette tentative autoritaire du maréchal.

Les organes de presse monarchistes et cléricaux, qui n'ont jamais porté cette jeune république dans leur cœur, ne cachent pas leur espoir d'assister, à brève échéance, à un retour des Bragance sur le trône abandonné le 15 novembre 1889. À l'opposé, les journaux plus à gauche dénoncent les tentatives de déstabilisation antirépublicaine de la part des forces réactionnaires et monarchistes.

La plupart des quotidiens plus modérés blâment cette nouvelle dictature et critiquent sans ambages le poids des militaires ainsi que la politique monétaire calamiteuse du gouvernement brésilien. Bien qu'ils ne se déclarent jamais favorables à un retour aux affaires de la dynastie déchue, ils se demandent ce que le Brésil a bien pu gagner en changeant de régime. Un nombre non négligeable d'entre eux craint même un démembrement du pays.

Tous les périodiques analysés dans cet ouvrage stigmatisent ouvertement la censure télégraphique. Ils avouent également qu'ils doivent lire trop souvent des dépêches contradictoires, ce qui rend aléatoire, voire impossible, une reconstitution et une analyse cohérentes des événements.

Le Rio Grande do Sul, en révolte contre Deodoro, occupe une place importante dans les commentaires journalistiques. Signalons également, dans *Le Figaro* du 7 novembre, l'interview de D. Pedro et deux longs articles envoyés depuis Pernambuco et Rio de Janeiro par le correspondant du quotidien *Le Temps*.

En ce mois de novembre 1891, ce sont les journaux de référence — le *Journal des Débats, Le Temps, L'Indépendance Belge*, mais également *Le Figaro* — qui consacrent le plus grand nombre d'éditoriaux à cette crise brésilienne. D'ailleurs, certains quotidiens régionaux belges et suisses copient, sans indiquer aucune référence, une partie ou l'intégralité des commentaires des deux premiers journaux que nous venons de citer.

En Suisse — et cela peut surprendre — c'est également le cas de la Gazette de Lausanne qui plagie, totalement ou en partie, trois éditoriaux du Journal des Débats et un du Temps. À l'époque, ce quotidien vaudois et le Journal de Genève sont les deux principaux quotidiens de la Suisse Romande. Ils sont lus bien au-delà des frontières de la Suisse francophone.

Le nombre d'articles dédiés à cette crise institutionnelle par les journaux français, belges et suisses, nous semble significatif et illustre l'importance, à leurs yeux, des événements qui se déroulent au Brésil. N'oublions pas que des Européens y avaient d'importants intérêts économiques et financiers.

Nous avons fait un choix, mais le lecteur pourra trouver dans tous les textes reproduits ici — environ quatre-vingts —, les principaux éditoriaux et commentaires sur le plus grand pays de l'Amérique du Sud parus dans la presse francophone, du 5 novembre 1891 à la veille de la mort de l'empereur D. Pedro, survenue à Paris le 5 décembre de la même année.



A Coleção Documentos tem por intento trazer ao público fontes manuscritas ou impressas, e ainda bibliográficas cujas edições estejam esgotadas ou se encontrem em difícil acesso. Seu fulcro são os documentos voltados à cultura em geral e, especificamente, aos fundamentos históricos e literários, com especial atenção às temáticas de cunho luso-brasileiro. Por meio desta Coleção, o CLEPUL e a Biblioteca Rio-Grandense unem forças para disponibilizar na rede mundial uma série de documentos que poderão fomentar pesquisas e/ou estimular a leitura de textos originais.

Echos de partout

Nous avons raconté hier les événements qui se sont produits lundi matin à Rio-de-Janeiro et qui ont amené la chute du président da Fonseca.

C'est le 15 novembre 1889 qu'a éclaté au



Brésil la révolution qui a amené la chute de l'empereur Dom Pédro et l'établissement d'un régime nouveau qui n'a pas tardé à être transformé en une véritable dictature au sprofit du Deodoro maréchal Fonseca.

Cette dictature avait soulevé d'énergiques protestations, et la lutte avait été vive entre le maréchal da Fonseça et le pouvoir législatif représenté par le Congrès. Le maréchal avait même récemment dissous ce Congrès, proclamé l'état de siège et établi un régime de violence qui a amené une coalition de tous les mécontents et provoqué une réaction irrésistible.



A Coleção Documentos tem por intento trazer ao público fontes manuscritas ou impressas, e ainda bibliográficas cujas edições estejam esgotadas ou se encontrem em difícil acesso. Seu fulcro são os documentos voltados à cultura em geral e, especificamente, aos fundamentos históricos e literários, com especial atenção às temáticas de cunho luso-brasileiro. Por meio desta Coleção, o CLEPUL e a Biblioteca Rio-Grandense unem forças para disponibilizar na rede mundial uma série de documentos que poderão fomentar pesquisas e/ou estimular a leitura de textos originais.













ISBN: 978-65-87216-12-6